

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

RAFAEL AMBONI DAL MORO

**A CONSTITUIÇÃO DA FILOGÊNESE NA OBRA TOTEM E TABU DE SIGMUND
FREUD**

CURITIBA

2018

RAFAEL AMBONI DAL MORO

**A CONSTITUIÇÃO DA FILOGÊNESE NA OBRA TOTEM E TABU DE SIGMUND
FREUD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca

CURITIBA

2018

*Ao meu avô, sua curiosidade, coragem e sagacidade, que
me inspiram a realizar este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Mariangela Amboni, a todo apoio e cuidado que sempre dedicou aos seus filhos. Agradeço também aos meus avós, Neusa Goetten e Valdir Amboni, por estarem presentes em toda a minha formação como pessoa, desde quando eu era uma criança; ao meu irmão, por nossa amizade, pela identificação.

Expresso minha gratidão com relação ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca, por acompanhar, ao longo desses três anos, meus equívocos e tentativas de acerto, pela disposição sincera, amigável e tolerante que sempre tem com seus orientandos.

Agradeço ao Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca, a Prof^a. Dr^a. Carlota Maria Ibertis, assim como ao Prof. Dr. Daniel Omar Perez, que participaram das etapas de qualificação e da defesa pública dessa dissertação. Obrigado pelas pontuações teóricas e outras contribuições ao longo do desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço ao PPGF em geral, pelo atendimento e acolhimento dos alunos. Ao Prof. Dr. Zeljko Loparic pelos ensinamentos sobre Kant e Freud. Ao Prof. Dr. Leo Peruzzo pelas aulas de filosofia contemporânea, sobre a filosofia da história de Hegel e Kant. Agradeço também ao Prof. Me. Willian Mac-Cormick Maron, pela oportunidade de participar do grupo de estudos sobre psicanálise e política.

Agradeço aos professores que, durante minha trajetória acadêmica, contribuíram instigando minha curiosidade. Obrigado Prof. Dr. Cloves Amorim, pelas horas de digitação, pelo incentivo à pesquisa. Agradeço ao Prof. Dr. Vagner Sassi pelos ensinamentos sobre Aristóteles, Sócrates e Nietzsche.

Agradeço aos meus amigos e a Emanuella, companhias que tornaram meu percurso um pouco mais doce.

Que fique claro para nós que,
através da junção de predisposições
inatas e influências durante os anos de
infância, todas as pessoas adquiriram
uma determinada idiosincrasia ao
conduzirem a sua vida amorosa [...]
(FREUD, 2017a/1912, p.107)

RESUMO

Entre as descobertas do período de escrita de *Totem e tabu*, texto no qual Freud investigou a história e a cultura humana, encontramos o núcleo sexual e infantil das neuroses. É importante observar isso por que, em tal obra, Freud também generalizou seus postulados sobre a organização sexual infantil, como o narcisismo e o complexo de Édipo, desde então elencados como disposições universais. Certas linhas de desenvolvimento surgiriam com regularidade na infância de todos os indivíduos, com respaldo em fatores inatos. O que levou Freud à hipótese das disposições filogenéticas foram as próprias exigências de sua teoria. Inicialmente, atribuiu às considerações etiológicas um grande destaque para as experiências do indivíduo, para os fatores vivenciados. Mas em determinados quadros clínicos, episódios do desenvolvimento e sintomas, era notável a presença dos fatores inatos. Assim, por exemplo, uma das teses defendidas em *Totem e tabu*, foi a de que no sofrimento neurótico há o predomínio do que é fantasiado sobre o que é vivido. As fantasias, por sua vez, são fatores internos ao sujeito, que forçam as vivências no sentido do esquema filogenético herdado. Essas ideias têm referência em Ernst Haeckel, em sua lei da recapitulação filogenética, além da herança do adquirido de Lamarck. Em nossa pesquisa consideramos que as teses apresentadas em *Totem e tabu* estão em continuidade com as investigações dos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905. Tomados em conjunto, pode-se dizer que tais obras apresentam um método de pesquisa guiado pelo enfoque clínico-ontogenético dos objetos de estudo e também pela dimensão filogenética. A noção de “séries complementares”, como Freud a apresentou, representaria a equação etiológica que, enfim, leva em conta fatores inatos e acidentais na teoria psicanalítica das neuroses.

Palavras-chave: Ontogênese; Filogênese; Psicanálise; Biologia; Freud.

ABSTRACT

Among the discoveries of the writing period of Totem and Tabu, a text in which Freud investigated human history and culture, we find the sexual and infantile nucleus of the neuroses. It is important to note this, because in such a work Freud also generalized his postulates about child sexual organization, such as narcissism and the Oedipus complex, treating them since then as universal dispositions. Certain lines of development would arise with regularity in the childhood of all the individuals, with support in innate factors. What led Freud to the hypothesis of phylogenetic dispositions was the very demands of his theory. Initially, he attributed to etiological considerations a great emphasis on the experiences of the individual, for the experienced factors. But in certain clinical pictures, episodes of development and symptoms, the presence of innate factors was remarkable. Thus, for example, one of the theses defended in Totem and Tabu was that in neurotic suffering there is the predominance of what is fantasized about what is lived. These ideas have reference in Ernst Haeckel, in his law of the phylogenetic recapitulation, besides the inheritance of the acquired one of Lamarck. In our research we consider that the theses presented in Totem and Tabu are in continuity with the investigations of the Three Essays on the Theory of Sexuality, 1905. Taken together, it can be said that such works present a method of research guided by the clinical-ontogenetic approach of the objects of study and also by the phylogenetic dimension. The notion of "complementary series", as Freud put it, would represent the etiological equation which, in the end, takes into account innate and accidental factors in the psychoanalytic theory of the neuroses.

Key-words: Ontogenetics; Phylogenetics; Psychoanalysis; Biology; Freud.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DO CONTATO INICIAL DE FREUD COM A BIOLOGIA EVOLUCIONARIA.....	21
3 DELIMITAÇÃO E DEFINIÇÃO DE OBJETO.....	30
4 SOBRE A CONCEPÇÃO DAS AFASIAS E A ORIGEM DAS REPRESENTAÇÕES.....	34
5 A SEXUALIDADE INFANTIL.....	46
5.1 MITO E FILOGÊNESE.....	50
5.1.1 ONTOGÊNESE E FILOGÊNESE.....	55
6 TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE	60
6.1 FIXAÇÃO E REGRESSÃO DA LIBIDO.....	71
7 TOTEM E TABU.....	75
7.1 TABU, CONSCIÊNCIA E AMBIVALÊNCIA DOS SENTIMENTOS.....	77
7.2 NARCISISMO, ANIMISMO E FANTASIA.....	82
7.3 TOTEMISMO, EXOGAMIA E COMPLEXO DE ÉDIPO.....	89
7.4 A UNIVERSALIDADE DO COMPLEXO DE ÉDIPO.....	96
8 EQUAÇÃO ETIOLÓGICA: IMPRESSÃO E CONSTITUIÇÃO.....	100
9 CONCLUSÃO.....	103
REFERENCIAS.....	106

1 INTRODUÇÃO

A construção teórica de Freud em *Totem e tabu* traz referência, entre outras¹, ao pensamento biológico-evolucionário aprendido pelo autor durante a sua formação médica em Viena. Sabemos que, como será mostrado mais adiante, durante esse período, o jovem Freud realizou pesquisas histológicas e anatômicas nos laboratórios de anatomia e neurofisiologia, pesquisas estas que receberam um enfoque evolucionário, ontogenético e filogenético dos objetos estudados.

Quando nos referimos ao enfoque evolucionário, à biologia evolucionária², a partir do recorte do período aproximado em que viveu Freud, e que ele bem conheceu, queremos dizer a busca pela transformação e pré-história³ dos fenômenos estudados, de como se desenvolveram ao longo do tempo determinadas funções, traços morfológicos, elementos, organismos, comportamentos e patologias transmitidas aos descendentes. Estão presentes aqui as ideias de evolução, continuidade, variação lenta e gradual, desenvolvimento, pré-formação, e especialmente a hipótese da herança e transmissão do adquirido.

De acordo com a quinta lei da hereditariedade, postulada por Haeckel, a ontogenia (desenvolvimento individual), o conjunto de transformações a que

¹ O estudo filogenético de *Totem e tabu* aproxima Freud de um amplo campo discursivo, apoiando-se em teorias que dominavam o cenário filosófico de seu tempo. Um desses discursos, observou Mariguela (2001, p.106), é o nietzschiano. Ao longo do século XX, autores como Foucault tematizaram a relação entre Nietzsche, Marx e Freud. No âmbito do pensamento ocidental, o discurso freudiano foi considerado uma hermenêutica, assim como o *Capital* de Marx e *A genealogia da moral* de Nietzsche.

² Optamos pelo uso do termo genérico biologia evolucionária ao invés de darwinismo ou lamarckismo, considerando que neste período, aonde Freud realizou sua formação intelectual, não havia ainda a consciência de uma suposta incompatibilidade entre darwinismo e lamarckismo, como veio a suceder depois ao longo do século XX. Segundo Simanke (2011), o que acabou sendo conhecido como lamarckismo, em muitos meios durante os séculos XIX e XX, foram apenas duas hipóteses de uma teoria muito mais complexa, as hipóteses da transmissibilidade do adquirido e a lei do uso e do desuso, que, a propósito, não são exclusividade de Lamarck.

³ É preciso distinguir, contudo, o que é propriamente pré-história do que é história cultural ou humana, ou seja, a história da espécie (filogênese) daquela dos seres vivos (biogênese). Nem sempre Freud é claro ao utilizar o termo pré-história, muitas vezes referindo-se à história cultural ou mesmo individual (a infância). Por isso, convém diferenciar pré-história dos seres vivos de pré-história humana e pré-história do indivíduo (ontogênese). Monzani (1991, p.93) observa que, nesse sentido, “Freud vai muito mais longe: o indivíduo não só repete a pré-história da humanidade como também recapitula toda a evolução dos seres vivos. Quer dizer, não só a filogênese é repetida abreviadamente como também a biogênese”. Isso fica claro, entende o autor, quando Freud quer explicar e justificar por que a boca e o ânus são zonas erógenas. Isso se dá “nos diz Freud, porque nos organismos inferiores, dos quais somos herdeiros, as funções nutricionais, excretórias e reprodutivas são realizadas frequentemente pelo mesmo órgão” (MONZANI, 1991, p.93)

passaria determinado ser vivo, seria uma breve recapitulação da filogenia. O enfoque de investigação dos objetos de estudo pode ser determinado, então, tanto da história do indivíduo ou do organismo, dos elos causais que compõem o desenvolvimento ontogenético, mas também, e por via de regra, a partir da história filogenética. Esta última forneceria ao desenvolvimento individual um curso regular, segundo a herança de certas tendências e traços adquiridos. Fazemos a distinção, portanto, desse tipo de biologia daquela outra referida como biologia da função, que estuda os elementos que interagem no organismo, as causas mais próximas dele, que foi o enfoque das doutrinas da neuropatologia alemã que Freud se opôs, como veremos (FERRETTI, 2014).

Pode-se estudar muitos fenômenos a partir desse enfoque evolucionário, bastando que, para isso, a intenção do pesquisador seja a de conhecer a história dos elementos que interagem e se associam em determinado contexto complexo, o conjunto de elos causais e as transformações, seja de natureza físico-biológico ou estrutural-funcional. Esse ponto de vista foi adotado em relação às neuroses, às fases do desenvolvimento libidinal, às pulsões, às representações inconscientes e conscientes, o complexo de Édipo, e uma série de outros elementos, estruturas, sintomas e funções que Freud buscou elucidar a origem, primeiro a partir da ontogênese (a primeira pré-história, isto é, a infância) e depois da filogênese (a segunda pré-história do indivíduo, a da espécie).

Tal abordagem evolucionária, na verdade um esquema bastante genérico do desenvolvimento, e que era comum no meio científico da época, foi cabal a psicanálise freudiana, serviu para dar conta do ponto de vista regressivo das patologias, e também explicar as fixações da libido até onde a regressão remonta. Mas é possível encontrar sua presença também em algumas das publicações pré-psicanalíticas de Freud, período de 1890-1900, o que, como veremos, foi determinante para os caminhos que ele percorreu mais tarde.

É o caso de *Sobre a concepção das afasias*, de 1891, aonde defendeu um ponto de vista empírico e evolutivo da aquisição da linguagem, da origem da fala, da escrita, da leitura e da compreensão, assim como o ponto de vista regressivo-involutivo das afasias. Tudo isso, como veremos, sendo entendido em termos de uma ordem de aquisição da linguagem, do mais simples ao mais complexo, segundo

um aparelho de linguagem da natureza de um mecanismo associativo (dos elementos visuais, acústicos, sinestésicos, auditivos, que formam e associam imagem de som, imagem visual de letra, imagem de movimento da fala e da escrita palavra) e de sobre associação de níveis funcionais (falar, soletrar, ler, escrever, compreender). O que, como veremos, já antecipava, de certo modo, o aparelho anímico concebido mais tarde na *Interpretação dos sonhos*.

O retorno ao passado parece indicar que a biologia evolucionária permaneceu uma constante no pensamento de Sigmund Freud. Mas a relação entre psicanálise e biologia, o estatuto deste segundo campo do conhecimento na teoria freudiana, contudo, nunca foi propriamente um terreno de concordâncias para aqueles que estudam e se interessam pela psicanálise. Isso se deve também ao fato de que, ao longo da história, foram realizadas diversas leituras sobre a psicanálise de Freud, que valorizaram de diferentes modos os diversos aspectos de seu *corpus* teórico, muitas das quais deram constituição às próprias escolas de formação de analistas.

Se tomamos o que nos diz Fonseca (2008), por exemplo, a tradução de Strachey das obras completas tenderam a contribuir com a construção da imagem "medicalizada" de Freud e da psicanálise, e para a compreensão equivocada da pulsão ou do *Trieb* como sendo um mero instinto sexual pré-formado. Como pano de fundo de algumas leituras que enfatizaram certos aspectos do biológico na teoria freudiana, existiram influências históricas e políticas, ligadas à expansão da psicanálise, como a Segunda Guerra Mundial e a perseguição nazista, que teriam levado Freud e sua teoria para o mundo inglês.

Também não demorou muito para que, na França, no decorrer do século XX, enfatizando-se o cultural em detrimento do instintual, como que em uma resposta aos ingleses, autores como Laplanche e Lacan fossem na direção contrária, buscando uma psicanálise livre de suas tendências biológicas. Afinal, como consideraram esses autores, de modo algum os objetos da pulsão são pré-determinados, suas metas são múltiplas e sempre parciais, jamais redutíveis ao mero instinto de reprodução e conservação das espécies.

De fato, se não tomamos cuidado ao considerar a matriz evolucionária por trás de conceitos importantes como o de sexualidade, libido e pulsão, podemos

equivocadamente tomar a sexualidade do ponto de vista meramente animal-instintual e da pré-formação, como parece suceder na recepção inglesa dos textos de Freud. Perderíamos, de tal modo, tudo aquilo que sabemos com Freud sobre a sexualidade desde ao menos os *Três ensaios*, que é, sobretudo, a amplitude do que é considerado sexual, a importância da história contingente, as vivências particulares de um indivíduo, capazes de determinar as fixações da libido, os objetos, os destinos da pulsão e da satisfação, de modo bastante particular para cada indivíduo.

As pulsões atuam como uma fonte de pressão constante de origem interna, semelhante a um instinto, mas não são redutíveis a ele. Não há um objeto, que conduz a relação heterossexual e reprodutiva, suas metas sequer se confundem com a do instinto sexual biológico.

Mas as complicações e os embaraços que a matriz biológica traz aos leitores de Freud não param por aqui. Com relação às vertentes pós-freudianas que aceitaram a biologia e as hipóteses evolucionárias, a dimensão filogenética parece ter sido a sua parte menos apreciada. Segundo Ferretti (2014, p.5), de um lado, a começar com a psicologia do *ego*, sob o juízo externo da ciência, apenas uma parcela do evolucionismo foi aceita, apenas algumas inferências sobre o desenvolvimento ontogenético a partir do ponto de vista filogenético associado aos nomes de Lamarck e Haeckel. Haveria um "núcleo profícuo e destacável" nessas ideias, porque teria levado à descoberta, "confirmada" posteriormente pela etologia e pela psicologia genética, da importância dos fatores inatos, "das experiências da tenra infância para o desenvolvimento do indivíduo" (FERRETTI, 2014, p.5).

Embora o enfoque ontogenético fosse considerado, a contrapartida filogenética seria, então, o lado especulativo, sem comprovação, que por isso seria de menor valor. E assim prossegue uma leitura que enfatizou o aspecto instintual, que gerou reações contrárias na França, acusada de perder a singularidade e o que há de fundamental nas descobertas freudianas a respeito da sexualidade do indivíduo. Outras leituras também enfatizaram as hipóteses ontogenéticas de Freud em detrimento da filogênese, como as vertentes que, a partir das ideias de Melanie Klein, empreenderam uma leitura desenvolvimentista da teoria da libido.

Assim, embora se reconheça a abordagem evolucionária de Freud, aceitando-se parte dela, chegando-se até mesmo a uma equivocada compreensão da

sexualidade como simplesmente um instinto, uma das críticas dirigidas à sua contrapartida filogenética refere-se então ao valor científico de suas hipóteses. Por não serem passíveis de verificação e refutação elas teriam um menor valor e seriam, portanto, dispensáveis. Um argumento é que, de tal modo, na busca pelas disposições filogenéticas, Freud teria se aproximado do mito e da filosofia, afastando-se da experiência e da atividade científica.

Por certo a filogênese constituiu uma das "bruxas" de Freud, um tipo de mito, mas nem por isso sua teoria perdeu seu valor enquanto pesquisa científica, seu referencial empírico, como muitos afirmam. Primeiramente, deve-se levar em conta que suas hipóteses não são "hipóteses históricas que se pretendem factuais, mas tão somente modelos heurísticos para a inteligibilidade de determinados fenômenos clínicos observáveis" (FULGÊNCIO, 2008, p.413). Devemos considerar que Freud parte de um tipo de analogia que, no entanto, como indica Fulgêncio (2008), também seria uma analogia empírica, dado a possibilidade de uma referência empírica que nunca se perde afinal.

Ora, na passagem da ontogênese à filogênese, Freud buscou a origem de dinâmicas psíquicas presentes em sua clínica, no seu dia-a-dia de trabalho, como a angústia, o sentimento de culpa, o masoquismo e o narcisismo, o que invalida o argumento de que ele teria perdido o vínculo com a experiência. Assim, contra a crítica ao valor científico das hipóteses filogenéticas, um fator fundamental a se considerar é que Freud não foi propriamente antropólogo, nem arqueólogo. Pode-se argumentar, sem problemas, que suas hipóteses sejam fantasias, mas não que elas perderam o vínculo com a experiência e com a sua pesquisa empírica.

No decorrer desse trabalho, veremos que Freud não esteve "nos ares" com sua filogênese, já que o valor de sua construção, a partir do qual devemos avaliá-la, não está na veracidade de suas hipóteses (analogias), mas no seu valor de probabilidade e no que "ela permite formular sobre a dinâmica psíquica" e a vida pulsional de seus pacientes, em seu vínculo com a prática clínica (FULGÊNCIO, 2008, p.414). Parece que, alias, muitas vezes não há outro modo de falar da pulsão e do psiquismo inconsciente, como se vê ao acompanhar o modo com que Sigmund Freud trabalha com esses conceitos, sem recorrer aos mitos e as narrativas

ficcionais⁴, ao que bem se presta a filogênese, já que o fazer científico de Freud parece sempre estar implicado com o uso de ideias norteadoras, esquemas e modelos que informam os conteúdos da experiência e da clínica.

Se todos esses equívocos partem do lado que considera a vertente biológica da psicanálise, Jacques Lacan teria assumido uma tarefa semelhante com relação à filogênese, embora a partir de caminhos distintos da psicologia do *ego*, excluindo também a perspectiva ontogenética e, em suma, qualquer abordagem que buscasse explicação mediante a história e recorresse ao passado, a evolução e a origem. Segundo Lacan, como observa Ferretti (2014, p.5-6), a psicanálise nada tinha do "incauto psicologismo abrigado pelas perspectivas genéticas" desta outra vertente, sujeitas à ilusão arcaica, isto é, "a encarar como subdesenvolvido o pensamento do primitivo e o da criança". A psicanálise nada tinha também do biologismo "atestado nas especulações baseadas na ideia de uma maturação instintual e na teoria da recapitulação" (FERRETTI, 2014, p.6).

Tudo isso visando salvar a psicanálise de um certo biologismo do instinto que se difundiu equivocadamente como a verdade freudiana, mesmo que isso custasse deformar o pensamento do autor, pois certamente há uma matriz evolucionária a ser considerada. Mas sabemos que a crítica de Lacan se deve muito mais à instauração de sua própria vertente psicanalítica, de refundar a psicanálise aos seus próprios fundamentos, do que a uma leitura acadêmica e exegética do texto freudiano e, por isso, não podemos tomá-la como um atestado do que escreveu Freud.

A filogênese consiste em uma parte da obra de Freud que foi pouco investigada por seus seguidores, havendo algumas outras exceções como Sandor Ferenczi que

⁴ Segundo Iannini (2017) o conceito de pulsão é, talvez, o mais fundamental à psicanálise freudiana, é ele que fornece a porta de entrada para o inconsciente, e, portanto, vem antes deste. Sendo ele anterior ao aparelho psíquico, é a fonte somática do que conhecemos na psicanálise apenas os seus representantes psíquicos. A pulsão seria, ao mesmo tempo que empresta fundamentos para a clínica, e que é tanto lógica quanto topograficamente anterior ao inconsciente, um conceito aberto, de conteúdo indeterminado, sempre em vias de trabalho, em uma relação constante entre clínica e metapsicologia. Segundo Iannini (2017, p.102), "a rigor, só podemos falar propriamente de conceitos após esse trabalho recíproco exaustivo através do qual ideias indeterminadas são constantemente referidas e confrontadas ao material clínico". Faz-se necessário, portanto, a imaginação, o que aproxima o cientista do poeta e do adivinhador, tanto quanto o referencial empírico que é informado pelo esquema e por ideias abstratas. No vai e vem entre fenômenos e ideias abstratas, mitos e fantasias, é que parece ter permanecido Freud em toda a sua produção teórica, mesmo quando em alguns textos ele assume o rigor de um físico. Trata-se de considerar diferentes abordagens e teorias que somam a linguagem da pulsão, um convencionalismo epistemológico. Talvez seja essa uma razão "por que os assim chamados textos sociológicos ou antropológicos, como *Totem e tabu* ou o *Mal-estar na cultura*, sejam ao mesmo tempo textos decisivos para à clínica" (IANNINI, 2017, p.106).

levou adiante o projeto de uma aproximação entre os achados da teoria psicanalítica sobre a sexualidade e a pesquisa filogenética. O projeto traçado em conjunto por esses dois autores, próximo à publicação de *Totem e tabu*, resultou no manuscrito não publicado intitulado *Neuroses de transferência: uma síntese*. Mas o projeto não teve sucesso, foi abandonado e deixado totalmente aos encargos de Ferenczi.

Não sabemos ao certo o que motivou tal abandono do projeto iniciado com Ferenczi, mas hoje as hipóteses filogenéticas presentes na obra freudiana – e elas não estão exclusivamente nesse único texto, senão em muitos outros – são relegadas a um segundo plano, sobre o que paira o silêncio e o esquecimento, como se fossem um corpo estranho. Talvez porque Freud estivesse temeroso quanto à aceitação de seu público em manter uma aproximação muito clara entre sua ciência e a especulação sobre a evolução da espécie.

Estaria Freud ansioso quanto a sua criação, transmitindo seus sentimentos ambivalentes a posteridade, motivando uma história de exclusão? Não sabemos responder. Se buscamos um esclarecimento no interior da obra, contudo, tudo indica que ele sabia do descrédito atual da biologia quanto a herança, mas não podia prescindir desse fator do desenvolvimento biológico. Em *Moisés e o Monoteísmo*, aonde usa o termo herança 20 vezes, isso fica evidente quando nos diz o seguinte:

“Nossa situação é dificultada ainda pela posição atual da biologia, que rejeita a transmissão hereditária de caracteres adquiridos. Mas devemos confessor, com toda a modéstia, que mesmo assim não podemos prescindir desse fator no desenvolvimento biológico. É certo que não se trata da mesma coisa nos dois casos: num deles, são características adquiridas difíceis de apreender; no outro, traços mnêmicos de impressões externas, algo quase tangível!” (FREUD, 2018/1939, p.140)

Mas não nos cabe aqui julgar se essas hipóteses são ou não necessárias aos psicanalistas ou a ciência, tampouco nos alongar no que motivou a história de exclusão da ideia, e ficaremos satisfeitos apenas em melhor recolocar o problema, levando em conta como isso se deu no interior do pensamento do autor (e não avaliá-las por juízos externos). Afinal, que exigência interna ao pensamento freudiano justificaria tal adesão? Veremos que o recurso teórico se deu na medida em que os fatores da experiência do indivíduo, por si só, muitas vezes eram insuficientes em explicar a etiologia de determinados comportamentos.

Na verdade, tratou-se de uma escolha, uma opção por um método que

resultou no jogo entre hipóteses ontogenéticas e filogenéticas, para dar conta de explicar a etiologia de determinadas pulsões e representações inconscientes. Isso por que, mesmo a respeito do passado do indivíduo, Freud não estava completamente certo de suas afirmações e conjecturas. Como quando passou a suspeitar de sua teoria da sedução⁵, que enfatizava as vivências indivíduo durante a infância, que levariam as fixações da libido, investindo então na hipótese da fantasia, que por sua vez enfatizava o interno e o hereditário. E isso, acrescentamos, sem nunca abandonar a experiência real do trauma, deslocando-a da infância para a filogênese, e também sem nunca abandonar a infância, o trauma individual e os fatores contingentes, que somam-se (como conteúdos que preenchem um esquema) ao inato.

O fator inato e herdado, que o indivíduo já traz consigo, segundo Monzani (1991, p.102), deve ser tratado como um esquema, que, “tal como as categorias kantianas, só se atualiza através da experiência, mas, ao contrário destas últimas, já possui um conteúdo virtual, uma espécie de matriz, de guia, que embora necessite da experiência, a informa e a preenche”.

Tendo esclarecido isso, queremos mostrar que Freud de fato desenvolveu pesquisas pautadas na dimensão ontogenética e filogenética, buscando explicar a origem de certas representações inconscientes, pulsões, organizações e dinâmicas psíquicas de seus pacientes. Por exemplo, desde a *Interpretação dos sonhos* apresentou um aparelho psíquico capaz de produzir sintomas compostos de associações inconscientes, de representações reprimidas que se originam na

⁵ A solução etiológica da teoria psicanalítica das neuroses gira em torno do suposto abandono da teoria da sedução ou trauma e a emergência da teoria da fantasia. Segundo Freud observava, mais do que a sedução sexual passiva, ou seja, as impressões, deveriam haver eventos internos, as fantasias e desejos infantis, que dariam tonalidade traumática às vivências. Mas de onde viriam tais ideias inatas que captam os conteúdos experiência? A consideração do fator interno insere Freud em um dilema que balançou a sua teoria, que é precisamente notado por Monzani (1991, p.102) e expresso nos seguintes termos: “ou admitir uma teoria da fantasia sem base em eventos reais, ou admitir a hipótese de uma herança filogenética em que conteúdos representativos são transmitidos”. Freud não parece admitir ideias inatas ao modo de Descartes, ele precisa do evento real, da causa eficiente, razão pela qual adere a herança do adquirido, aonde explica a origem desse fator interno. Segundo devemos admitir ao lado da teoria da fantasia, com ela o evento real e traumático foi transferido para a o adquirido na espécie, ao passo que eventos vivenciados em tempo real pela criança, jamais seriam dispensados pela teoria, mas passariam assim ser dotados de significado traumático desde a contribuição desse fator interno e hereditário, da fantasia e do desejo. Ao que parece, portanto, não houve de fato um abandono da teoria da sedução, o que seria, inclusive, recusar a maior parte dos *Três ensaios*, mas uma resignificação a partir da teoria da fantasia e da filogênese. O problema inato/adquirido parece ter sido resolvido no caso do Homem dos Lobos, aonde Freud fala em esquemas filogenéticos congênitos.

infância, além de representações conscientes. Tudo isso segundo um mecanismo associativo constituído ao longo do desenvolvimento ontogenético, que traz e deixa a marca de suas impressões mais remotas, ou seja, da sexualidade infantil, por toda a vida do indivíduo.

Ao menos desde *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud buscou elucidar, por meio do estudo do desenvolvimento ontogenético do indivíduo, e da sexualidade infantil, como se dão certas fixações libidinais, representações inconscientes que passariam a agir na formação de sintomas neuróticos. Ora a ênfase recaiu sobre o ontogenético, sobre a infância do indivíduo e os fatores ambientais e acidentais da experiência, ora recaiu sobre o filogenético e o hereditário, no sentido de certas linhas de desenvolvimento, pulsões, formações psíquicas e enfermidades terem componentes inatos, como veremos ao analisar *Totem e tabu*.

No conjunto, tratou-se de uma opção pelo ponto de vista evolucionário, que já se figurava, como dito acima, em textos pré-psicanalíticos como *Sobre a concepção das afasias*. A noção de um aparelho de linguagem da natureza de um mecanismo associativo e de sobreassociação, serviu de base para pensar a gênese enquanto estratificação do mecanismo psíquico ao longo do desenvolvimento ontogenético do indivíduo. Ou seja, para identificar os processos psíquicos primários e secundários, a sexualidade infantil, as representações inconscientes e conscientes, seus princípios reguladores, o mecanismo do recalque e a patologia.

Por essas razões, valorizaremos a obra *Sobre a concepção das afasias*, iniciando nossa análise a partir dela. Mas o problema aqui, como estamos mostrando, não é apenas genealógico, da constituição de uma matriz evolucionária na obra de Freud, embora isso deva ser investigado e reconstruído. É também, reforçamos, um problema relativo à integridade do pensamento do autor, de como essas ideias foram silenciadas e se tornaram um tabu nos meios aonde se estuda e pesquisa a sua obra.

Parece que o pouco interesse mostrado pela abordagem filogenética de Freud, ao longo da história da psicanálise, reflete também uma concepção dominante de que a psicanálise nada teria a ver com o pensamento biológico. Lazzarini e Viana (2006, p.241) bem pontuam que, ao longo da história, a ênfase na

linguagem que caracteriza o trabalho clínico contribuiu para o silêncio sobre as ideias evolucionárias de Freud, servindo para que se "argumentassem que a psicanálise negligencia o corpo e prioriza exclusivamente o discurso". Para Winograd e Mendes (2009, p.214), que compartilham dessa mesma impressão, tal situação acabou criando uma espécie de "fetichização teórica e clínica do aspecto simbólico e imaginário do corpo, negligenciando o quanto sua natureza orgânica e biológica participa de modo determinante da configuração, da ocorrência e dos destinos dos processos psíquicos".

A negligência constatável na psicanálise com relação à filogênese também encontra reforço na impopularidade dessas ideias no universo da própria biologia durante a segunda metade do século XX, aonde a lei da recapitulação passou a ser desacreditada pelos biólogos. Segundo Ferretti (2014, p.3), isso é "resultado mais visível de uma história de exclusão e lástima, a qual parece remontar ao juízo que se fez das teorizações de Ernst H. P. A. Haeckel, tidas como epítome de um evolucionismo considerado ultrapassado e incômodo". A lei da recapitulação postulada por Haeckel estabelece o paralelo entre a criança, o louco, o selvagem e o animal, tendo se originado nas ciências biológicas e depois exercido influência nas ciências humanas e na psicanálise, ao menos "desde a condenação emitida por Lévi-Strauss (1949/2003, p.123-136), que deu provas do caráter ilusório da identidade entre o infante e o primitivo abrigada nas perspectivas genéticas, chamada pelo autor de "ilusão arcaica" (FERRETTI, 2014, p.4).

Com o passar do tempo essas ideias, como a herança de caracteres adquiridos, teriam se tornado um tabu tanto nos meios psicanalíticos quanto no universo da biologia. Esse silêncio pode motivar diversos equívocos quando se pretende um trabalho epistemológico sobre a psicanálise, pois tende a ofuscar ou excluir aspectos da teoria, baseando-se na impopularidade dessas ideias e em critérios externos à obra freudiana. Contudo, a situação vem se modificando lentamente, pois diversos estudos atuais realizados por pesquisadores em nossas universidades brasileiras, publicados em livros, teses, dissertações e artigos em periódicos científicos, direta ou indiretamente tem traçado as linhas fronteiriças entre psicanálise freudiana e biologia. Esses estudos, entre outros aqui negligenciados, têm mostrado as afinidades entre esses dois campos do conhecimento e a inegável presença de ideias de extração biológica na psicanálise (BARBOSA e SANTOS,

2005; CORRÊA, 2005; 2015; FONSECA, 2009; SIMANKE, 2014a; 2014b; CAROPRESO, 2010; MARTINS, 2010a; 2010b; FERRETTI, 2014; COSTA, 2016).

A presente dissertação pretende apresentar a constituição e o contexto do pensamento freudiano em torno das hipóteses ontogenéticas e filogenéticas, que aparecem no período que vai de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, até *Totem e tabu*, de 1913. O primeiro texto mostrará como Freud considerou a sexualidade infantil o núcleo das neuroses e dos fenômenos clínicos que observava. Os sintomas de seus pacientes seriam, na verdade, formados por desejos e afetos associados a representações inconscientes e, nesse sentido, representariam a satisfação dos impulsos sexuais infantis que sucumbiram de modo incompleto à repressão. De tal modo que, como veremos, Freud deixou claro iniciar sua análise pelos fatores particulares e acidentais narrados por seus pacientes, valorizando, sobretudo, o vivenciado pelo indivíduo, começando a investigação sobre o que seria a primeira pré-história, isto é, a infância.

Já em *Totem e tabu* o privilégio foi concedido aos fatores filogenéticos e herdados (o adquirido na espécie), onde Freud desenvolveu melhor algumas observações já contidas no texto anterior, que indicavam a presença de fatores inatos que determinariam o curso da sexualidade infantil de modo regular para cada indivíduo. Assim, Freud postulou uma segunda pré-história do indivíduo, o narcisismo, o ímpeto incestuoso, a repressão, o complexo de Édipo, todos inseridos na memória histórica da humanidade, a qual o indivíduo viria novamente a recapitular em seu breve curso de desenvolvimento.

A solução que Freud pareceu adotar quanto à questão do privilégio ao inato ou ao adquirido foi a de um termo médio, que indica a noção de série complementar. Em 1912, em *Sobre a dinâmica da transferência*, Freud sustentou que há uma equação etiológica que devemos sempre levar em conta em todas as neuroses: de um lado, a constituição da predisposição para a doença, entendida como a soma de fatores inatos e vivenciados na mais tenra infância e, de outro, fatores ambientais e contingentes que atuam ativando o que estava predisposto.

Inicialmente, acompanharemos o percurso inicial de Freud durante a faculdade de medicina em Viena, mostrando como ele recepcionou o pensamento biológico-evolucionário de seus professores nos laboratórios de anatomia e neurofisiologia. Também apresentaremos como se formaram as bases da matriz

evolucionária do período por nós delimitado, recorrendo a *Sobre a concepção das afasias*, de 1891, e a outros textos, aonde Freud apresenta um ponto de vista psicogenético, em termos da origem das representações.

Mostraremos como essa abordagem não é exclusiva do período por nós delimitado, destacando a ênfase que recebeu então. Passaremos, então, a partir da concepção de sexualidade desenvolvida por Freud, a apresentar uma visão de conjunto da abordagem ontogenética e filogenética. Primeiramente analisaremos as hipóteses ontogenéticas sobre o desenvolvimento sexual em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, abordando a concepção de sexualidade infantil e das patologias, das fixações da libido e da origem das representações inconscientes.

Em seguida, no mesmo capítulo, faremos a análise de *Totem e tabu*, buscando mostrar como, a partir do que foi postulado pela teoria da fantasia (em casos como o do Homem dos Lobos), Freud avançou em direção à uma universalização do complexo de Édipo, além de outros aspectos do desenvolvimento infantil e das fases da libido. Mostraremos como ele gradualmente passou a considerá-los do ponto de vista da organização inata e adquirida filogeneticamente, em termos de esquemas congênitos que informam a experiência particular.

As regressões patológicas indicam não só o modo de funcionamento do psiquismo na infância, o inconsciente fornece o material para se alcançar também o passado da espécie humana. Por fim, a solução etiológica com a qual trabalhou Freud será apresentada, a equação que envolve os fatores vivenciados e herdados que constituem a neurose.

2 DO CONTATO INICIAL DE FREUD COM A BIOLOGIA EVOLUCIONARIA

Neste capítulo traremos inicialmente algumas contribuições históricas e biográficas sobre Freud, sua passagem pelo Gymnasium, a entrada na faculdade de medicina em 1873 e o período de estágio com Charcot. Um olhar para esse passado nos mostrará como Freud estudou biologia, que ele realizou investigações pautadas no domínio ontogenético e filogenético durante a faculdade de medicina, e que a mesma abordagem evolucionária foi aplicada em seus estudos sobre as neuroses e as afasias, pouco após o período com Charcot. A genealogia conceitual da metapsicologia freudiana tem sido traçada por autores como Ritvo (1992), demonstrando a importância de retomar também a formação inicial de Freud, onde ele teria aprendido um modelo filogenético e ontogenético de investigação dos fenômenos naturais. Com a "descoberta e publicação póstuma" dos Documentos de Fliess⁶, segundo Ritvo (1992, p.21), ficou claro que antigas ideias podiam permanecer "adormecidas" na mente de Freud por muitos anos, para virem a ser desenvolvidas mais tarde.

Se tomamos o contexto histórico em que viveu Freud, observando o que escreveu Ritvo (1992, p.13), sua vida "coincide quase que exatamente com o começo da revolução darwiniana". A própria biologia, nessa época, estava sendo "revolucionada pela obra de Darwin" e por seus seguidores (RITVO, 1992, p.14). Durante o período em que Freud ingressou no Gymnasium, entre 1865 a 1873, Darwin se popularizava no mundo germanofônico. Também datam desse período as traduções alemãs de Victor Carus da quarta edição de *A Origem das Espécies*, publicada em alemão em 1867, seguida por *A Variação de animais e plantas domesticados* em 1868 e *A descendência do homem* em 1872.

Durante o início da segunda metade do século XIX as ideias de Darwin foram popularizadas, o que marcou um período de ascensão do pensamento evolucionário que alcançou alunos como Sigmund Freud. Ferretti (2014, p.15) observa que em 1860, poucos anos antes de Freud entrar no Gymnasium, a teoria de Darwin chegava

⁶ De acordo com Caropreso (2010), como mostraremos no capítulo seguinte, foi onde Freud estendeu suas ideias de *Sobre a concepção das afasias* para o estudo das neuroses sua concepção de aparelho anímico.

ao idioma alemão através da tradução de *A origem das espécies* empreendida por H.G. Bronn. Segundo Ritvo (1992, p. 25), foi em 1862 que a "questão darwiniana foi pela primeira vez colocada diante do fórum da ciência alemã, com a defesa feita por Ernst Heinrich Haeckel em *Radiolatria* (1862)". Em carta de dezembro de 1864 escrita para Benjamim Dann, observa Ritvo (1992), Darwin reconheceu alguns outros que estariam contribuindo com a inserção de suas ideias no debate científico, como Gegenbauer, F. Müller e Leuckart. Um esboço de "*Gründriss der vergleichenden anatomie* (Esboço de Anatomia Comparada, 1874), de Gegenbauer, encontra-se entre os livros que Freud salvou dos nazistas ao fugir para Londres" (RITVO, 1992, p.29).

Em 1866, Ernst Haeckel publicou a *Generelle Morphologie der Organismen: Allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin Descendenz-Theorie* (Morfologia Geral dos Organismos: Linhas Gerais da Ciência das Formas Orgânicas baseada nos Princípios Mecânicos através da Teoria da Descendência tal como reformulada por Charles Darwin). Ele adaptou as partes mais importantes da obra e as apresentou em "Viena, em 1867-8" (RITVO, 1992, p.30). Duas de suas conferências foram publicadas e amplamente divulgadas na *Coletânea de Conferências Científicas Populares* (1869). A publicação das notas de conferência de Haeckel, revistas e ampliadas, recebeu o título *A História da criação: ou o Desenvolvimento da terra e seus habitantes por causas naturais*, sendo publicada na *Natürliche Schöpfungsgeschichte*. Em 1873, "quando Freud entrou para a faculdade de medicina na Universidade de Viena, a *Natürliche Schöpfungsgeschichte* estava em sua quarta edição *verbesserte* (melhorada)" (RITVO, 1992, p.30).

Em síntese, no período que coincide com os anos em que Freud esteve no Gymnasium, a Teoria da Evolução ou darwinismo ganhava cada vez mais força nos meios acadêmicos e científicos. A solução dos "enigmas do universo por meio da chave propiciada pela evolução tornou-se uma expectativa do século XIX promovida por Haeckel" (RITVO, 1992, p.31). Como fruto de seu meio, mas também partindo de seu particular interesse, Freud realizou pesquisas pautadas em um enfoque evolucionário durante sua formação médica.

Teria Freud lido as publicações de Haeckel? Não se pode deixar de notar a grande repercussão do pensamento de Darwin em diversos setores do pensamento

biológico, mas especialmente "nos jovens zoólogos" (FERRETTI, 2014, p.15). Entre esses especialistas estavam Ernst Haeckel e Carl Claus, sendo que este último foi professor de Freud. Em 1873, ano em que Freud ingressou na Faculdade de Medicina de Viena, Carl Claus "era trazido de Göttingen para alinhar o departamento de zoologia ao paradigma darwiniano" (FERRETTI, 2014, p.15). Em suas primeiras investigações no curso de medicina, sob a tutela de seus professores em diferentes laboratórios da Universidade de Viena, Freud empreendeu investigações anatômicas, histológicas e neurológicas e foi a abordagem então nova que Carl Claus transmitia a Freud "que se fez ver nos primeiros artigos publicados por este, sob ou sem a orientação daquele, pautados por um enfoque ora ontogenético, ora filogenético do objeto estudado" (FERRETTI, 2014, p.16-17).

Em março e setembro de 1875, sob a tutela de Claus, Freud foi enviado à Estação Zoológica Marinha, em Trieste, "para pesquisar gônadas das enguias" (FERRETTI, 2014, p.15). Partindo de alguns estudos anteriores ao seu, que constatavam a presença de testículos nas enguias, Freud não pode afirmar o mesmo, por não ter encontrado espermatozoides nos órgãos sexuais do animal. Sem conseguir dados que indicassem se o órgão em questão era um testículo ou um ovário modificado ao longo do seu desenvolvimento, Freud não obteve grandes êxitos em seu estudo sobre as enguias, mas ele indicou que a chave para a descoberta do sexo desses animais seria encontrada, de tal modo, na evolução, no decurso ontogenético de seu órgão sexual, no estudo pormenorizado das células sexuais das enguias.

Durante a faculdade de medicina Freud também se aproximou de Ernst W, von Brucke e da neurologia, sendo então convidado a participar do Instituto de Fisiologia da Universidade de Viena, passando a pesquisar sobre o decurso filogenético do sistema nervoso da lampreia. A investigação histológica das chamadas células de Reissner levou Freud a descobrir que, na verdade, "elas eram células ganglionares em sua forma primitiva" (FERRETTI, 2014, p.17). Além disso, Freud descobriu duas outras espécies de células na medula espinhal das lampreias, uma das quais só se supunha existir nos vertebrados superiores e outra que seria inerente aos vertebrados inferiores, o que possibilitava inferir "um elo evolutivo" entre esses grupos de vertebrados. De tal modo que as "células de Roissner forneciam mais uma prova da inexistência de um fosso ontológico entre os animais"

(FERRETTI, 2014, p.18).

A mesma abordagem evolucionária esteve presente em uma série de estudos anatômicos realizados por Freud após ter se aproximado de “Theodor H. Meynert ter começado a trabalhar, sob a chefia deste, no Instituto de Anatomia Cerebral” (FERRETTI, 2014, p.18). Mas se no caso das lampreias o enfoque era o plano filogenético da evolução, a investigação do sistema nervoso humano procedia a partir da ontogênese, grande parte envolvendo estudos sobre a medula oblonga. Foi assim que, servindo-se da embriologia do sistema nervoso, Freud utilizou encéfalos em estágios fetais ou infantis, "tendo descoberto uma série de conexões e homologias inauditas entre certos tratos nervosos" (FERRETTI, 2014, p.18).

Como estamos vendo, o método de investigação que Freud recorreu durante sua formação era aquele ensinado por Claus e divulgado por Haeckel. Como dito acima, foi este último quem forjou as noções de ontogênese e filogênese, estabelecendo a relação precisa entre elas, tendo em vista "suprimir a ambiguidade encerrada no termo alemão "*Entwicklungsgeschichte*", que se referia tanto à história de desenvolvimento do organismo quanto à história evolutiva da espécie" (FERRETTI, 2014, p.3). O liame entre o desenvolvimento ontogenético do organismo e o desenvolvimento filogenético da espécie foi considerado por Haeckel algo "íntimo e crucial e, por isso, possuía o estatuto de lei; tratava-se da lei biogenética fundamental", também chamada de teoria da recapitulação:

Por um lado, tal lei se basearia numa suposta morfologia idealista calcada na assunção da existência de arquétipos (*Baupläne*), a partir dos quais proviriam as linhagens de organismos - daí a possibilidade de um paralelismo ou uma analogia entre os diferentes estágios de desenvolvimento destes. Por outro lado, ela se apoiaria num pretenso "lamarckismo", por meio do qual se explicaria o fato de modificações sofridas no curso de uma vida serem transmitidas à prole – donde a possibilidade de um embrião reproduzir em seu desenvolvimento formas conquistadas por seus antepassados num período remoto. (FERRETTI, 2014, p. 4)

Durante o primeiro terço do século XX, a lei biogenética de Haeckel esteve fortemente presente na embriologia, por meio da qual se entendia que a constituição do embrião, em um curto período de tempo, percorreria em seu desenvolvimento todas as variações vividas e adquiridas pela espécie, até assumir sua forma atual (progressão e pré-formação). Sendo que cada uma dessas etapas, na condição da recapitulação ontogenética do desenvolvimento da espécie, serviria às outras como

material, "dissolvendo-se" nelas. Como escreveu Haeckel em sua *Radiolatria*, desenvolvimento seria a palavra chave para todos os enigmas que nos circundam e tudo só pode ser conhecido mediante o conhecimento de suas transformações e história.

Já nas considerações teóricas de Freud sobre as afasias, em 1891, a busca pela lesão anatômica deu lugar à investigação genética, apoiada nos conceitos de evolução e involução do aparelho de linguagem. Como veremos no capítulo seguinte, a respeito desse texto, as divergências quanto à doutrina de Meynert, seu professor, vieram para desinflacionar o referencial anatômico dos distúrbios físicos e mentais, sendo que a abordagem evolucionária se mostrou mais eficaz para a explicação dos sintomas da afasia. A descrença no referencial anatômico, assim como a adoção de um modelo histórico de explicação dos fenômenos, parece ter sido também o resultado do período em que Freud esteve com Charcot investigando as histerias, pois os sintomas dessa doença não possuíam como correlato uma lesão anatômica evidente.

Apenas em 1882, nove anos após ter ingressado na Faculdade de Medicina, Freud começou a trilhar o caminho da prática médica e foi durante ela, e não nos laboratórios de fisiologia e anatomia, que se deparou com a histeria, que seu interesse clínico ganhou um maior destaque. Segundo Armiliato (2014, p.33), "antes de ter um estatuto de doença bem definido como o fez Jean-Martin Charcot (1825-1893)", a histeria teria sido objeto de diversos saberes em tentativas de conhecimento e cura. Além das concepções de Charcot sobre a histeria, vale lembrar que Freud se referenciou à Escola de Nancy e aos trabalhos de Pierre Janet (1859-1947). O contexto histórico desse momento vivido por Freud era de divergências quanto às técnicas terapêuticas e diferentes concepções etiológicas sobre a histeria.

As ideias de Charcot e o uso da hipnose foram de grande valia para Freud na elaboração de sua teoria e técnica terapêutica e dentre os feitos daquele destaca-se seu método de investigação da histeria. Segundo Armiliato (2014), ele procurava estabelecer metodicamente as regras de manifestação dos quadros histéricos e, para tal feito, aplicava à histeria o método anatomoclínico. Nesse sentido, uma das mais importantes contribuições de Charcot foi de ordem clínica e taxonômica, de

classificação, seu trabalho podendo "ser considerado como uma tentativa de regularizar o fenômeno do sintoma histérico, em suas minuciosas classificações" (ARMILIATO, 2014, p.35).

O método anatomoclínico, como observa Caropreso (2010, p.22), estava baseado na hipótese "localizacionista", para a qual cada área do cérebro conteria uma faculdade mental, sendo essa a abordagem que predominava na neurologia e na psiquiatria do fim do fim do XIX. Segundo a autora, "de acordo com a concepção localizacionista, o efeito de lesões no cérebro seria diretamente resultante da perda de funções da área lesionada" (CAROPRESO, 2010, p.23). A regularidade dos sintomas estaria fundamentada, portanto, no órgão cerebral, o que tornaria possível "inferir a localização da lesão a partir do sintoma, assim como fazer a previsão de certo quadro clínico específico a partir da localização da lesão" (CAROPRESO, 2010, p.23).

O método anatomoclínico "iniciava-se com a observação clínica dos pacientes, cujos dados eram registrados de maneira exaustiva e guardados até o momento das autópsias e das análises histológicas", onde então sintoma e lesão eram correlacionados causalmente (FERRETTI, 2014, p.23). Com isso, pela extensão dos casos investigados através do método anatomoclínico, a inferência de determinadas lesões a partir de observações de novos pacientes poderia ser feita, assim como a constatação prévia da lesão daria condições de prever o quadro clínico e o desenvolvimento e aparição de sintomas.

A ausência de lesão na investigação anatomopatológica da neurose histérica certamente era um incômodo para a medicina do fim do XIX, o que não impedia sua rigorosa classificação como realizada por Charcot. Afinal, onde fundamentar a regularidade dos sintomas histéricos então? A tentativa de Charcot foi a de deslocar o dano anatômico à lesão dinâmica aferrada à hereditariedade, sem perder a peça anatômica. A sintomatologia da histeria seria então o resultado de perturbações dinâmicas do sistema nervoso, que teriam influência da hereditariedade mórbida que acometem certas famílias. Charcot introduziu a ideia de perturbação "dinâmica" do sistema nervoso, o que significa "que a histeria não manifesta seus sintomas em correspondência com lesões neurológicas", mas em decorrência de perturbações fisiológicas e distúrbios gerais do sistema nervoso (ARMILIATO, 2014, p.37).

Já com Charcot a investigação da história do indivíduo parecia ter um lugar promissor, na medida em que ele desenvolvia a concepção de histeria traumática, acreditando que os sintomas histéricos decorriam também dos traumas vivenciados pelos indivíduos, possivelmente de origem infantil e sexual constatou Freud. Uma ideia seria responsável por ocasionar o sintoma, contudo, em última análise, para Charcot o “caráter patogênico desse dano estaria condicionado à existência de algo verdadeiramente orgânico” e uma predisposição inata para tais perturbações (FERRETTI, 2014, p.31). Com isso ele “endossou o pressuposto da degeneração dos indivíduos acometidos por tal hereditariedade”, o que remonta à tradição psiquiátrica e a Morel⁷ (FERRETTI, 2014, p.29).

No período que Freud viajou para a França para estar com Charcot, este desenvolvia ideias sobre a "histeria traumática". Em suma, essas ideias apontavam para um núcleo patógeno, um corpo psíquico, ideias com força suficiente para gerar abalos dinâmicos no sistema nervoso, alçadas a causa de sintomas junto às demais fontes etiológicas. Charcot constatava que essas cadeias associativas de ideias, altamente carregadas de afeto e rechaçadas da consciência, poderiam ser acessadas durante a hipnose, aonde o nível de censura seria significativamente rebaixado. Essas ideias de conteúdo traumático e com grande carga afetiva, teriam sido incubadas na mente do doente um dia, mediante a situação traumática, mas por provocarem desprazer estariam sendo ativamente rechaçadas da consciência.

A noção de um "corpo estranho" foi de grande importância para a nova técnica terapêutica de Freud e para sua teoria psicanalítica, e a teoria do trauma nunca foi por ele abandonada, mesmo com sua introdução da hipótese da fantasia e o retorno do fator hereditário por volta de 1910. Em *Estudos sobre a histeria*, publicado em

⁷ Segundo Morel, psiquiatra franco-austriaco a loucura, o crime e a degeneração estariam intimamente associados. Ele descreveu inicialmente a degenerescência como um desvio mórbido de natureza hereditária e progressiva, que remete a um tipo ideal descrito no gênesis bíblico. Ferretti (2014, p.29) explica o corolário evolucionário dessa teoria: “vários psiquiatras franceses buscaram inspiração nas ideias do naturalista inglês, no afã de dar foros de cientificidade às especulações da medicina mental”. Eles não apenas se serviram das “considerações darwinianas acerca da hereditariedade, as quais alçaram ao estatuto de leis, como também derivaram implicações higienistas a partir da ideia de seleção natural” (FERRETTI, 2014, p.29). Tanto mais a espécie humana estaria ameaçada quanto mais se alastrasse a hereditariedade mórbida carregada por certas “raças”. Esta provocaria uma espécie de contra-seleção pois, “ao invés de garantir a permanência da espécie, poderia levar à extinção desta em última análise” (FERRETTI, 2014, p.29). Enfim, para esses psiquiatras a doença seria o equivalente racial da seleção filogenética e o único modo de tratá-las seria sob a forma “profilática de uma higiene. Eis os contornos peculiares – e perigosamente eugênicos, deve-se dizer – desse evolucionismo psiquiátrico” (FERRETTI, 2014, p. 29).

1895, o "corpo estranho" se refere ao "núcleo patógeno que opera no psiquismo do doente, alheio à sua consciência", um dia incubado na mente do doente mediante uma impressão traumática (ARMILIATO, 2014, p.38). Nessa mesma obra foi apresentado por Freud, além da etiologia hereditária, que para Charcot seria o principal causador dos sintomas, também um outro fator em jogo na distribuição dos sintomas típicos da histeria, mostrando-se "signatário das ideias de Charcot quanto às questões fisiológicas estarem relacionadas com a tipologia dos sintomas histéricos" (ARMILIATO, 2014, p.41).

Tudo indica que, assim como entendia Charcot, para Freud os "fatores psicológicos e fisiológicos figurariam lado a lado" e que, portanto, os quadros de histeria corresponderiam a distúrbios dinâmicos, em que certas ideias gerariam o abalo funcional (ARMILIATO, 2014, p.44). O que parece seguir dos anos seguintes ao período de *Estudos sobre histeria*, como observa Armiliato (2014, p.45) é um maior "aprofundamento por Freud na possibilidade de interferir nas causas psíquicas". Ou seja, recorrer a psicogênese da histeria e do trauma, a partir da história individual de seus pacientes, de fatores empíricos e contingentes, situações traumáticas que originaram certas ideias patógenas.

Porque, então, o indivíduo se defende de uma lembrança, de uma ideia? Respondendo a essa questão, a *Interpretação dos sonhos* apresentou de forma esquematizada um aparelho psíquico que fomenta as manifestações sintomáticas. Inconsciente, sexualidade infantil, regressão e fixação da libido, bem como a dupla moeda representação/afeto, formalizam o percurso causal da histeria, o que demarcou a especificidade da psicanálise freudiana no tratamento das neuroses (ARMILIATO, 2014).

Embora no período de 1895 Freud ainda não recusasse a concepção de hereditariedade mórbida de Charcot, ela parecia se chocar com o determinante psicogênico da histeria, originalmente atestado por ele. Por conseguinte "deveria haver mais na histeria que um fatalismo hereditário" (FERRETTI, 2014, p.32). Assim, observa Ferretti (2014, p.32), com o tempo, o referencial anatômico e a hereditariedade dariam "lugar ao reconhecimento da dimensão ontogenética dos sintomas", isto é, a sexualidade infantil, a história e os traumas do indivíduo.

Essa tomada de posição com relação a Charcot representou o ponto de

partida para a psicanálise freudiana, na medida em que Freud recorreria a psicogenia da histeria, aos fatores ontogenéticos e a sexualidade infantil. É o que este deixa claro nos *Três ensaios*, uma de suas principais obras a respeito da etiologia das neuroses:

É digno de nota que os autores que se ocuparam da explicação das características e reações do indivíduo adulto o tenham dado bem mais atenção à pré-história abarcada pelas vidas dos antepassados, ou seja, tenham atribuído bem maior influência à hereditariedade do que àquela outra pré-história que se situa já na existência individual da pessoa, a infância. Seria de acreditar que a influência desse período da vida é mais facilmente compreensível e deve ser considerada antes da hereditariedade (FREUD, 2016/1905, p.73).

Valendo-se dos achados da pesquisa sobre a sexualidade infantil, Freud procedeu, inicialmente, enfatizando o que seria da ordem da experiência particular de cada um, os fatores empíricos e contingentes que teriam gerado certos conteúdos reprimidos e ideias traumáticas. A teoria da sedução, que foi postulada anos antes desse texto, mostra que Freud recorria às experiências reais, aos acontecimentos marcantes durante a vida do indivíduo, para explicar as neuroses e origem de certos processos psíquicos.

Mas isso não significou um abandono da abordagem evolucionária, do fator hereditário, que, entre outras, retorna com a hipótese de fantasia. Veremos mais adiante, no quarto capítulo, analisando os *Três ensaios*, que tanto o despertar sexual durante a mais tenra infância, quanto o recalque, a repressão e os traumatismos psíquicos, foram todos cogitados, pensados como possíveis, como algo para além exclusivamente da experiência do indivíduo, portanto, como também determinado pela herança (embora um determinismo em sentido fraco). A hereditariedade (mas não mais de tipo mórbido como a de Charcot) viria a ganhar destaque na teoria freudiana somente por volta de 1910, em textos como *Totem e tabu*, ensejando reflexões a respeito da filogênese, do Complexo de Édipo, da fantasia, como buscaremos mostrar nos capítulos seguintes.

3 DELIMITAÇÃO E DEFINIÇÃO DE OBJETO

Se buscarmos reunir alguns fatores que desencadeiam a neurose, entre outros, Freud postulou, sem dúvida, a regressão e a fixação da libido, em tudo segundo um esquema genérico da evolução e o do desenvolvimento que viemos esboçando no capítulo anterior. A psicogênese da histeria implicava encontrar a origem das ideias traumáticas e inconscientes, que foi então estabelecida como a infância, como fixações da libido nesse período da vida.

Esses conteúdos e representações, que remetem às concepções de histeria traumática de Charcot, no sentido de serem causas psíquicas, ideias rechaçadas pela consciência, Freud buscou explicar em termos de pulsões sexuais reprimidas, das fases do desenvolvimento libidinal da criança. Momentos aonde a libido se fixou em determinados objetos e relações emocionais que foram impedidas e recalcadas, que depois se tornaram fonte de desprazer a consciência, mas que continuaram a existir no inconsciente.

A regressão patológica remonta sempre até as fixações da libido, durante as fases do desenvolvimento sexual infantil, como o narcisismo e o Édipo, quando o princípio regulador do psiquismo era o *Princípio do prazer*. O modo afetivo da criança permanece existindo no inconsciente. A fixação da libido durante a infância, como observa Monzani (1991, p.77), é o que está abaixo da regressão, “a regressão remonta até um ponto de fixação, isto é, a um ponto extremamente marcado no conjunto das fases pelas quais o indivíduo passa”.

Na patologia, o psiquismo infantil e reprimido é então liberado, numa espécie de involução, em detrimento dos processos psíquicos secundários, aonde opera o *Princípio de realidade*. O resultado seria o um estado psíquico que Freud chamou narcisismo secundário (edificado sobre o narcisismo primário da infância), por uma retração da libido objetual para o Eu, para o corpo erógeno que representa a sexualidade infantil.

O estado psíquico narcísico seria uma explicação metapsicológica (e genética) para as diversas patologias e seus sintomas como a fobia, o isolamento

social, a hipocondria e a megalomania, mas seria o modo de funcionamento normal da infância. A regressão se explicaria pela dissolução parcial do mecanismo do recalque, que instaurou, no desenvolvimento da criança, os processos psíquicos conscientes e secundários. Com a sua dissolução, portanto, seria liberado o que esteve represado no inconsciente, certos impulsos e ideias que a consciência nega para si. Mas também, como observou Freud em *Considerações atuais sobre a Guerra e a morte* de 1915, esses processos psíquicos irracionais seriam mais facilmente liberados quando condições ambientais e contingentes favorecem para o seu retorno.

A regressão, na verdade, vai muito além das fixações que dizem respeito ao indivíduo, se estendem ao passado da espécie humana, aos tempos imemoráveis. Pois o tempo do desenvolvimento individual repete, abreviadamente, o longo processo histórico da cultura humana, marcando fases que reafioram em cada indivíduo durante sua infância, que marcam o percurso evolutivo da libido, das reações emocionais humanas, das relações sociais e amorosas que conduziram a cultura. E isso já podemos encontrar na *Interpretação dos sonhos*, em uma menção explícita a lei da recapitulação de Heackel e ao filósofo Friedrich Nietzsche:

Tampouco podemos deixar para trás o tema da regressão nos sonhos sem formular em palavras uma noção que já nos ocorreu repetidamente e que ressurgirá com intensidade renovada quando tivermos penetrado mais a fundo no estudo das psiconeuroses: a saber, que o sonhar é, em seu conjunto, um exemplo de regressão à condição mais primitiva do sonhador, uma revivescência de sua infância, dos impulsos instintuais que a dominaram e dos métodos de expressão de que ele dispunha nessa época. Por trás dessa infância do indivíduo temos a promessa de uma imagem da infância filogenética – uma imagem do desenvolvimento da raça humana, do qual o desenvolvimento do indivíduo é, de fato, uma recapitulação abreviada, influenciada pelas circunstâncias fortuitas da vida. Podemos calcular como é apropriada a asserção de Nietzsche de que, nos sonhos, “acha-se em ação alguma relíquia primitiva da humanidade que agora já mal podemos alcançar por via direta”; e podemos esperar que a análise dos sonhos nos conduza a um conhecimento da herança arcaica do homem, daquilo que lhe é psiquicamente inato. Os sonhos e as neuroses parecem ter preservado mais antiguidades mentais do que imaginaríamos possível, de modo que a psicanálise pode reclamar para si um lugar de destaque entre as ciências que se interessam pela reconstituição dos mais antigos e obscuros períodos dos primórdios da raça humana (FREUD, 2001/1900, p.468).

Se para a ciência biológica era difícil comprovar a herança dos caracteres adquiridos, Freud considerava que “traços mnêmicos de impressões externas”, ou seja, representações, seriam, por assim dizer, algo de mais tangível (FREUD, 2018/1939, p.53). Ele argumentou que, ao menos na psicanálise, tais ideias teriam

alguma utilidade e valor, admitindo que “no momento não possuímos, para a existência de traços mnêmicos na herança arcaica, evidência mais forte do que os fenômenos reesiduais do trabalho analítico que requerem sua derivação da filogênese” (FREUD, 2018/1939, p.141).

Como é notado por Monzani (1991, p.85), por volta dos anos 1890-1895, Freud já considerava haver uma formulação etiológica para as neuroses, que considerava a predisposição por fixação libidinal um resultado das vivências infantis somada à constituição sexual filogenética. Ademais, Freud observa ser por uma razão teórica que não pode abandonar tal abordagem evolucionária, que sua teoria não poderia “prescindir desse fator no desenvolvimento biológico” (FREUD, 2018/1939, p.140).

Mas por qual razão? Ferretti (2014, p.72) nos dá uma pista, apenas após o abandono da “teoria da sedução em sua primeira versão, comunicado a Fliess em 21 de setembro de 1897, que Freud pode conferir uma forma mais bem acabada à sua solução evolucionista para o problema da repressão”. Freud também forneceu, ao lado da teoria da sedução, que atribui grande valor às experiências individuais da infância, as quais determinariam as fixações da libido, uma explicação filogenética para o fantasiar esses fatos vividos, essas fases da libido, imputando-os ou impondo-lhes verdades, forçando a experiência em determinado sentido. Em suas palavras, parece não haver como escapar a essa necessidade: “quando as vivências não se encaixam no esquema hereditário, sucede uma remodelação delas na fantasia” (FREUD, 2010f/1918, p.158)

O caso do Homem dos Lobos é exemplar nesse sentido, aonde Freud aplica a lei heackeliana da recapitulação, e parece fornecer a razão dessa referência teórica. São esses casos, aonde a experiência se remodela na imaginação, os mais “adequados para nos demonstrar a existência autônoma do esquema” (FREUD, 2010f/1918, p.158). Segundo Freud, os esquemas filogeneticamente herdados são, para o indivíduo, como as “categorias filosóficas, tratam da colocação das impressões recebidas na vida” (2010f/1918, p.158).

Categorias que Freud é inclinado em assumir o ponto de vista de que são resíduos da história da civilização humana. O Complexo de Édipo é um desses resíduos, uma das fases da libido e da vida emocional da humanidade, um dos pontos nodais do desenvolvimento do indivíduo e da cultura. Em casos como o do Homem dos Lobos, “com frequência pode-se notar que o esquema triunfa sobre a

vivência individual, como em nosso caso, em que o pai se torna o castrador que ameaça a sexualidade infantil”, quando, na verdade, tratava-se de um complexo de Édipo invertido, em uma discrepância “entre a vivência e o esquema” (FREUD, 2010f/1918, p.158).

Haveria, portanto, um fator inato, uma propensão interna a vivenciar certas experiências, que implica o fantasiar⁸ sobre o real, e, em última análise, então, haveria um fator inato para as neuroses e a formação do mecanismo psíquico do recalque, do inconsciente e seus conteúdos reprimidos e patógenos. Mesmo que a consideração a respeito dos fatores inatos estivesse presente para Freud desde o período aproximado de 1890-1895, e que a teoria da fantasia já ocupava um lugar na teoria psicanalítica, a ênfase na hereditariedade e transmissão psíquica só veio aparecer com *Totem e tabu*.

Inicialmente, como mostraremos, os *Três ensaios* enfatizaram o desenvolvimento ontogenético, o vivenciado contingente e o particular. As duas obras serão investigadas e apresentadas detalhadamente nos próximos capítulos. Mas antes disso, porém, vejamos um pouco sobre como Freud buscou colocar as bases para operar uma espécie de genealogia das representações inconscientes/conscientes, o que faz referência ao texto pré-psicanalítico de 1891 *Sobre a concepção das afasias*.

⁸ Mas o fantasiar sobre o real, por sua vez, não significa a perda do elemento real na teoria, o trauma, mas seu deslocamento para o adquirido na espécie. De tal modo que, o transmissível são esquemas que possuem conteúdo virtual, pelo que o evento traumático é vivenciado duas vezes, como real (no passado filogenético), e como mistura de vivências e fantasias (na infância).

4 SOBRE A CONCEPÇÃO DAS AFASIAS E A ORIGEM DAS REPRESENTAÇÕES

Freud observa que chegou ao conhecimento do aparelho psíquico através do "estudo do desenvolvimento individual do ser humano" (FREUD, 2014/1940, p.17). Durante o trabalho de descrição do aparelho, "impõem-se certas diferenciações que chamamos de qualidades psíquicas", como o inconsciente e a consciência (FREUD, 2014/1940, p.51). Levando essas afirmações até as suas consequências, seria possível proceder uma estratificação do aparelho anímico, buscando a origem das representações inconscientes/conscientes, tomando por base o desenvolvimento do indivíduo.

Os processos primários e secundários são dois momentos que indicam a organização do aparelho anímico, divisados pelo recalque, segundo o que dois princípios diferentes regulariam os processos psíquicos inconscientes e conscientes e a vida pulsional, isto é, o *Princípio do prazer* e o *Princípio de realidade*. Veremos em seguida que as concepções psicanalíticas de processos primários e secundários, do recalque pulsional, da patologia e da regressão, retomam, em um novo sentido, as ideias de extração evolucionária de *Sobre a concepção das afasias*, de 1891, em especial os conceitos de evolução e dissolução (ou involução) do sistema nervoso e do aparelho de linguagem.

Oriundo de problemas neurológicos, *Sobre a concepção das afasias* parece ser rico em vocabulários que depois, ao longo dos textos psicanalíticos, são revestidos de novos sentidos. Tavares (2013, p.10), que o traduziu pela primeira vez para nosso idioma, observa que estão ali presentes, por exemplo, as noções de estímulo e "perturbações fisiológicas posteriormente relacionadas às pulsões [Triebe] e seus moções [Regungen]", ou seja, o ponto de vista dinâmico-funcional das patologias.

Segundo observa Ferretti (2014, p.39), foi a doutrina da evolução e involução de Hughlings Jackson que "revelou a Freud a importância da remissão a um contexto passado na tentativa de compreender as afasias". Esses ensinamentos contribuíram de forma decisiva para a *démarche* freudiana pelo terreno das neuroses, que, entre outras, valorizou o aspecto histórico da linguagem e das formas psíquicas (níveis funcionais) que implicam, entre outros, o ponto de vista dinâmico.

Como veremos, esse texto de 1891 serve como um modelo para pensarmos a

gênese das representações inconscientes/conscientes. Nesse sentido, notou Caropreso (2010, p.21), citando outros estudos como os de Jackson (1969), Fullinwider (1983), Solms e Saling (1986), Goldstein (1995) e Honda (2002), o aparelho de linguagem, os conceitos de "evolução" e "dissolução" e de "níveis hierárquicos de organização dos estímulos sensório-motores", teriam então se mostrado bastante importantes para as noções freudianas de mecanismo psíquico e da patologia.

Foi na carta 52, endereçada a Fliess, que Freud pareceu ter estendido algumas de suas ideias, do texto sobre as afasias, à sua noção de "organização da memória" (CAROPRESO, 2010, p.28). Nesta carta, "Freud formula a hipótese de que o mecanismo psíquico se formaria por um processo de estratificação sucessiva", onde os traços mnêmicos seriam "reordenados de tempos em tempos de acordo com novos princípios associativos" (CAROPRESO, 2010, p.28-29).

Freud defendeu duas posições que nos são de grande importância nesse texto de 1891. A primeira delas: a) uma concepção evolucionária-desenvolvimentista da aprendizagem da linguagem, da origem das representações de palavra. Veremos como ele separa a análise psicológica da anatômica, em termos de desenvolvimentos paralelos do físico e do mental. Sua tese apresenta, em uma abordagem psicogenética (semelhante a de autores como Piaget), como existiria uma ordem para a aquisição das funções ligadas a representação de palavra, isto é, do falar, repetir, soletrar, escrever, ler e compreender palavras. Tudo isso é explicado conforme a associação de elementos acústicos, visuais, táteis e auditivos, que possibilitam cada função adquirida.

Além disso, as funções mais complexas dependem das mais simples, são superassociadas umas as outras: a compreensão depende da leitura, a leitura da escrita, a escrita do soletrar, o soletrar do falar, o falar de inervações, e assim por diante. Dos níveis de organização do aparelho de linguagem, do mais simples ao mais complexo, as funções da linguagem adquiridas são superassociadas umas as outras, o que está implicado com a evolução e sucessiva reorganização do sistema nervoso, que seria a base física dessas aprendizagens ao longo do desenvolvimento.

O segundo ponto que nos interessa: b) veremos que a afasia, por sua vez,

foi pensada como o avesso da evolução, como um desequilíbrio dinâmico e funcional do sistema nervoso, dado a ocorrência de uma lesão, em um processo de involução das funções que trabalha a linguagem, do complexo ao simples. O esquema genérico do desenvolvimento e da evolução, que anteriormente já relacionamos ao pensamento freudiano, permitiu pensar que também os distúrbios afásicos se tratassem de regressões às fases do desenvolvimento, semelhante ao que se trata com as neuroses, ou seja, que seriam distúrbios funcionais e regressivos.

Mas antes de analisarmos o material, algumas considerações teóricas preliminares fazem-se necessárias para uma exposição mais clara das ideias. Nota-se sobretudo o paralelismo psicofísico de Freud, presente já em suas considerações sobre as afasias, quando no capítulo VI ele separa sua abordagem psicológica da anatômica. Segundo Candido (2003), esse foi o pressuposto filosófico da psicanálise freudiana, relativo à existência do corpo e do Eu psíquico (representações), como fatores que ocorrem em paralelo.

A doutrina da concomitância do físico e do psíquico, tal como Freud a expõe, tem sido atribuída também a Hughlings Jackson, autor que é mencionado no texto sobre as afasias. Segundo a concepção jacksoniana e também spenceriana do sistema nervoso, é possível descrever essa organização segundo seus níveis, "como "representativos", "re-representativos" e "re-re-representativos"", e somente no último nível seria possível falar em conteúdos psíquicos ou em representação de palavra (CAROPRESO, 2010, p.24). Os níveis inferiores, representativos, seriam os mais simples e representariam "quase diretamente algumas regiões limitadas do corpo"; os centros intermediários, re- representativos, "representariam amplas regiões do corpo"; os centros superiores, re- re-representativos, "representariam todas as partes do corpo [...] constituiriam o "órgão da mente" ou a base física da consciência" (CAROPRESO, 2010, p.24).

De tal modo que, a investigação psicanalítica, como observou o próprio Freud, viria a se pautar nesse paralelismo entre o corpo e a psique, nesse campo até então "desconhecido" que ela toma como pressuposto ou ponto de partida (FREUD, 2014/1940, p.15). Em suas palavras, a psicanálise partiria mesmo desse "pressuposto básico", ou seja, que "a vida anímica é a função de um aparelho ao qual atribuímos extensão espacial", e naquilo que "denominamos nossa psique"

duas coisas nos são conhecidas, "primeiramente o órgão corporal e cenário da mesma, o encéfalo (sistema nervoso); em segundo lugar, nossos atos conscientes, que estão ao nosso alcance imediato" (FREUD, 2014/1940, p.15).

Quando dizemos que certas ideias aparecem de forma embrionária no texto das afasias, como esse pressuposto do paralelismo psicofísico, é por que Freud ainda não havia criado a psicanálise. Não encontramos nesse material termos como inconsciente ou pulsão, no caso da psicofísica encontramos apenas que Freud pretendia "separar, tanto quanto possível, o lado anatômico do lado psicológico do objeto em questão", isto é, no estudo da aprendizagem e dos distúrbios de linguagem (FREUD, 2013a/1891, p.97).

Trata-se de uma abordagem psicogenética, de cunho empirista, sobre a aquisição e superassociação das funções da linguagem, que implica a sucessiva organização do sistema nervoso logo ao lado, isto é, a base física dessas funções adquiridas. De tal modo, podemos aí encontrar uma matriz teórica que depois servirá a Freud para operar uma genealogia das representações inconscientes do aparelho psíquico.

A adoção desse ponto de vista fundamenta a crítica de Freud à concepção anatomopatológica e localizacionista dos distúrbios afásicos, como a de seu mestre Meynert⁹, que reduzem o aspecto psíquico ao físico. Segundo essa última concepção, a aprendizagem das palavras se daria por ocupação de lacunas funcionais nos centros corticais, segundo o postulado de que cada célula cortical conteria uma representação, as quais seriam associadas por diferentes vias de condução.

Decorre dessa concepção córtico-cêntrica, como também se refere Freud a doutrina meynertiana, a noção de que as afasias seriam a consequência direta de lesões nos centros ou nas vias de condução, resultando na perda de palavras e

⁹ Nos é informado, já ao início do texto, que Freud buscará combater especialmente a suposição de que certas patologias, isto é, as afasias, são provocadas por "destruição dos centros corticais" e outras por "destruição das vias de condução" (FREUD, 2013a/1891, p.17). Freud observou que os feitos de Wernicke e Broca no âmbito da anatomopatologia se inserem em uma agenda de pesquisa que, na verdade, dá continuidade aos postulados da doutrina localizacionista de Meynert. Como sabemos, foi Broca quem descobriu o centro motor da linguagem, foi ele quem "pela primeira vez, ligou uma forma determinada de distúrbio de linguagem, a afasia motora [...] à lesão de uma área determinada do córtex cerebral" (FREUD, 2013a/1891, p.17). Posteriormente Wernicke repetiu o feito, descobrindo a afasia sensória e o centro sensorio do aparelho de linguagem, ligado à compreensão da linguagem.

funções associativas como a fala e a escrita. A perda de determinadas palavras ou associações dependeria do local da lesão, se nos centros ou nas vias de condução. Assim, cada distúrbio e perda de palavras ou de funções que trabalha a linguagem, teria seu correlato físico, ademais, o psíquico seria redutível ao físico. Em contraposição a essas concepções dominantes da neuropatologia alemã, Freud defendeu hipóteses referidas, entre outros, à Hughlings Jackson, “para com sua ajuda questionar a teoria localizacionista dos distúrbios de linguagem” (FREUD, 2013a/1891, p.85). Vejamos um pouco o texto.

Na medida em que Lichtheim, autor a quem Freud dirigiu a maior parte de seus argumentos, tomou em consideração as prováveis ligações dos centros de linguagem com o restante do córtex, ampliando o esquema de Wernicke, ele “aumentou o número das afasias de condução e procurou esclarecer uma grande variedade de formas de distúrbio de linguagem como sendo afasias subcorticais e transcorticais” (FREUD, 2013a/1891, p.128).

De modo sistemático, Freud buscou desmontar os argumentos dessa concepção anatomopatológica das afasias, para depois mostrar como outra doutrina se revelaria mais eficaz. Se revelou fundamental a pergunta de se haveria então justificativa para distinguir entre centros e vias da linguagem, como haviam procedido a maior parte dos pesquisadores a partir dos feitos Broca e Wernicke. Ele observa, embaraçado, que os “resultados de autópsia” mostram que a assim denominada por Lichtheim de “afasia motora transcortical”, assim como praticamente todas as outras afasias de condução, estão fundadas em lesões no próprio centro (motor ou sensorio), e não em vias de condução (FREUD, 2013a/1891, p.129).

Pareceu a Freud, então, injustificado separar centros de vias de condução, atribuir aos centros de linguagem o papel exclusivo de armazenar lembranças sensoriais e motoras das palavras, articuladas umas às outras por vias de condução, segundo a hipótese de que nas células nervosas “estejam de alguma maneira contida as representações com as quais a função da linguagem trabalha” (FREUD, 2013a/1891, p.66).

Segundo a doutrina localizacionista e anatomopatológica de Meynert, a aprendizagem de palavras se daria por ocupação de territórios desocupados,

“lacunas funcionais” nos centros de linguagem, capazes de armazenar novas aprendizagens sensório-motora da linguagem (FREUD, 2013a/1891, p.67). Todo o restante seria feito pelas vias de condução, o falar, a leitura, a escrita e a compreensão. Assim, cada palavra estaria armazenada em uma diferente célula, e não seria falso que, diante de uma lesão, pudéssemos perder aquelas palavras mais cedo aprendidas, e aquelas que aprendemos mais tarde fossem, então, preservadas, já que o resultado dependeria exclusivamente da célula danificada.

Ao contrário do que seria de se esperar dessa suposição acima, “nunca ocorre, pois, que, por meio de uma lesão orgânica, seja provocado um distúrbio na língua materna ao qual escape a língua posteriormente adquirida” (FREUD, 2013a/1891, p.84). O que seria um indicativo de que, ao contrário ao que supõe a teoria localizacionista, todas as aprendizagens estão localizadas “nas mesmas áreas que reconhecemos como os centros da primeira língua aprendida” (FREUD, 2013a/1891, p.84). Partindo desse ponto crítico da doutrina localizacionista, mostrando as contradições com que ela se depara quando confrontada com a experiência e a observação, Freud começou a colocar suas próprias hipóteses, a defender seu ponto de vista sobre a aprendizagem e os distúrbios de linguagem.

Ao considerar o desenvolvimento psicológico, ocorrendo em paralelo ao físico, Freud então aplica um esquema genérico do desenvolvimento sobre as funções que a linguagem trabalha, em termos da gênese da fala, da leitura, da escrita e da compreensão de palavras. Ele esclarece que, “para a Psicologia, a palavra é a unidade da função de linguagem”, e ela se apresenta como um “composto de elementos acústicos, visuais e cinestésicos” (2013a/1891, p.97). A aprendizagem das funções da linguagem, portanto, depende de um “processo de associação” entre os elementos, como a imagem de som, a imagem visual de letras, a imagem de movimento da fala e a imagem de movimento da escrita. (2013a/1891, p.97).

A partir de então, Freud adota uma outra linguagem ao invés daquela anatomopatológica, uma linguagem eminentemente psicogenética, histórica, defendendo sua concepção sobre as afasias e sobre a aprendizagem da palavra. A aquisição da representação de palavra ocorreria em paralelo a uma sucessiva reorganização e evolução do sistema nervoso, segundo uma ordem de aprendizagem para todas as formas de associação da linguagem: fala, leitura,

escrita e compreensão.

Aprendemos a falar, observa Freud, na medida em que associamos a imagem de som da palavra a uma sensação de inervação de palavra. Na medida em que falamos, estamos em posse de uma representação de movimento de fala, que está associada imagem de som. Aprendemos a linguagem dos outros quando nos esforçamos por “tornar a imagem de som produzida por nós o mais semelhante possível ao que deu ensejo à inervação da linguagem” (2013a/1891, p.98). Aprendemos assim, nessa ordem, continua Freud, a repetir palavras. De tal modo que a parafasia poderia decorrer da ausência de correção feita por uma segunda imagem de som e pela imagem de movimento de fala.

O soletrar vem depois da fala e do repetir palavras, na medida em que associamos “imagens visuais das letras com novas imagens de som que, ao mesmo tempo, devem nos recordar dos sons já conhecidos” (2013a/1891, p.99). E, portanto, aprendemos a ler quando conectamos cada uma das letras, de forma que surgem representações de movimento de palavra. Associamos, por fim, as palavras lidas ao significado dos primeiros sons de palavra, e então lemos com compreensão. A compreensão de algo lido se dá por intermédio de imagens de som que resultam da fala, assim sendo, se demonstra como uma função que se extingue por lesão motora e por lesão acústica.

A escrita seria a última das tarefas de linguagem adquirida pelo indivíduo, aonde são associadas as imagens visuais de letra com a inervação da mão, até que imagens de escrita sejam produzidas. As imagens visuais de letra e de escrita são semelhantes, já que aprendemos a ler escrita cursiva, conclui Freud. Além disso, se forem comparadas, a leitura e a escrita são processos distintos em grau de complexidade, a segunda tende a se desenvolver de modo mais fluido que a primeira.

Freud adota essa concepção psicogenética e funcional sobre o que seria o aparelho de linguagem, e a partir dela explica os distúrbios de linguagem. Segundo nos informa, “neste momento, pretendemos investigar quais são as suposições de que necessitamos para a explicação dos distúrbios de linguagem, com base em uma tal composição do aparelho de linguagem” (FREUD, 2013a/1891, p.97). Uma suposição é então necessária, dada a composição do sistema nervoso e do

aparelho de linguagem que o autor apresentou até aqui: diante de uma lesão, “a totalidade do aparelho de linguagem sofre distúrbios de função, que derivam de sua natureza de mecanismo de associação” (FREUD, 2013a/1891, p.132).

É o postulado de Hughlings Jackson sobre a patologia e dissolução do sistema nervoso que vemos adiante, “segundo o qual todas essas formas de reação exprimem casos de involução funcional [Dis-involution]” (FREUD, 2013a/1891, p.112). Como há uma evolução do aparelho, segundo a superassociação de níveis funcionais, há também uma tensão que se impõe no sentido hierárquico, das camadas superiores que inibem as inferiores. Diante de uma lesão, haveria um desequilíbrio funcional, uma liberação dos níveis hierárquicos inferiores. Em todos os casos “um arranjo de associações mais elevado, desenvolvido posteriormente, será perdido, e um arranjo de associações mais simples, adquirido anteriormente, ficará preservado” (FREUD, 2013a/1891, p.112).

Segundo decorre desses postulados, além de existirem diferentes níveis de funcionamento operando no aparelho de linguagem, uma espécie de tensão dinâmica entre eles, aquilo que foi primeiramente adquirido e que é, portanto, mais simples e solidamente estabelecido, resiste melhor frente possíveis lesões¹⁰.

Pois bem, retomando o nosso fio condutor, que é mostrar como essas ideias todas são reinterpretadas pela psicanálise freudiana, na primeira representação tópica do aparelho psíquico, apresentada na *Interpretação dos sonhos*, quando Freud se referia aos processos psíquicos como primário e secundário ele "pretendia também escolher um nome que desse uma indicação de sua prioridade cronológica", portanto, de gênese e complexificação do mecanismo psíquico (FREUD, 2001/1900, p.509). Não é por acaso que ele também menciona a noção de um "aparelho psíquico primitivo" que funciona segundo o "esquema de um aparelho reflexo" e que chega a alucinar, vindo a ser depois inibido pelos processos psíquicos secundários (FREUD, 2001/1900, p.506).

Neste momento, Freud nomeou de "desejo" esse primeiro "tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e dirigindo-se para o prazer" (FREUD, 2001/1891, p.506). O primeiro desejar infantil, como observou Freud, é alucinatório,

¹⁰ Pode-se perceber, já nas entrelinhas desses postulados, que a indestrutibilidade das representações e afetos inconscientes decorre de sua natureza simples, infantil, solidamente estabelecidas como primeiro funcionamento psíquico.

"consistindo numa catexização alucinatória da lembrança da satisfação", mostrando-se "insuficiente para promover a cessação da necessidade, ou, por conseguinte, o prazer ligado à satisfação" (FREUD, 2001/1900, p.506). Esse tipo de corrente que ocorre no interior do aparelho designa seu funcionamento segundo o *Princípio do prazer*, ao modo arco-reflexo, conforme a repetição sensório-motora da lembrança de satisfação que levou anteriormente à cessação de uma necessidade fisiológica.

A repetição de uma impressão sensório-motora torna-se ineficaz para promover a cessação da necessidade na medida em que a realidade lhe impõe resistências, negando ou excluindo os alvos e objetos pelos quais os desejos se satisfazem. Aquilo que uma vez se mostrou eficaz na satisfação de suas necessidades torna-se, com frequência, alvo de desprazer. Os processos psíquicos secundários, então, viriam a inibir os processos psíquicos primários, impedindo a "catexia mnêmica", a lembrança de satisfação de avançar "até a percepção e desde aí ligar as forças psíquicas" (FREUD, 2001/1900, p.506). Nesse sentido, o processo secundário tem de "corrigir o processo primário", inibir as moções de afeto e representações que, com ajuda da "quantidade de excitação" acumulada, decorrente da privação de satisfação, busca repetir a experiência de satisfação (FREUD, 2001/1900, p.508).

Os processos psíquicos secundários instauram a regulação do *Princípio de realidade*, uma função psíquica que leva em conta as exigências que impõe a realidade externa ao indivíduo, inibindo o funcionamento primário. Por sua vez, observou Freud, nos processos psíquicos primários, assim como no inconsciente, que se forma como um resíduo desses processos ao longo do desenvolvimento, não valem os princípios lógicos que guiam as representações, como a negação e a identidade, "pensamentos mutuamente contraditórios não fazem qualquer tentativa de anular uns aos outros, mas subsistem lado a lado" (FREUD, 2001/1900, p.505). Tampouco valem os valores morais ou estéticos que guiariam uma satisfação mais conveniente, aquilo que vale de forma idêntica para todos os indivíduos e aquilo que lhes está negado ou foi excluído.

Tais "processos psíquicos irracionais" primários ou inconscientes, essa linguagem materna do indivíduo, se conservam indestrutíveis e, como observou Freud, eles "regem a produção dos sintomas histéricos" (FREUD, 2001/1900, p.

505). Como podemos ver, na *Interpretação dos sonhos* Freud formulou sua noção de patologia retomando claramente o ponto de vista da involução funcional de Hughlings Jackson, isto é, o ponto de vista dinâmico-funcional e regressivo das patologias:

'É que as enfermidades – ao menos as que são corretamente denominadas "funcionais" - não pressupõem a desintegração do aparelho ou a produção de novas divisões em seu interior. Elas devem ser explicadas em termos dinâmicos, pelo fortalecimento e enfraquecimento dos diversos componentes da interação de forças, da qual tantos efeitos ficam ocultos enquanto as funções permanecem normais. (FREUD, 2001/1900, p.514)

Freud buscou identificar o inconsciente ao Isso da segunda representação tópica, e o Eu ao pré-consciente, observando que "os processos no inconsciente ou no Isso obedecem a leis diferentes daquelas do Eu pré-consciente. Essas leis, em seu conjunto, chamamos de processo primário, em oposição ao processo secundário" (FREUD, 2014/1940, p.63). Não poderíamos esperar do Isso, observou Freud, uma "intenção de se manter vivo e, através do medo, proteger-se dos perigos", pois essa é a "tarefa do Eu" (FREUD, 2014/1940, p.23). O verdadeiro propósito do Isso é satisfazer suas necessidades inatas, enquanto o Eu deve descobrir uma forma "mais propícia e menos perigosa de satisfação, levando em consideração a existência do mundo exterior", podendo novamente e sempre sucumbir ao Isso (FREUD, 2014/1940, p.23).

Assim, dado a superposição dos processos secundários aos primários, o recalque da sexualidade infantil, explica-se a origem das representações inconscientes, impressões sexuais infantis, fixações da libido que resistem à sua total supressão, que caracteriza o funcionamento dos processos psíquicos inconscientes, uma espécie de linguagem materna mais bem fixada pelo indivíduo.

O arcabouço conceitual de *Sobre a concepção das afasias* parece então ter sido conservado, recebendo um novo sentido em algumas ideias da *Interpretação dos sonhos*, tratando-se então de conceber um aparelho anímico, a origem das representações inconscientes e conscientes. O primeiro texto parece ter contribuído para explicar o funcionamento dos processos psíquicos primários e secundários, seus diferentes princípios de associação (*Princípio do prazer e Princípio de realidade*), a sexualidade infantil, o mecanismo do recalque, a regressão e a patologia.

A constituição de uma linguagem a respeito do psíquico, de como se originam as representações e impulsos inconscientes, em muito passa por antigas teorizações que, sobretudo, valorizaram a dimensão do tempo e da história, do hábito e do que foi adquirido. Por isso, insistimos nelas até aqui, pois de outro modo isso nos passaria despercebido. Em *Além do princípio do prazer*, de 1920, Freud expôs essas ideias evolucionárias valendo-se da vesícula indiferenciada:

Imaginemos o organismo vivo, na sua maior simplificação, como uma indiferenciada vesícula de substância excitável; a sua superfície voltada para o mundo externo é então diferenciada pela própria localização, servindo como órgão receptor de estímulos. A embriologia, enquanto repetição da história evolutiva, mostra realmente que o sistema nervoso central provém do ectoderma, e que o cinzento córtex cerebral é ainda um derivado da superfície primitiva e poderia ter herdado características essenciais desta. Seria concebível, então, que o incessante choque dos estímulos externos na superfície da vesícula alterasse a sua substância até uma certa profundidade, de modo que o processo de excitação desta transcorresse diferentemente do que sucederia nas camadas mais profundas. Assim se formaria uma casca, afinal tão curtida pela ação dos estímulos, que apresentaria as mais favoráveis condições para a recepção de estímulos e não seria capaz de outras modificações. Transposto para o sistema Cs, isso significa que os seus elementos não poderiam mais admitir mudança permanente na passagem da excitação, porque nesse sentido já estariam modificados ao extremo. Mas então se achariam capacitados a fazer surgir a consciência. (FREUD, 2010b/1920, p.187)

Acompanhamos aqui, nas entrelinhas dessa narrativa ficcional, a concepção empírica e evolucionária das representações e da consciência. De modo que Freud reconheceu diferentes camadas de funcionamento da substância que descreve como sendo uma vesícula inicialmente indiferenciada, as quais foram formadas ao longo de sua evolução, em uma gradativa complexificação e reorganização da memória. Tratando-se, então, de conceber uma "memória que passa a interpretar as entradas do meio externo", levando em conta esse meio, essa memória se constitui e é reorganizada também "pela relação com os outros e pelo desejo dos outros" (CÂNDIDO, 2003, p.130-131).

É sobre esses pressupostos básicos que mostramos até aqui que se constitui o campo da metapsicologia freudiana, da patologia, da causalidade inconsciente, do desejo, da sexualidade e da determinação do outro, que trata basicamente de uma realidade psíquica e representacional (paralela ao físico), uma memória, que se origina, e que sucessivamente se reorganiza, a partir da sexualidade infantil e das influências parentais ao longo do desenvolvimento do indivíduo. É sobre essa base

teórica que Freud pensou a origem das representações inconscientes/conscientes.

Grande destaque recebeu então a sexualidade infantil, a libido e as suas fixações nas fases do desenvolvimento, como já indicado na *Interpretação dos sonhos*, que para Freud é mesmo o núcleo das neuroses e dos afetos e representações inconscientes, de início coincidindo com o funcionamento dos processos psíquicos primários.

5 A SEXUALIDADE INFANTIL

Durante o período que vai de 1905 até *Totem e tabu*, a matriz evolucionária recebeu destaque no pensamento de Sigmund Freud, buscando dar conta do desenvolvimento da sexualidade infantil, das fases e fixações da libido, e com isso traçar a origem das representações inconscientes/conscientes. Se muitos acreditavam que a sexualidade somente teria início com os anos da puberdade, como despertar do instinto sexual, nas sucessivas edições dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud buscou mostrar como da infância ela gradualmente se organiza, deixando traços de memória permanentes no indivíduo.

Em uma sessão acrescentada em 1915 aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, chamado de teoria da libido, Freud esclareceu que os processos sexuais, isto é, as pulsões sexuais, se diferenciam dos demais instintos talvez por uma "química especial" (FREUD, 2016/1905, p.135). Foi também nos *Três ensaios* aonde Freud apresentou a noção de que a pulsão [Trieb] seria o "representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir" (FREUD, 2016/1905, p.66). Esse representante psíquico inconsciente, a pulsão, é capaz de gerar verdadeiros distúrbios fisiológicos, e se revela como uma fixação libidinal reprimida, referente as multiplas fontes endossomáticas que se apresentaram como objetos de satisfação possíveis durante a infância.

Freud constatou que a energia do instinto sexual parecia ser "o único constante e a mais importante fonte de energia da neurose" (FREUD, 2016/1905, p. 60). A prova disso, observou, seria o número crescente de psicanálises de pessoas histéricas e outros neuróticos, afirmando que "os sintomas são a atividade sexual dos doentes", ou mais especificamente, a atividade sexual e infantil destes, que sucumbiu a repressão (2016/1905, p.60). A psicanálise partiu da premissa de que os sintomas histéricos "são o substituto - como que a transcrição - de uma série de processos psíquicos, tendências e desejos investidos de afetos", que um processo psíquico especial (a repressão) privou do acesso à consciência, sendo que tais "formações mentais, retidas no estado de inconsciência", buscariam uma "descarga", mediante a conversão histérica (2016/1905, p.60).

As pulsões sexuais, por sua vez, se diferenciam umas das outras segundo a fonte e a meta que levaria a satisfação (se passiva ou ativa), ligando-se as diversas zonas erógenas e a totalidade da extremidade sensível do corpo erógeno. O corpo infantil é um corpo polimórfico, pois o prazer advém de diversas fontes, e por excluir a meta reprodutiva é também perverso. No prazer em “olhar e no exibicionismo”, por exemplo, observou Freud, “o olho corresponde a uma zona erógena; no componente de dor e crueldade do instinto sexual é a pele” (FREUD, 2016/1905, p. 68).

O conceito ampliado de sexualidade remete às raízes etimológicas do termo *Trieb*, que Freud utilizou e que por vezes é traduzido por instinto ou por pulsão. Como observa Fonseca (2008), o *Trieb* não é propriamente uma invenção de Freud, mas está associado às obras de filósofos como Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, ao discurso filosófico, ao discurso científico e ao discurso teológico, sendo ele utilizado em áreas distintas do conhecimento, como a filosofia da natureza, a biologia e a fisiologia.

Quando utilizado por Freud, torna-se um conceito metapsicológico, podendo ser decomposto e analisado em suas quatro partes: fonte, pressão, meta e objeto. Ele observa que o que “diferencia os instintos uns dos outros e os dota de atributos específicos é a relação com suas fontes somáticas e suas metas” (FREUD, 2016/1905, p.67). A fonte do *Trieb* ou da pulsão é o processo excitatório, que não cessa (pressão), em um órgão qualquer, e sua meta imediata consiste na remoção desse estímulo, mediante a escolha e um objeto adequado.

Logo se percebe que aquilo que Freud se refere como instinto sexual abarca um amplo campo de series e práticas sexuais, sendo mais amplo e geral do que o mero determinismo do instinto sexual, com suas metas e objetos definidos. Qualquer órgão, em determinada medida, pode se tornar então uma fonte de excitação sexual e de fixação, determinando uma corrente sexual: uma fonte, uma meta e um objeto propício que levará à satisfação e à cessação do estímulo em tal órgão.

Segundo explica Fonseca (2008), é por isso que a tradução do *Trieb* pelo termo “instinto”, com suas metas e objetos específicos, ou como algo pré-formado e ligado a reprodução e a conservação da espécie, é incompleta e limitada. Segundo Tavares (2017, p.81), em nossa língua a palavra “deriva” parece ser a mais

aparentada do termo *Trieb*, “derivam do interior do sujeito-corpo, “brotam” desse interior”, como um instinto, “mas também derivam, “desviam-se” para outra coisa que não o puro determinismo biológico do instintual”.

É que a própria terminologia *Trieb*, como é usada no texto freudiano, abriria margem para esse problema de tradução. Em um dos seus significados, como também aparece, por exemplo, nos escritos de Schopenhauer e Nietzsche, inclui algo como aquilo que a biologia entende por instinto sexual, ou como observa Freud, “uma função fisiológica que serve à conservação da espécie” (FREUD, 2014/1940, p.45). Entre outras, a tradução por instinto desconsidera o aspecto vazio, sem alvo, da pulsão, posição defendida enfaticamente nos *Três ensaios*.

Por outro lado, ainda segundo Fonseca (2008, p.39), "a tendência a recusar a tradução por instinto e substituí-la por pulsão não pode ser justificada". Uma tradução pode ser melhor em um certo ponto da obra freudiana, mas apresenta sempre dificuldades em outro ponto, em que não se acomoda. É preciso ter em mente que Freud não pretendeu naturalizar o conceito em território biológico ou cultural, determinismo hereditário e instintual ou uma pura singularidade. O neologismo pulsão é de origem francesa e, segundo Simanke (2014a; 2014b), tem suas razões em um esforço da psicanálise em se afastar do pensamento biológico de Freud, em desnaturalizar o *Trieb* freudiano, naturalizando-o em outra dimensão.

Contudo, para autores como Tavares (2017), não haveria problema ao recorrer ao termo pulsão para o nosso idioma, contanto que não forcemos o conceito para um dos lados em questão, o biológico ou o cultural, biologismo ou historicismo, recortando do texto freudiano apenas aquilo que nos convêm. O motivo “simples e claro” das reservas para o seu uso, segundo o Tavares (2017, p.84) “é o da alegada remissão de seu uso à tradição francesa e, sobretudo às leituras lacanianas da obra de Freud”. Mas o termo pulsão não é nem uma invenção laciana, tampouco o seu uso implica uma adesão irrestrita ao pensamento de Lacan, contraargumenta o autor.

Optando pelo termo pulsão, Tavares (2017, p.86-87) indica algumas vantagens de seu uso para o nosso idioma, já que em português admitem-se derivações vantajosas relacionadas ao termo, como a pro-pulsão (pressão que leva a ação), a re-pulsão (na reversão do amor em ódio), a retro-pulsão (retorno a propria

pessoa), ou ainda a ex-pulsão (o recalque) e a com-pulsão (sublimação). Ele ainda argumenta que sua preferencia decorre também de que o uso do termo impulso, como é adotado, por exemplo, por Fonseca (2008), faltaria o aspecto de ser ele uma pressão constante.

A diferença de tradução do termo *Trieb* não nos é o assunto fundamental aqui, mas ela toca o nosso problema a respeito da ontogênese e filogênese, da matriz biológica pela qual Freud pensa a sexualidade infantil. Os autores citados acima discordam a respeito do uso de termos como impulso, instinto¹¹ e pulsão, cada qual aderindo ao termo que mais lhe parece adequado, mas convergem, no que estamos em pleno acordo, naquilo que há de mais essencial: trata-se de um conceito fronteiro, que Freud não naturalizou em um dos lados da fronteira biologia-cultura.

A sexualidade é, de fato, além de núcleo da neurose e das representações inconscientes, um conceito amplo, irreduzível ao determinismo instintual da biologia sexual dos demais animais (ao menos como se concebia a sexualidade animal no período que viveu Freud). Mas também é verdadeiro que ela é pensada, por Freud, a partir do modelo biológico, no sentido de aquisições filogenéticas transmitidas por hereditariedade, como fases do desenvolvimento, como se fosse um instinto pré-formado.

Não se pode negar, entre outras, que Freud sempre recorreu a noção de herança de caracteres adquiridos, que falou em fases do desenvolvimento, as vezes de forma implícita e por vezes explicitadamente. Através da ideia de herança de caracteres adquiridos e do postulado da lei da recapitulação filogenética haeckeliana, certas linhas de desenvolvimento, fixações da libido e fenômenos psíquicos foram tratados como dependentes de fatores inatos, internos ao sujeito.

Se tomarmos o que diz Martins (2010b, p.73), a sexualidade infantil e o complexo de Édipo "possuem uma fundamentação filogenética que lhes garante a universalidade". As fixações da libido, que determinam as series sexuais reprimidas e o ponto de regressão na patologia, portanto, teriam um respaldo também no que

¹¹ Simanke (2014a; 2014b), mesmo reconhecendo o centro de toda essa discussão, prefere utilizar o termo instinto, pois percebe que atualmente a biologia tem concebido a sexualidade dos animais para além do modelo restrito a meta reprodutiva, e não ve problemas em aproximar a psicanálise dessas novas descobertas.

é congênito, não só na experiência particular do indivíduo. Como o desenvolvimento ontogenético é uma repetição do desenvolvimento filogenético, a organização sexual do indivíduo repete o que se passou com essa organização do ponto de vista da evolução da espécie. Cada indivíduo recapitula, novamente, a mesma matriz, o que passa a valer universalmente.

Ao usarmos o termo esquema filogenético, como Freud se refere no caso do Homem dos Lobos, para designar o que é herdado, combatemos tanto uma redução da psicanálise a um certo biologismo, do instinto sexual pré-formado dos animais, quanto a tentativa de excluir a cara noção da herança que Freud sempre sustentou. Não há contradição alguma, ao se referir ao esquema herdado, com relação ao que é próprio da sexualidade inconsciente, com a “plasticidade, a indeterminação da pulsão sexual, tal como ela está descrita nos Três ensaios [...] de forma livre, polimorfa, perversa” (MONZANI, 1991, p.102-103).

O esquema filogenético freudiano, diferente do instinto sexual dos animais, se encaixa na plasticidade da pulsão, nesse vazio que rompe com o que é a biologia sexual dos demais animais, que parece instaurar a dimensão do sentido, da sexualidade inconsciente e do corpo erógeno. Freud não compra todo o pacote da biologia quando usa de noções evolucionárias, ele tem objetivos próprios com a herança do adquirido, como generalizar o narcisismo e o complexo de Édipo.

Muito desse percurso, entre hipóteses ontogenéticas e filogenéticas, como veremos logo adiante, se deve a universalização do complexo de Édipo, ou seja, o uso de um mito, que representa o flerte entre o pensamento naturalista e o mito na teoria freudiana, o que indica para um uso muito particular que Freud faz da biologia.

5.1 MITO E FILOGÊNESE

Citando Bento Prado Junior, para quem “há uma irredutibilidade do discurso psicanalítico à gramática da narrativa histórica”, Monzani (1991, p.104) observa ser uma característica do procedimento científico de Freud o fantasiar, identificando o recurso a filogênese como uma das fantasias freudianas. Segundo Iannini (2017,

p.109), pode-se observar um convencionalismo epistemológico¹² ao longo de toda a obra freudiana, uma “combinação de pretensão epistêmica repousada no modelo naturalista da ciência e de confiança inabalável no valor cognitivo e heurístico da ficção e do mito”.

Lá aonde, de fato, não se pode explicar sem deixar lacunas, o discurso naturalista da biologia evolucionária se funde ao da mitologia, por assim dizer. O estudo do ser humano, que cria a cultura, que não é simplesmente determinado pelo instinto, empresta também um certo rigor das doutrinas herdadas por Freud, como a psiquiatria alemã, a psiquiatria francesa, a biologia. Com a filogênese, portanto, não se trataria tanto de descobrir os fatos, e explicar o passado real e histórico, como na embriologia, senão o passado mítico, compreender o tempo presente do psiquismo, ao modo de um “como se”, que escapa a pura determinação cega do instinto.

Decorre disso, uma valorização da linguagem no pensamento freudiano (que as ciências duras da natureza buscam excluir), a concepção de que o conhecimento clínico é um fato linguístico. Como mostra Iannini (2017, p.114), o “fato” clínico enquanto tal, do qual Freud aparentemente derivaria suas teorizações, é um fato linguístico, que toma as virtudes do “romancista como paradigma”. A busca pelo fato enquanto tal, herança da formação científica de Freud, “transforma-se em uma obsessão pelo fato clínico, com todas as idiossincrasias que esse “fato” comporta” (IANNINI, 2017, p.113).

Assim, em uma leitura apressada dos textos freudianos, podemos equivocadamente supor que o autor deriva suas principais ideias, como a pulsão e o inconsciente, da simples observação dos fatos. Ingenuidade, pois Freud está bem ciente de que não está sempre a descobrir coisas, senão aquelas que ele mesmo

¹² A repartição entre ciências naturais e ciências do espírito, como nós a viemos conhecer, explica Iannini (2017), é aproximadamente contemporânea à criação da psicanálise. A discussão a respeito dos métodos e objetos das respectivas ciências se deu no embate conhecido na história da ciência como querela dos métodos. É daí que se operou a divisão das ciências da natureza, daquilo que o homem não criou, que é idêntica a si, que pode ser mensurada, das ciências do espírito, daquilo que é criação humana, a cultura, o meio prático da vida. Categorias como historicidade, interpretação, significação, advindas da História, Teologia e Filologia, passam a ser uma alternativa ao modelo matemático e ao método experimental. Freud parece ignorar a questão dos métodos, entre ciências da natureza, explicar, ou ciências do espírito, compreender, e embora defina sua ciência como ciência natural, ele escapa ao fisicalismo das ciências naturais. Por isso o uso da filogênese como uma espécie de mito, uma valorização da linguagem que as ciências naturais não permitem fazer parte da teoria.

antecipa no material da experiência, através da imaginação.

Não é raro que Freud nos avise estar especulando, lidando com ficções, levando uma ideia adiante para ver até onde isso vai dar, “verificando se ela evolui de modo fecundo e livre de contradições” (FREUD, 2010a/1914, p.22). Na forma como Freud trabalha com os conceitos, há sempre um modelo analógico, um esquema, uma ficção que antecipa o observado, que só faz sentido a partir do referencial empírico e da clínica, da solução de problemas. A genealogia do Eu a partir do Isso, do inconsciente, a narrativa da vesícula indiferenciada, a evolução do sistema nervoso, o desenvolvimento da libido, o processo de hominização e da cultura, são todas analogias desse tipo.

Isso não significa que a experiência não indique mudanças na teoria, o que certamente o faz constantemente¹³, mas aponta, por exemplo, para que não há uma mudança de natureza discursiva, antes observação clínica, questões de fato, depois filogênese, fantasia.

Assim, também não há também um progresso da teoria, por exemplo, como se uma tópica fosse superior a outra, ou se a segunda articulação do dualismo pulsional fosse superior a primeira, apresentasse uma maior afinidade entre sujeito e objeto. Há diferentes modelos de tratar com os diversos problemas clínicos, cada qual sendo capaz de melhor explicar alguns deles, podendo ser substituído por outro ou mesmo revisado a partir de novos problemas. Mas não há, a respeito desses esquemas, uma síntese e progresso do conhecimento, uma pretensão real de conhecer o inconsciente ao modo da consciência. O importante é o que podemos conhecer como seus efeitos, pois essas ideias “não são o fundamento da ciência, sobre o qual tudo repousa; tal fundamento é apenas a observação” (FREUD, 2010a/1914, p.19).

O fenômeno clínico parecia refratário a explicação, mas isso não implicava que certas roupagens teóricas fossem utilizadas como analogia e aproximação do incognoscível, como a fisiologia e a biologia. Não é que o psiquismo inconsciente (ou a pulsão de morte por exemplo) fosse algo difícil de conhecer, que o duro trabalho do cientista pudesse um dia dar conta, mas pela própria organização dos

¹³ Basta ver, por exemplo, a introdução do conceito de narcisismo em 1914, que opera uma nova articulação do dualismo pulsional apresentando nos *Três ensaios*, a partir da exigências dos quadro clínicos como a paranoia e sintomas como a megalomania e a hipocondria.

termos, como Freud o apresenta, ele é uma ideia interna à razão, que orienta o que será conhecido. Não se presta, portanto, a ser conhecido direto pela experiência, a ser testado como uma hipótese qualquer, mas pode ser expresso por analogias, o que exige a capacidade de imaginação do cientista.

É essa linha epistemológica que podemos ver, entre outras ocasiões, logo no começo do escrito metapsicológico *O inconsciente* de 1915, aonde Freud justifica a hipótese do inconsciente. Ele observa que existem lacunas explicativas para diversos dados da consciência, atos psíquicos que necessitam de outros atos para que possam ser explicados. São os atos falhos, os sonhos, os sintomas, as ideias obsessivas, pensamentos espontâneos. Supondo o inconsciente, para além do que nos informa a consciência imediata, conseguimos inscrever esses atos com sentido e coerência.

O inconsciente, sua organização e funcionamento, contudo, não deixa de ser uma conjectura, uma ideia norteadora, algo que colocamos no lugar na percepção direta da realidade pela consciência. Quando percebido pela consciência, não se deixa apreender, a não ser às duras custas de uma boa imaginação, por analogias. Tal como o físico, notou Freud, “o psíquico não precisa, na realidade, ser como nos aparece”, e não podemos, continua, “como Kant nos alertou [...] ignorar o condicionamento subjetivo de nossa percepção”, tomá-la como idêntica ao “percebido incognoscível” (FREUD, 2010d/1915, p.108).

A suposição do inconsciente, além de fornecer uma chave interpretativa dos fenômenos psíquicos, é entendida por Freud como “um desenvolvimento ulterior do animismo primitivo, que em tudo nos fazia ver imagens fiéis de nossa consciência, e por outro lado o presseguimento da retificação, empreendida por Kant, do nosso modo de conceber a percepção externa” (FREUD, 2010d/1915, p.107). Por isso, não podemos ter a naturalidade do inconsciente, ele não se presta a um conhecimento desse tipo.

Nesse sentido, Blum (1998) considerou um equívoco a interpretação da metapsicologia freudiana, mesmo quando se leva em conta a importância de um texto como o *Projeto*, como uma teoria realista, de natureza explicativo-causal. Freud parece justificar suas teorias psicanalíticas através da concepção heurística-kantiana de pesquisa científica. A autora argumenta que o uso da terminologia

fisicalista em alguns textos freudianos, que é como que emprestada do *Projeto*, não implicaria na afirmação da existência dos referentes linguísticos. As hipóteses relativas a estrutura e ao funcionamento do aparelho psíquico são sempre analogias da realidade incognoscível do inconsciente, entes de linguagem, sem compromisso ontológico com as entidades que postula.

Citando Ricoeur (1970, p.60 apud BLUM, 1998, p.1), Blum observa que a dificuldade central da epistemologia psicanalítica está no fato de que Freud se vale de um discurso misto, de conceitos e noções que seriam da alçada das ciências naturais, da explicação, e das relações de sentido, que seriam da jurisdição de uma hermenêutica. De um lado, interpretou-se o discurso sobre o inconsciente, que Freud chamou metapsicologia, como uma teoria neurobiológica que explica e prevê certos fenômenos observáveis. Dessa leitura diversas críticas foram dirigidas a psicanálise, como aquela de Karl Popper. Do outro, entre os que não partilham da crença de Freud de que a psicanálise seja uma ciência natural, a metapsicologia é vista como irrelevante, pois intenção e significado não se subordinam às explicações científicas naturais.

Essas críticas se valeram do pressuposto equivocado, mas tácitamente aceito, de que a metapsicologia foi concebida por Freud para fundamentar os fatos clínicos observados. Defendemos aqui uma posição oposta, de que Freud não buscava simplesmente explicar com sua metapsicologia. Ele não concebia realisticamente as entidades psíquicas que compõem os conceitos do inconsciente, como se isso fosse uma característica fundamental da produção científica. O seu critério de verdade reside na capacidade de organizar os dados da experiência, em resolver problemas.

Em outras palavras, mesmo que Freud nunca tenha abandonado a sua hipótese do inconsciente, modificando-a diversas vezes, ele mesmo admitiu que não se pode ter a naturalidade do conceito de inconsciente, como se houvesse uma progressão em seu modo de pesquisa científica, mas apenas analogias aproximativas, fantasias, construções artificiais. É nesse sentido que compreendemos o esforço de uma genealogia do inconsciente, encontrando as fases e fixações da libido, a pré-história infantil e cultural, ontogenética e filogenética.

5.1.1 ONTOGÊNESE E FILOGÊNESE

A relação ontogênese e filogênese não deve ser entendida no sentido de ser uma ideia descompromissada, ela busca alternar entre aquilo que é particular ao universalmente válido, postulando uma identidade em comum de diversos sujeitos. Do ponto de vista das exigências teóricas com que Freud se confrontava, o jogo entre hipóteses ontogenéticas e filogenéticas visam preencher a lacuna deixada por sua teoria da sedução (mediante o postulado das fantasias), como mostramos anteriormente.

Com relação ao caso do Homem dos Lobos, um dos motivos que parece ter levado Freud à especulação filogenética foram as lacunas deixadas em sua teoria da sedução, que em um primeiro momento atribuía maior importância aos fatores acidentais e vivenciados, decorrentes do desenvolvimento ontogenético. Como explicar a angústia de castração do garoto frente ao pai, por exemplo, quando o pai real não é um pai ameaçador, quando o ambiente não correspondia com o comportamento manifestado pela criança?

Mesmo recorrendo à história desse indivíduo, não seria possível encontrar a causa de seu comportamento, que posteriormente viria a originar os seus sintomas. Com a filogênese, aquilo que não aconteceu de fato na vida do indivíduo, que representava para Freud uma lacuna em sua teoria, poderia ser forçado pela imaginação, preenchido pelas fantasias e pela constituição inata do indivíduo, razão pela qual a abordagem filogenética teria servido para resolução de um problema etiológico.

Mas inicialmente, em 1905, na primeira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, como veremos, o principal objetivo de Freud parece ter sido desenvolver um esquema geral sobre a sexualidade infantil, e com isso também mostrar como os sintomas de seus pacientes eram de natureza sexual e infantil, elucidando-os a partir da primeira pré-história do indivíduo. O que o fez postulando, entre outras, a ideia do corpo erógeno, a existência de partes do corpo, zonas erógenas envolvidas na satisfação de necessidades fisiológicas ligadas à conservação da vida e, simultaneamente, ligadas à excitação sexual.

Os sintomas neuróticos seriam então manifestações da sexualidade perversa e polimórfica característica do período da infância, fixações da libido reprimidas no inconsciente, na forma de moções de afeto associadas às representações inconscientes, agindo na formação sintomática.

Em tudo isso, de grande destaque seria a sedução precoce dos cuidadores, que durante os atos de cuidado e de carinho, pela natureza erógena do corpo, acabam por despertar prematuramente o instinto sexual das crianças. No aleitamento, portanto, o instinto sexual se satisfaz de modo passivo, resultado do cuidado. Derivam desse despertar, logo no período de aleitamento, as manifestações que surgem em torno dos 2 aos 5 anos, e assim também a investida incestuosa das crianças para com seus cuidadores e todos os instintos parciais.

A amnésia infantil, a qual os neuróticos compartilham, deve-se ao fato de que tais memórias haveriam se tornado fonte de desprazer, pela repressão, formando o inconsciente reprimido. Freud também indicou a fonte das formações mentais inconscientes, uma "impressão sexual geralmente recebida no começo da infância" (FREUD, 2016/1905, p.47). Tal impressão traumática, a repressão, assim como o despertar prematuro da sexualidade, teriam também um alicerce hereditário, uma propensão interna por parte do sujeito. Ou seja, ao lado da impressão, fator externo, haveria também uma constituição, fator interno.

Isso foi várias vezes insinuado por Freud já nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, como veremos, mas ficou mais claro em *Totem e tabu*. Foi no segundo texto onde a organização sexual infantil, isto é, o narcisismo, o complexo de Édipo, o recalque, assim como os desejos incestuosos, foram elencados a categorias universais, como disposições inatas adquiridas na história filogenética, que necessitam apenas de algumas condições atuantes na vida do indivíduo para se tornarem efetivas.

Entre as principais descobertas de Freud no período de escrita de *Totem e tabu* encontramos, portanto, o núcleo edípico da sexualidade infantil e das neuroses. A argumentação que Freud vem tecendo desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* já preparava o caminho para a filogênese, indicando diversas vezes para a possibilidade de uma concepção da organização sexual infantil inata, com seus instintos parciais, fixações, mudanças de alvo e de meta, repressões e suas

situações traumáticas. No primeiro subitem desse capítulo, onde analisaremos detalhadamente os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, buscaremos destacar essas passagens em notas de rodapé.

Neste sentido, segundo Mariguela (2001, p.105), o incurso filogenético empreendido por Freud em *Totem e tabu* se projeta no contexto de uma busca por generalização dos dados particulares de antes, de descobertas como a sexualidade infantil "e, nela, a construção do núcleo edípico". A sexualidade infantil e o Édipo tornaram-se, então, a chave para a civilização, e, assim, Freud pode conjecturar sobre as etapas da história humana buscando generalizar os casos particulares, na busca pelo que é inato e constitucional.

Nessa mesma linha, Martins (2010b, p.73) também argumenta que a abordagem filogenética se inseriu no contexto da "exigência crescente de formalização requerida pelo desenvolvimento da teoria, por meio da tentativa de generalização das formulações singulares", como é o caso do complexo de Édipo e da sexualidade infantil. Podemos dizer, de uma exigência de constituição de uma teoria do desenvolvimento da libido cujas linhas iniciais foram traçadas em 1905.

Foram as considerações cabais das investigações de 1905, como mostraremos, que legaram para obras posteriores a tarefa de aprofundar o sentido do sintoma, em uma abordagem que parte da infância e do acidental e avança até a filogênese e o constitucional. Já em 1905 Freud admitia que poderia haver algo de "congénito na base" da sexualidade infantil e para a escolha das neuroses, algo de inato (FREUD, 2016/1905, p.71). É "bem possível", diz ele, que nas enfermidades esteja incluído um prévio "grau excessivo de repressão sexual" e uma "grande intensidade do instinto sexual", mas essa "suposição não é indispensável" (2016/1905, p.69), concluiu.

Devem ser levados em conta fatores acidentais, sem os quais talvez não houvesse a doença, como restrições de liberdade, "inacessibilidade do objeto sexual normal" durante a vida adulta, ou mesmo a excitação prematura do bebê (FREUD, 2016/1905, p.70). Parece ser uma referência aos seus mestres, em especial Charcot, quando Freud observa que até então tem-se dado "bem mais atenção à pré-história abarcada pelas vidas dos antepassados", do que àquela outra "pré-história", a infância (2016/1905, p.73). Segundo o que assinalou Freud, seria "de acreditar que

a influência desse período da vida", isto é, a infância, poderia ser mais facilmente compreensível e deveria então "ser considerada antes da hereditariedade" (FREUD, 2016/1905, p.73).

Por mais que ao longo do texto, como em passagens acima, possa parecer haver um privilégio dos fatores acidentais em detrimento do hereditário e do constitucional, o que acompanhamos a partir do segundo capítulo é uma abordagem que prepara o caminho para aquela pré-história filogenética. Em uma nota acrescentada em 1915, que segue exatamente sobre essas observações acima, mostra que o que está em questão é mesmo investigar primeiro a infância, os fatores acidentais e depois a filogênese, e não privilegiar um ou outro lado da questão. Nela Freud diz o seguinte: "também não é possível discernir de maneira exata a parte correspondente à hereditariedade sem antes avaliar aquela atinente à infância" (FREUD, 2016/1905, p.73).

Buscaremos mostrar como em *Totem e tabu* Freud avançou progressivamente, em uma crescente formalização de sua teoria, mudando o enfoque da ontogênese para a filogênese, do particular para o universal, da pré-história do indivíduo àquela da espécie, em uma crescente valorização dos aspectos inatos da infância. O prefácio à terceira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, redigido em outubro de 1914 em Viena, é esclarecedor do sentido dessas teses divididas em duas obras, e pode demonstrar nosso ponto antes de analisarmos esses textos detalhadamente. Nele Freud acrescentou que, via de regra, no que se refere à sua estratégia argumentativa, "os fatores acidentais são colocados na frente, os fatores disposicionais são deixados em segundo plano e o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético" (FREUD, 2016/1905, p.15).

Segundo observou Freud, o "elemento acidental desempenha o papel principal na análise", sendo que o "elemento disposicional somente aparece atrás dele, como algo que é despertado pelas vivências" (FREUD, 2016/1905, p.15). No fundo, então, a "disposição" é o precipitado de uma "vivência mais antiga da espécie", à qual vem acrescentar-se a soma dos fatores acidentais (2016/1905, p.15). De tal modo que o acidental teria, como base, algo de inato, de determinado. Assim, a "ontogênese" seria uma "repetição" da "filogênese", concluiu Freud (2016/1905, p.15).

Com as sucessivas edições que compõem os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, com os avanços da teoria da libido e o incursão à filogênese, parecem-nos que cada vez mais Freud reconheceu "o valor de organização à sexualidade infantil" (BARBOSA e SANTOS, 2005, p.164). Organização no sentido de existirem certas matrizes inatas, que forçam a experiência em determinado sentido que se repete em cada novo indivíduo. A introdução do conceito de narcisismo, narcisismo primário e secundário, no período de 1914, se deveram também a essas construções teóricas sobre as fases e as fixações da libido.

Repetição e determinação que também admite certa historicidade e singularidade, pois no constitucional é alicerçada a história de cada indivíduo, por exemplo, o Édipo mesmo sendo universal será sempre o Édipo deste ou daquele indivíduo, levando em conta os acidentes de seu percurso pela vida, que indivíduos diferentes escolhem modelos diferentes de identificação (COSTA, 2016).

De tal modo que, segundo o esquema que viemos apresentando aqui, a filogênese permite: a) suprir lacunas teóricas por meio do postulado das fantasias, organizações e dinâmicas psíquicas inatas; b) estender a importância da sexualidade para a vida do ser humano em geral e para a cultura; c) representa o esforço conjunto de constituição da teoria do desenvolvimento da libido, na condição da recapitulação ontogenética do desenvolvimento filogenético.

Na passagem da ontogênese à filogênese o raciocínio freudiano foi "da constatação das formas anímicas (mecanismos, organização e dinâmica) atuais às hipóteses sobre sua filogenia, do indivíduo à espécie do ponto de vista de uma memória histórica" (WINOGRAD, 2007a, p.79). A produção "do mecanismo do recalque num indivíduo significava, por exemplo, que ele teria sido importante para a perseverança da espécie humana", e por isso teria sido transmitido para gerações posteriores (WINOGRAD, 2007a, p.79).

Vejamos agora uma análise detalhada dos *Três ensaios* e de *Totem e tabu*

6 TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE

Como todos sabem, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* Freud buscou demonstrar a sexualidade infantil, ou seja, como a sexualidade humana começaria a se desenvolver desde antes da puberdade. Ele partiu do cruzamento dos resultados de investigações psicanalíticas das neuroses, que indicavam quase sempre o núcleo sexual e infantil destas enfermidades, com aqueles do estudo do desenvolvimento infantil e do lactante, e assim aproximou a sexualidade infantil da sexualidade perversa. Ao longo do texto acompanhamos Freud no combate a duas pressuposições em especial, de que a sexualidade só teria início com os anos da puberdade e que teria como meta apenas a "união sexual", considerando-as um "quadro infiel da realidade" (FREUD, 2016/1905, p. 21).

No chamado *Compêndio de psicanálise*, Freud explicou as razões que o levaram a se posicionar contra estas pressuposições. Ele observou que sempre foram conhecidos determinados fatos que não se encaixam nela, como haverem indivíduos que “só sentem atração por indivíduos do próprio sexo e suas genitálias”, ou pessoas, as quais chamamos perversos, “cujos desejos se revelam exatamente como sexuais, mas que com isso prescindem por completo dos órgãos sexuais ou de seu uso normal” (FREUD, 2014/1940, p.33). Por fim, ainda haveria o fato de que “algumas crianças, por essa razão consideradas degeneradas, mostram, desde muito cedo, interesse por suas genitálias e indícios de excitação das mesmas” (FREUD, 2014/1940, p.33)

O segundo dos pressupostos que mencionamos acima, de que a sexualidade teria como meta apenas a união sexual, então, seria contrariado pela observação do curso natural da vida sexual dos indivíduos, que mostra a amplitude daquilo que as pessoas fazem em sua vida sexual privada. Os desvios relativos à meta sexual já se mostram no "ato sexual mais normal", observou Freud, rudimentos que, se desenvolvidos, levarão aos desvios que são chamados de perversão, como o tocar e o olhar, o beijo, o adiamento nas relações intermediárias e preliminares ao coito (FREUD, 2016/1905, p.41). O caso patológico nas perversões sexuais, explicou Freud, surgiria quando o anseio pelo "fetichismo" fosse além dessa pré-condição e se fixasse, colocando-se no lugar da meta sexual normal.

Mas quando as condições são favoráveis, observa Freud, "também o indivíduo normal, durante um bom tempo, pode substituir por uma perversão dessas a meta sexual normal" (FREUD, 2016/1905, p.56). Todo o tipo de dificuldade que a realização do instinto sexual encontra em seu caminho favorece para a escolha de uma perversão. Isso valeria mesmo para as formas mais extremas, como a intimidação sexual de crianças, o uso de excrementos e animais. A fronteira entre o normal e o patológico parece então bastante fluida, de modo que seria "inadequado" usar o nome "perversão" na expectativa segura "de que os indivíduos que as fazem são, por via de regra, doentes mentais ou pessoas com graves anomalias de outra espécie" (FREUD, 2016/1905, p.56).

Freud buscava questionar a norma suposta pela sociedade, mostrando como certos comportamentos sexuais associados à patologia e à degeneração física e moral, assim o eram por crenças estabelecidas pelas convenções sociais. Freud argumenta que casos de inversão e homossexualidade, tão frequentes, não se apresentavam apenas em indivíduos doentes, mas em indivíduos normais na maior parte das esferas de suas vidas. Neste sentido, "parece mais adequado não falar em degeneração", pois o mesmo ocorre em pessoas que se "distinguem por elevado desenvolvimento intelectual e cultura ética", quando as "capacidades de funcionamento e de existência não parecem seriamente comprometidas" (FREUD, 2016/1905, p.25).

O primeiro dos pressupostos combatidos por Freud, que mencionamos acima, se refere à crença de que a sexualidade só teria início nos anos da puberdade. Um dos principais objetivos dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* foi o de demonstrar a sexualidade infantil, ligando-a à sexualidade perversa. Desde ao menos a *Interpretação dos sonhos*, como também observamos em outro momento, a sexualidade infantil foi associada à formação do núcleo inconsciente das neuroses, desde certas impressões vivenciadas pela criança. Um aspecto importante a ser considerado é que a escolha da perversão, ou o caso de inversão e homossexualidade, refletem também a "contínua influência de uma impressão sexual geralmente recebida no começo da infância" (FREUD, 2016/1905, p.47).

Como veremos adiante, todos os componentes da perversão e das diversas

condutas sexuais são encontrados, antes, na infância, como instintos parciais que, ao longo do desenvolvimento, tendem a se integrar em torno da meta sexual adulta. Por uma determinação biológica, a função sexual tenderia a se organizar “numa função fisiológica que serve à conservação da espécie”, isto é, de modo a permitir que durante a vida adulta sejam liberados, através da união sexual, os produtos sexuais (FREUD, 2014/1940, p.45). A sexualidade infantil foi considerada, então, perversa e polimórfica, na medida em que a meta sexual, como no caso das perversões, não leva em conta a união sexual genital, e o prazer é assim obtido através de diversas zonas corporais e instintos parciais.

De tal modo que, observou Freud, "disso podemos tirar uma indicação de que talvez o instinto sexual não seja algo simples, mas sim composto de elementos que dele novamente se separam nas perversões" (FREUD, 2016/1905, p.58). Freud nos chamou à atenção para o fato de "havermos concebido a ligação entre o instinto sexual e o objeto sexual como mais estreita do que é na realidade" (2016/1905, p. 38). Arriscamos assim a não enxergar que há uma "soldagem" entre instinto e objeto sexual, que não ocorre com tanta regularidade como pensamos e nem é tão estável assim. Devido à uniformidade da configuração normal tendemos a pensar que o "instinto parece já trazer consigo o objeto" (2016/1905, p.38).

Freud considerou que o "instinto sexual", desde a infância, “tem de lutar contra certas forças psíquicas que agem como resistências, entre as quais a vergonha e o nojo sobressaíram mais claramente" (2016/1905, p.57). Sendo lícito supor então que se "tais forças" de inibição se desenvolveram¹⁴ no indivíduo "antes que o instinto sexual atinja sua plena força, são elas, provavelmente, que lhe apontam a direção do desenvolvimento" (2016/1905, p.58). No caso das neuroses, tal desenvolvimento foi somente parcialmente alcançado, havendo algum tipo de fixação da libido em um ou mais dos instintos sexuais parciais, que permaneceu reprimido e inconsciente, mas atuando na formação dos sintomas.

Nesse sentido, Freud distinguiu então perversão positiva de perversão negativa (neurose), a primeira se referindo ao instinto sexual parcial que teve seu

¹⁴ Em nota acrescentada em 1915, que segue essa citação, Freud observa que essas forças, como a "moralidade", podem ser vistas como "precipitados históricos" e filogenéticos, que "elas aparecem a seu tempo no desenvolvimento do indivíduo", de forma "espontânea" (2016/1905, p.58).

curso de desenvolvimento não interrompido até a vida adulta, e a segunda como uma tendência suprimida, mas que de algum modo continuou a se realizar. No primeiro caso, o instinto sexual perverso teve livre curso de desenvolvimento, positivando a conduta sexual perversa. No segundo, por sua vez, a supressão da sexualidade infantil foi incompleta, ela permaneceu atuando, de modo negativo então, nos sintomas. No segundo caso, mesmo a genitalidade sendo alcançada, ela é então perturbada pelos componentes perversos da sexualidade que se mostraram indestrutíveis no inconsciente.

Com auxílio "de uma técnica especial", seguindo determinadas etapas, os sintomas neuróticos poderiam ser transformados "de volta em ideias investidas de afetos, tornadas conscientes", através de um percurso de busca da "origem dessas formações psíquicas" (FREUD, 2016/1905, p.61). Desta forma Freud verificou que os sintomas representam um substituto para os impulsos sexuais infantis, para ideias investidas de afeto que residem no inconsciente. O chamado "caráter histérico" estaria ligado a um "quê de repressão sexual que vai além da medida normal", uma fuga quase que instintiva do sexual (FREUD, 2016/1905, p.61). Essa repressão se explica também por uma força excessiva do instinto sexual presente nesses indivíduos, que é somente parcialmente suprimida. Entre a pressão do instinto sexual e a repressão, não se "resolve o conflito", procura-se lidar com ele "mediante as transformações dos impulsos libidinais em sintomas" (FREUD, 2016/1905, p.62).

Assim, prosseguiu Freud, "os sintomas se formam, em parte, à custa da sexualidade anormal; a neurose é, digamos, o negativo da perversão" (FREUD, 2016/1905, p.63). Ao demonstrar que os impulsos sexuais perversos são formadores dos sintomas neuróticos, "aumentamos extraordinariamente o número de pessoas que podem ser incluídas entre os perversos", observou Freud (2016/1905, p.71). Com esse argumento, ele considerou então que as perversões, condenadas pela sociedade, não são peculiaridades raras, desvios graves, são na verdade "parte da constituição julgada normal" (FREUD, 2016/1905, p.71). É nesse sentido que Freud considerou as neuroses como patologias sexuais, pois em todo neurótico se conserva no inconsciente sua sexualidade infantil e perversa, suprimida de forma incompleta.

Em todos os neuróticos mostrar-se-ia em sua vida inconsciente os mesmos impulsos da perversão, impulsos de inversão, as tendências às extensões

anatômicas, o instinto do prazer em olhar e da exibição, o instinto da crueldade ativo e passivo. Nas chamadas perversões, o significado sexual de zonas erógenas como a boca e o orifício anal é evidente, nas neuroses esse significado dá-se somente mediante laborioso trabalho de interpretação e de regressão à história do sintoma. É na histeria, segundo Freud, onde isso aparece mais claramente, nos sintomas somáticos as zonas do corpo são a sede de novas sensações e mudanças de inervação, "de processos que podem ser comparados à ereção" (FREUD, 2016/1905, p.68).

Os gérmenes dessa constituição, observou Freud, serão então evidenciados nas crianças, segundo a "fórmula de que os neuróticos mantêm o estado infantil de sua sexualidade ou são remetidos de volta a ele" (FREUD, 2016/1905, p.72). Como veremos mais adiante, essa concepção está presente em seu conceito de narcisismo, mediante a observação de que os sintomas de seus pacientes, como o isolamento, a angústia, delírios de perseguição e outros, retomariam o narcisismo da infância (um narcisismo secundário, mediante a introversão da libido e abandono dos objetos, edificado sobre o narcisismo primário), representando a satisfação de moções pulsionais inconscientes.

É que, de longa data, os pacientes histéricos atendidos por Freud também regularmente relatavam situações da infância onde o impulso sexual se mostrou inadequado, o que levava à suspeita de relação entre os sintomas e a vida sexual infantil desses indivíduos. Se valendo do conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, Freud especulou que a maioria de seus pacientes histéricos, assim como os indivíduos considerados perversos, teriam vivenciado episódios de sedução durante o período lactante. Isso explicaria o despertar prematuro da sexualidade nesses indivíduos, que floresceu durante a infância como eles mesmos relatam, e foi parcialmente suprimido, atuando então na formação dos seus sintomas.

As crianças vivenciam a sexualidade e, segundo Freud, a razão para a negligência desse aspecto deve ser buscada nas convenções sociais e na amnésia infantil. Ele parece convencido, pela "investigação psicológica em outras pessoas", que tais vivências deixaram "os mais profundos traços em nossa vida psíquica, e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior" (FREUD, 2016/1905, p.76). Essa amnésia torna a infância do indivíduo uma espécie de "tempo pré-histórico, escondendo-lhe os primórdios de sua vida sexual" (FREUD,

2016/1905, p.77). São então os "relatos bastante frequentes" dos neuróticos sobre impulsos sexuais supostamente irregulares na infância que "permitem esboçar" o quadro do comportamento sexual nessa época (FREUD, 2016/1905, p.78).

É possível decompor o instinto sexual, durante seu período de florescimento e antes de sua supressão, em vários componentes, como os instintos auto eróticos, o par de opostos ativo e passivo, o instinto de apoderamento, de crueldade, do olhar e de exibir. Mas no caso dos seus pacientes, Freud parecia certo que estes teriam esquecido, reprimido tais vivências infantis, que em certo momento do desenvolvimento¹⁵ passaram a ser traumáticas para eles. Disso depreende-se a condição interna para a formação de sintomas de conversão na histeria e das demais neuroses, ao nutrirem-se da energia libidinal assim represada, que não cessa de produzir seus efeitos.

Ainda antes dessas manifestações sexuais infantis narradas por seus pacientes, Freud especulou que o instinto sexual se faria presente na mais tenra infância do bebê. Assim, ele toma como um modelo, para explicar a sexualidade infantil, o ato de chupar. Ato este que se desenvolve no aleitamento e que consiste na sucção repetida de maneira rítmica, mesmo "sem a finalidade da alimentação" (FREUD, 2016/1905, p.83). Freud justificou sua escolha devido à clara "natureza sexual desse ato", que absorve completamente a atenção da criança, conduz ao adormecimento e se assemelha a reação motora de um "orgasmo" (FREUD, 2016/1905, p.83).

Utilizando uma denominação introduzida por Havelock Ellis, Freud se referiu a esse modo de satisfação do instinto sexual, que tem como modelo o ato de sucção da criança, como sendo auto erótico, pois ele se satisfaz no próprio corpo, de modo narcisista. Ele nos informa também que "o ato da criança que chupa é determinado pela busca de um prazer - já vivido e agora lembrado" (FREUD, 2016/1905, p.85). O ato que antecede este último é o do "mamar no peito da mãe", a primeira e mais vital atividade da criança (FREUD, 2016/1905, p.85). Com o surgimento da dentição, observou Freud, a alimentação não é mais exclusivamente "sugada, e sim mastigada", o seio é abandonado e então uma parte do próprio corpo, "da própria

¹⁵ Tais vivências trariam algo de constitucional, das "raízes inatas" do instinto sexual, que numa série de casos "se desenvolvem até se tornarem os autênticos veículos da atividade sexual (perversões)", ou então sofreriam uma "supressão (repressão) insuficiente" no caso das neuroses (2016/1905, p.72)

pele", é tomada voluntariamente no ato de chupar.

Assim, expôs Freud, "já podemos ver, no ato de chupar ou sugar com leite" algumas das características essenciais da manifestação sexual infantil, ou seja, que "esta surge apoiando-se numa das funções vitais do corpo, ainda não tem objeto sexual, é autoerótica, e sua meta sexual é dominada por uma zona erógena" (FREUD, 2016/1905, p.87). Assim, "no começo, a satisfação da zona erógena estava provavelmente ligada à satisfação da necessidade do alimento", apoiada em uma função que serve "à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela" (FREUD, 2016/1905, p.85).

A partir disso, Freud postulou a ideia de um corpo erógeno, segundo o qual cada órgão corporal, como a boca, seria tanto fonte de instintos de conservação quanto de pulsões sexuais. Toda a superfície corporal pode ser vista como uma zona erógena, capaz de realizar a meta sexual, isto é, de "gerar a satisfação por meio da estimulação apropriada" (FREUD, 2016/1905, p.89). A diferença entre uma zona erógena e outra diz respeito ao procedimento ou objeto adequado à satisfação, que no tocante à zona labial, que tomou como modelo o seio materno, consistiu no sugar. A necessidade de repetir a satisfação se revela pela emergência, em intervalos de tempo, de uma mesma "sensação de tensão", que possui antes o "caráter de desprazer", por uma "sensação de comichão" que desencadeia a ação motora adequada à supressão do estímulo (FREUD, 2016/1905, p.89).

É possível então formular a meta sexual infantil da seguinte maneira: "seria questão de substituir a sensação de estímulo projetada, na zona erógena, pelo estímulo externo que anula a sensação de estímulo, ao gerar a sensação de satisfação" (FREUD, 2016/1905, p.90). O protótipo da meta sexual infantil é também a atividade do sono, aonde o indivíduo alcança um estado onde a atenção é dissolvida e suas forças são dirigidas para si mesmo e para a atividade do sonhar. A primeira das organizações da vida sexual infantil¹⁶ foi chamada "oral" ou "canibal", e isso porque essa organização pre-genital parece um retorno "a estados primitivos da vida animal" (FREUD, 2016/1905, p.108). A atividade sexual "ainda não se encontra separada da ingestão", isto é, os componentes libidinais se acham ligados à

¹⁶ A sessão sobre as fases do desenvolvimento da organização sexual infantil foi acrescentada somente em 1915, no segundo capítulo do texto.

satisfação das necessidades vitais como o alimento, como observávamos acima (FREUD, 2016/1905, p.108). O ato de chupar é assim um resíduo dessa fase, no qual a atividade sexual trocou o objeto externo pelo próprio corpo, tornando-se auto erótica. A segunda fase da organização sexual pre-genital, então, é a organização sádico- anal, nela já se encontra desenvolvido o antagonismo entre ativo e passivo.

As crianças também se utilizam da excitabilidade erógena da "zona anal" retendo a massa fecal até que esta, acumulando-se, "provoque fortes contrações musculares" (FREUD, 2016/1905, p.91). Pois isto deve produzir, juntamente à sensação de dor, uma sensação de prazer. A retenção da massa fecal é também empregada na relação com os cuidadores, a meta ativa ligada a essa zona erógena exprime o instinto sádico e de crueldade, ou mesmo a desobediência. A zona erógena anal "é também uma das raízes da obstipação tão frequente nos neuropatas [...] o pleno significado da zona anal se reflete no fato de encontrarmos poucos neuróticos que não tenham suas práticas escatológicas especiais" (FREUD, 2016/1905, p.93).

A fase de ambivalência, termo introduzido por Bleuler, designa os pares de instintos opostos, ativo e passivo, que acham desenvolvidos aproximadamente de modo igual, como o exibicionismo e o *voyeurismo*, o sadismo e o masoquismo. A ambivalência, como observou Freud, é a consequência da proibição do instinto sexual. Proibição e instinto são ambos mantidos, do que decorre uma fixação, uma situação não resolvida. A atitude ambivalente do indivíduo frente a um objeto¹⁷, ou melhor, quanto à ação sobre ele, representa que ele sempre quer realizar essa ação, mas ao mesmo tempo a abomina. A proibição torna-se consciente e o desejo é então mantido inconsciente, ambos nunca se encontram.

Já a zona erógena genital estaria ligada à micção, às fricções envolvidas na higiene corporal (glândula, clitóris), de modo que não faltariam estímulos que pudessem desde cedo apoiar a excitação sexual deste órgão. O "onanismo do bebê", observou Freud, ao qual praticamente ninguém escapa, já que a maioria de nós quando criança foi submetido aos cuidados e à higiene, estabelece a "futura primazia dessa zona erógena na atividade sexual" (FREUD, 2016/1905, p.94). A ação que depois visará eliminar o estímulo dessa zona erógena assim constituída

¹⁷ Tal atitude ambivalente será também a explicação do tabu e do totemismo, como mostraremos adiante no próximo item deste capítulo

consiste em movimentos de fricção, com a mão ou com as coxas, com o uso de pressão.

Decorre disso, explicou Freud, "três fases na masturbação infantil", a do período de amamentação, a do "período de florescimento da atividade sexual, por volta dos quatro anos", e a da puberdade (FREUD, 2016/1905, p.95). Essa segunda fase da masturbação infantil deixará profundos traços inconscientes, os quais "determinam o desenvolvimento de seu caráter, quando ela permanece sadia, e a sintomatologia de sua neurose, quando ela adocece após a puberdade" (FREUD, 2016/1905, p.96). A maioria dos distúrbios infantis, como enurese noturna, doenças atribuídas à bexiga, correspondem ao ato de masturbação.

O reaparecimento da masturbação lactante, observou Freud, decorre tanto de causas internas, "fatores oriundos da constituição", quanto de causas externas e acidentais (FREUD, 2016/1905, p.98). As "ocasiões externas, acidentais, adquirem importância grande e duradoura nessa época", em destaque a "influência da sedução", que faz a criança conhecer "prematuramente", em circunstâncias de forte impressão¹⁸, a "satisfação das zonas genitais", o que ela busca renovar pela masturbação. (FREUD, 2016/1905, p.97). A predisposição polimórfica e perversa pode ser induzida "sob a influência da sedução", em todas as extensões possíveis (FREUD, 2016/1905, p.98).

Com todo o predomínio das zonas erógenas e do auto erotismo, uma outra espécie de instintos parciais mostra que desde o início outras pessoas entram em consideração como objetos sexuais, são desta espécie os "instintos de voyeurismo e exibicionismo e de crueldade" (FREUD, 2016/1905, p.99). Freud observou que as crianças, desde o início, são pequenos exibicionistas, que não se intimidam em desnudar seu corpo diante de outras pessoas. O prazer ativo em olhar provavelmente se manifestaria posteriormente, após certas barreiras colocarem-se como entrave ao instinto exibicionista. As crianças pequenas que tiveram a atenção dos pais voltada ao próprio órgão, "por via masturbatória, em geral", prosseguem com grande interesse pelos genitais dos outros, expectando micções e defecações alheias (FREUD, 2016/1905, p.100).

¹⁸ Mas é "evidente", conclui Freud, que nem sempre se requer a sedução para isso, esse despertar "pode ocorrer espontaneamente, por causas internas" (2016/1905, p.98).

O papel da sedução prematura¹⁹, de ser olhado pelos cuidadores, se faria presente, portanto, na perversão de olhar, sendo o ímpeto exibicionista e passivo anterior a ele. Sobrevinda a repressão do instinto *voyeurista*, por sua vez, persistiria dele o ímpeto atormentador, a crueldade, que agiria como "força motriz para a formação de sintomas" (FREUD, 2016/1905, p.100). Como a capacidade de compaixão se originam relativamente tarde, evidencia-se o perigo da associação entre crueldade e a sexualidade adulta, que pode se mostrar insolúvel, já presente nas brincadeiras das crianças com animais e outras crianças.

Em uma sessão acrescentada apenas no ano de 1915, engenhosamente Freud também ligou o impulso sexual ao impulso de saber e da pesquisa, argumentando que ele seja, por um lado, "uma forma sublimada de apoderamento", e por outro, que "ele trabalha com a energia do prazer de olhar". (FREUD, 2016/1905, p.103). Para Freud é um fato inquestionável, a partir de tudo que suas descobertas clínicas podem produzir em um diálogo com a pesquisa sobre o desenvolvimento infantil, que o recém-nascido traria consigo gérmenes de impulsos sexuais. Gérmenes que se apoiam nos cuidados maternos e que "continuam a se desenvolver por algum tempo" e depois sucumbem à supressão²⁰, "que pode ser ela mesma interrompida por verdadeiros acessos de desenvolvimento sexual" (FREUD, 2016/1905, p.78).

A fim de completar o quadro das fases da organização sexual, seguindo o que propôs Freud, devemos então "supor que já na infância se realiza, com frequência ou com regularidade, uma escolha de objeto", ao lado do autoerotismo e dos demais instintos parciais da sexualidade (FREUD, 2016/1905, p.110). Na puberdade do homem e da mulher a nova meta sexual virá a despertar, estabelecendo o primado das zonas genitais. Acompanhando o desenvolvimento anatômico, do lado psíquico efetua-se "a descoberta do objeto", ou melhor, uma "redescoberta" então (FREUD, 2016/1905, p.142-143). O estabelecimento do

¹⁹ Mas Freud constata que suas investigações o levaram a "concluir que o impulso voyeurista pode surgir como manifestação sexual espontânea na criança" (2016/1905, p.100).

²⁰ Novamente Freud considerou possível que intervenham aí, nessa supressão dos impulsos sexuais, fatores além daqueles que dependem da experiência do indivíduo, disposições e "peculiaridades individuais" (2016/1905, p.78). Esse desenvolvimento das "represas", insistiu Freud, é também "organicamente condicionado, fixado hereditariamente", e pode se produzir "sem qualquer auxílio da educação" (2016/1905, p.80).

primado dos genitais a serviço da reprodução “é, portanto, a última fase percorrida pela organização sexual” (FREUD, 2016/1905, p.110).

Podemos ver que a escolha de objeto ocorre em dois tempos, a primeira com início entre as idades de dois a cinco anos, que coincide com a organização pre-genital da sexualidade, e a segunda por volta do fim da puberdade, onde o primado da zona genital está estabelecido (FREUD, 2016/1905, p.111). A sexualidade infantil é interrompida pelo período de latência e assim ocorre com as diversas séries sexuais, como aquela que implicaria na escolha incestuosa de objeto. O período de latência levará consigo o legado de todo período anterior da infância, podendo ele mesmo vir a ser suprimido por interferências e irrupções da sexualidade.

Não apenas a excitação sexual precoce nas zonas genitais, o período de aleitamento, mas também o carinho, o olhar, o falar, em suma o narcisismo dos pais transferido aos filhos, mostrará seus efeitos no período de latência e na organização sexual adulta. Pais neuróticos, que transferem seu narcisismo aos filhos, com mimos e carinhos excessivos, observa Freud, podem assim "transferir seu distúrbio para os filhos por caminhos mais diretos que o da hereditariedade" (FREUD, 2016/1905, p.145). Quando o "carinho dos pais é bem-sucedido", por outro lado, ele impede o despertar prematuro do instinto sexual, facilitando o período de latência e, de tal modo, o caminho para a "escolha do objeto sexual, na época da maturidade" (FREUD, 2016/1905, p.147).

A “barreira contra o incesto”, observou Freud, seria uma exigência cultural da vida em sociedade²¹, que atua, "com todos os meios, no sentido de afrouxar em cada indivíduo, especialmente no jovem, os laços com a família, que eram os únicos decisivos na infância" (FREUD, 2016/1905, p.147). Instaurando-se a proibição do incesto, e havendo o período de latência entre as fases pre-genital e genital, onde se erguem as represas psíquicas como a vergonha, as metas sexuais infantis se revelariam inutilizáveis, dando origem à "corrente terna da vida sexual" (FREUD, 2016/1905, p.111).

²¹ Em nota acrescentada sobre essa citação, no ano de 1915, onde Freud indicou sua obra *Totem e tabu*, ele disse o seguinte: "a barreira contra o incesto é provavelmente uma das aquisições históricas da humanidade, e, como outros tabus morais, já estaria fixada por herança orgânica em muitos indivíduos" (2016/1905, p.147). Mas a investigação psicanalítica mostra, continuou ele "que o indivíduo ainda luta intensamente com a tentação do incesto em seu desenvolvimento e que muitas vezes sucumbe a ela na fantasia e até mesmo na realidade" (2016/1905, p.148).

O carinho excessivo dos pais terá suas consequências no início da puberdade, quando a escolha do objeto é realizada primeiramente na imaginação, através de fantasias²² que revelam os desejos inconscientes do filho pela mãe e da filha pelo pai. À superação dessas fantasias incestuosas sucederá uma importante realização psíquica, o "desprendimento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição - tão relevante para o avanço cultural – da nova geração em face à antiga" (FREUD, 2016/1905, p.149). No curso do desenvolvimento, muitos indivíduos são retidos, de modo que nunca superam a autoridade dos pais, ou o fazem de modo bastante incompleto.

6.1 FIXAÇÃO E REGRESSÃO DA LIBIDO

A fixação incestuosa de objeto durante a infância se revela inequívoca para a explicação das neuroses. Ela "permanece no inconsciente", sendo renovada através de fantasias durante a puberdade, e, na vida adulta, na forma do ideal do amor assexual, na excessiva necessidade de ternura e horror ao ato sexual, que reedita as relações de amor entre os familiares (FREUD, 2016/1905, p.150). Mas a inclinação infantil pelos pais não é a única influência relevante para a organização sexual adulta do indivíduo, toda a preponderância do autoerotismo e dos demais instintos parciais da sexualidade, em suma, todas as pulsões sexuais infantis, frequentemente o fazem "desenvolver mais que uma única série sexual, formando condições muito diversas para a escolha do objeto" (FREUD, 2016/1905, p.152).

As pulsões sexuais são de natureza inconsciente, forças desconhecidas, representando antigas fixações e fases da libido, fortemente estabelecidas na infância, que atuam na causação de sintomas. É nesse sentido que se pode falar do caráter oral-canibal de uma histeria, ou do caráter anal-sádico de uma neurose

²² Segundo assinalou Freud, em nota de 1920, algumas dessas fantasias são de "ocorrência bastante generalizada", em grande medida "independentes da experiência individual", como são no caso as fantasias de espreitar o ato sexual dos pais, de sedução de parte de pessoas amadas quando era pequena, ameaças de castração (2016/1905, p.148). Mas o próprio fantasiar, além de seus conteúdos, portanto, apenas enquanto atividade psíquica que toma um vínculo ideal como algo real, será vinculado, como veremos no segundo item deste capítulo, à essência da vida psíquica dos povos primitivos, seu sistema de pensamento, dado a força de seu desejo e a onipotência dos seus pensamentos.

obsessiva, de uma fixação incestuosa da libido, das fases de ambivalência e do narcisismo.

O esquema fixação/regressão recebeu maiores acabamentos com a introdução propriamente psicanalítica do conceito de narcisismo, em 1914, e com a terceira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1915. Na terceira edição do texto, Freud introduziu a hipótese da divisão bifásica da sexualidade, a organização pré-genital infantil (autoerotismo, ambivalência, escolha de objeto) e genital adulta. Ele também acrescentou ao texto um capítulo chamado Teoria da Libido, aonde introduziu a fase do narcisismo entre as fases da organização pré-genital, observando que “o investimento narcísico do Eu”, ou seja, a libido do Eu, “como o estado original, formado na primeira infância [...] é apenas encoberto pelos envios posteriores de libido, mas, no fundo, permanece por trás dele” (FREUD, 2016/1905, p.137)

Referindo-se ao texto de 1914, *Introdução ao narcisismo*, Freud menciona um "quantum de libido", uma libido do Eu, de cuja "produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento" explicariam os fenômenos das neuroses (FREUD, 2016/1905, p.135). A libido do Eu se tornaria acessível ao estudo analítico após se tornar libido objetal e a partir disso novamente guiar-se para o Eu, gerando a conduta narcisista. Um narcisismo secundário, por retração dos investimentos do Eu, sustentado em um narcisismo primário, que foi predominante na infância.

É mediante ao narcisismo secundário que se mostram as pulsões sexuais que foram reprimidas até então, escondidas pelos investimentos do Eu. O Eu é o reservatório da libido, de onde ela é enviada aos objetos e ao qual retornam tais investimentos. Tal é, como postulou Freud no texto sobre o narcisismo, a lei do adoecimento neurótico, um constante ir e vir da libido, o retorno do narcisismo infantil, a descarga das moções pulsionais inconscientes, mediante a retração dos investimentos do Eu.

Aquilo que no neurótico, ao adoecer, se expressa como angústia, medo de ficar só, isolamento social, representa a satisfação de pulsões sexuais e desejos inconscientes, de antigas fixações da libido. O investimento narcísico do Eu, "como estado original", é apenas encoberto por tais envios aos objetos, os quais sempre retornam novamente até ele (FREUD, 2016/1905, p.137).

Por isso, embora a organização sexual seja pensada como uma função que tende a se organizar em torno da reprodução e da união genital, como mostramos anteriormente, a hipótese da sexualidade inconsciente exclui uma redução da função sexual à meta reprodutiva. Porções de moção pulsional da infância, insuficientemente suprimidas, não cooperam umas com as outras e atuam de modo a impedir uma total e completa união sexual. Mas com isso, certamente, também não se exclui a possibilidade da genitalidade, mas deve-se admitir que ao lado dela, caso venha a ser desenvolvida, necessariamente venham a coexistir múltiplas séries sexuais determinando diferentes escolhas de objeto.

A concepção de sexualidade que seguimos até aqui, parece-nos comportar tanto o sentido biológico, com metas e objetos determinados, implicando em reprodução, variação e conservação de indivíduos e espécies, quanto seu sentido de ser um desejo sem objeto ou meta determinada. Parece-nos que é nesse segundo sentido que convém falar de moções de afeto e representação inconsciente, de uma sexualidade inconsciente determinante dos distúrbios neuróticos.

A constatação dessas duas dimensões do conceito de sexualidade no texto freudiano é vista por Barbosa e Santos (2005) como um paradoxo, pois alguns elementos da dimensão biológica da sexualidade são incompatíveis com a hipótese psicanalítica sobre a sexualidade inconsciente. A saber: a concepção de sexualidade instintual em “detrimento do pulsional, a concepção que trata sobre a origem e a evolução do aparelho psíquico nos termos de adaptação à realidade; e a concepção da meta da sexualidade nos termos estritos de reprodução das espécies” (BARBOSA e SANTOS, 2005, p.163).

Mas se Freud “recusa a dimensão instintual (com metas e objetos específicos) em detrimento de sua formulação sobre a pulsão (que carece de orientação fixa) [...] também é certo que introduz a dimensão biológica nas suas características genético- evolucionistas” (BARBOSA e SANTOS, 2005, p.164). Assim, segundo Barbosa e Santos (2005, p.164), ao longo das sucessivas edições dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, duas linhas de força relativa ao conceito de pulsão teriam sido estabelecidas por Freud, “inseridas numa teoria genética-evolucionista”, isto é, as “variantes evolucionistas-ontogenéticas-derivativas e evolucionistas-filogenéticas- instintuais”.

Foi mediante esse proceder, de cunho genético-evolucionário, que Freud pôde ampliar sua noção de sexualidade, assim como aproximar a sexualidade infantil à sexualidade perversa (a qual tenderia a se desenvolver em direção ao primado genital), e, assim, introduzir a hipótese sobre a fixação e regressão da libido. Vejamos adianta como se desenvolveu esse percurso filogenético.

7 TOTEM E TABU

Freud, em uma de suas principais obras sobre a cultura, *O Mal-estar na civilização*, de 1930, comparou o seu trabalho ao de um arqueólogo. Tomando o exemplo da cidade de Roma e o que ela foi no passado, pergunta-se o que um visitante da Roma atual, “munido dos mais completos conhecimentos históricos e topográficos, ainda encontraria desses velhos estágios” (2010c/1930, p.21). A partir disso, Freud propõe que façamos uma suposição de que Roma fosse então uma entidade psíquica, “com um passado igualmente longo e rico, na qual nada que veio a existir chegou a perecer, na qual, juntamente com a última fase do desenvolvimento, todas as anteriores continuam a viver” (2010c/1930, p.22).

Assim, com relação ao psiquismo, Freud estabeleceu uma regra, de que “nada que uma vez se formou pode acabar” (FREUD, 2010c/1930, p.20). Bastando que, para perceber isso, que “o observador mudasse apenas a direção do olhar ou a posição, para obter uma ou outra dessas visões” (FREUD, 2010c/1930, p.23). Essas ideias não deixam de nos remeter ao texto das afasias, a partir do qual mostramos as bases teóricas de uma possível genealogia das representações inconscientes e conscientes.

Já mostramos como o aparelho psíquico foi pensado em termos da evolução de camadas, conservando os níveis funcionais mais primários, firmemente solidificados como antigas construções (para utilizar a metáfora de Roma). Vimos mostramos que essa “construção primária” foi solidificada durante a infância, solidamente estabelecida como uma “primeira cidade”. A superposição dos processos psíquicos secundários sobre os primários, seria determinada pelo recalque da sexualidade infantil. Como tal supressão, por via de regra, seria incompleta, ela ensejaria também toda forma de sintoma neurótico, a partir de fixações infantis da libido que permaneceram inconsciente.

As pulsões sexuais, vimos no item anterior, foram assim concebidas como forças inconscientes, capazes de gerar distúrbios dinâmicos. De tal modo, a neurose foi elencada como uma perversão negativa, no sentido de que as pulsões sexuais, a vida psíquica e afetiva da criança, encontram novas formas de expressão na vida adulta (a negação consciente é uma afirmação do recalado).

Para a vida psíquica, então, parece valer a “hipótese da conservação de tudo o que passou” (FREUD, 2010c/1930, p.23). Desde pelo menos o período da *Interpretação dos sonhos* e dos *Três ensaios*, Freud construía sua “Roma quadrata” do psiquismo humano, isto é, buscava estabelecer as bases e também operar uma espécie de arqueologia do psiquismo inconsciente e das neuroses. Se no período de 1905 a pré-história que mais interessava a Freud era aquela do indivíduo e da sexualidade infantil, com *Totem e tabu* de 1913, a filogênese, isto é, a pré-história da humanidade, ganha destaque em seu pensamento.

As pulsões, as fases e fixações da libido, o narcisismo, os desejos incestuosos dos filhos para com seus pais, o complexo de Édipo, a repressão, a moralidade e o recalque pulsional, são alguns dos elementos que Freud buscou encontrar na pré-história humana, postulando-lhes com isso uma causalidade hereditária. O ponto de fixação, as fases da libido e as pulsões reprimidas, a qual sempre se remete a regressão patológica, dependeria, então, não só das vivências infantis, mas de um fator congênito.

Podemos tomar como um exemplo de como certas linhas de desenvolvimento, fixações da libido, dependem da herança e do fator inato, o modo como a criança reage às renúncias instintuais com agressividade e rigor, o que muitas vezes “vai além da reação presentemente justificada” (FREUD, 2010c/1930, p.102). Se a reação não se justifica pelos fatores da experiência, como a presença de um pai realmente punitivo, a fantasia e a imaginação do indivíduo não deixam de força-la na direção do esquema filogenético. A hereditariedade faz as vezes na consideração etiológica, já que seguindo um modelo filogenético, como veremos ao longo deste capítulo, houve um pai realmente tirânico na pré-história humana, que forçou a proibição da relação sexual dentro das hordas.

Veremos que Freud também atribuiu à herança do adquirido o “sentimento de culpa” que advém do “complexo de Édipo”, que foi adquirido “quando do assassinio do pai pelo bando de irmãos” (FREUD, 2010c/1930, p.102). De tal modo, também encontrou a origem da fase de ambivalência infantil, da relação de amor e ódio dirigida ao pai e aos sucedâneos do pai, na configuração da vida afetiva dos nossos ancestrais, em seu comportamento diante da morte, de seus reis, seu totem e seu deus. E também a fase do narcisismo, espelhada na fase animista da cultura, no sistema de pensamento dos antigos povos, que explicam, entre outras, o

predomínio do que é fantasiado sobre o que é real.

Iniciemos, como o fez Freud, pelos dois temas principais que fornecem o título do texto *Totem e tabu*. A análise do tabu, se tomamos o que observou Freud, é o que aparece “como tentativa segura e exaustiva de solução de um problema” psicológico (FREUD, 2013b/1913, p.6). Se o tabu aparece como um fenômeno psicológico, não sendo outra coisa, “em sua natureza psicológica, senão o “imperativo categórico” de Kant”, o “totemismo é uma instituição social-religiosa alheia à sensibilidade atual” (FREUD, 2013b/1913, p.6).

7.1 TABU, CONSCIÊNCIA E AMBIVALÊNCIA DOS SENTIMENTOS

O tabu prescinde de “qualquer fundamentação; tem origem desconhecida; para nós obscuras, parecem evidentes para aqueles sob o seu domínio” (FREUD, 2013b/1913, p.13). Não há, portanto, um sistema, um código de leis escrita, ou mesmo um mandamento divino, pelo qual se dariam como necessárias e justificadas as privações. Não ocorre aos indivíduos que estão sobre o domínio do tabu, “fazer a pergunta; eles apenas as cumprem como algo óbvio, e estão convencidos de que uma transgressão será punida automaticamente” (FREUD, 2013b/1913, p.16).

As privações e restrição tabu carecem de outro fundamento externo, são algo diverso das proibições morais e religiosas, mas possuem caráter sagrado e são tão ou mais válidas à experiência quanto estas. A expressão “temor ao sagrado”, segundo Freud, corresponde frequentemente ao sentido de “tabu” dos chamados selvagens.

A punição por violar o tabu, originalmente, decorreria como efeito automático, “o tabu ferido vingava a si mesmo” (FREUD, 2013b/1913, p.14). Quem viola o tabu torna-se a si mesmo fonte de tabu, portador de um poder mágico adquirido quando da violação do tabu, podendo ser ele transmitido a outras pessoas através do contato. A transmissibilidade do tabu foi o que “certamente” deu ensejo para que se

procurasse eliminá-lo com cerimônias de expiação.

A maior parte das proibições tabu, observadas nos povos chamados primitivos, diz respeito à restrição da liberdade de movimento e comunicação. O tabu é igualmente tudo, pessoas, lugares, objetos e estados passageiros. Em muitos casos, observou Freud, as privações parecem dotadas de sentido, indicam evidentemente certas abstinências e renúncias, já em outros, contemplam apenas detalhes e parecem inteiramente cerimoniais. Por trás de “todas essas proibições parece haver uma teoria, como se fossem necessárias porque certas coisas e pessoas detêm uma força perigosa que se transmite pelo contato com elas, quase como um contágio” (FREUD, 2013b/1913, p.16).

Segundo Freud, quem abordar o tabu a partir da psicanálise, do inconsciente, dar-se-á conta de que esses fenômenos não lhe são desconhecidos, e poderá encontrar uma explicação. Os neuróticos, observou, criam para si determinadas proibições, realizam certas cerimônias, as quais seguem rigorosamente como os chamados selvagens. A primeira coincidência das proibições neuróticas com o tabu “está em que são igualmente desprovidas de motivação e enigmáticas em sua origem”, tem de ser observadas devido a um “medo invencível” (FREUD, 2013b/1913, p.21).

Assim como no tabu, a interdição principal da neurose é a de contato, não apenas físico, mas também, abrangendo a linguagem figurada, tudo que dirige o pensamento para a coisa proibida. A mesma abrangência é encontrada no tabu, que se estende a praticamente tudo, assim como o fato de algumas proibições serem facilmente compreensíveis, enquanto outras, qualificadas de cerimônias, nos parecerem ininteligíveis. Algumas proibições, no caso dos neuróticos (e também dos chamados selvagens), podem ser canceladas mediante rituais, “atos obsessivos”, e de “cuja natureza como penitência, expiação, medida defensiva e limpeza não pode haver dúvida” (FREUD, 2013b/1913, p.23).

A “história clínica” e ontogenética dos distúrbios neuróticos explica as proibições neuróticas e com isso parece lançar também alguma luz sobre os fenômenos do tabu e a crença no poder do demônio (FREUD, 2013b/1913, p.23). No que seria o início da história clínica de uma neurose, reconheceu Freud, durante a primeiríssima infância evidenciou-se um desejo de tocar os genitais, que de fora, veio

de encontro a ele, uma proibição. O resultado disso seria uma fixação psíquica, isto é, uma situação não resolvida, chamada de ambivalência, onde o instinto e a proibição passaram a coexistir lado a lado, consciência e inconsciência. A proibição torna-se claramente consciente, enquanto o desejo reprimido de tocar é inconsciente, “a pessoa nada sabe dele” (2013b/1913, p.24).

A proibição deve sua força e deslocamento (capacidade de tudo vir a se tornar tabu), disse Freud, a “seu caráter obsessivo - justamente à relação com sua contrapartida inconsciente” (FREUD, 2013b/1913, p.25). O desejo reprimido “desloca-se constantemente, a fim de escapar do cerco em que se acha, e procura obter sucedâneos para o proibido - objetos substitutos e ações substitutas” (2013b/1913, p.25). Por isso, a proibição também se move, estendendo-se a novos alvos do impulso proibido. As ações obsessivas, por sua vez, são soluções de compromisso; de um lado esforços de expiação, testemunhos de arrependimento e, de outro, são ações substitutas, que compensam o instinto pelo que foi proibido.

É de se supor também, então, que onde o tabu existir, haverá também o desejo inconsciente de infringir o tabu. Assim, se isso prossegue, os chamados selvagens teriam uma atitude ambivalente com relação a tais proibições, se de um lado obedecem à lei sem questioná-la, nada mais gostariam de fazer em seu inconsciente que desobedecê-la. A variedade das proibições que limitam a vida do chamado selvagem, ligam-se não apenas às pessoas, mas também a estados especiais, objetos e lugares. O traço comum entre elas é que sempre remeteriam à mesma condição, isto é, de “atijar a ambivalência do ser humano e levá-lo à tentação de infringir o tabu” (FREUD, 2013b/1913, p.27). A “transmissibilidade” do tabu refletiria a inclinação do “impulso inconsciente, demonstrada na neurose, de constantemente deslocar-se para novos objetos por vias associativas” (2013b/1913, p.29).

Assim, prosseguiu ele, encontraremos algum valor nessas hipóteses “se conseguirmos mostrar também nas prescrições do tabu a ambivalência, o governo de tendências contrárias, ou achar entre elas algumas que deem expressão simultânea às duas correntes, à maneira das ações obsessivas” (FREUD, 2013b/1913, p.31).

Em relação ao tabu de tratamento dos inimigos, Freud conclui que “não apenas impulsos hostis são manifestos na atitude para com os inimigos”

(2013b/1913, p.34). Neles também “enxergamos expressões de arrependimento, de apreciação do inimigo, de má consciência por ter-lhe tirado a vida” (2013b/1913, p. 34). Todos esses preceitos, observou Freud, derivam da “ambivalência emocional ante o inimigo” (2013b/1913, p.37).

No que diz respeito ao tabu dos soberanos, que restringem o contato físico com ele, Freud destacou que a relação destes com o restante do grupo é regida por dois princípios básicos: “protegê-los, mas também proteger-se deles” (FREUD, 2013b/1913, p.37). Também um “quê de desconfiança” se mostra nos tabus com os soberanos, na medida em que os súditos acham necessário vigiar seus reis, que eles não estão seguros quanto às suas boas intenções (FREUD, 2013b/1913, p. 40). O “excesso de angustioso cuidado” é bastante comum nas neuroses, ele surge quando “há uma corrente oposta mas inconsciente de hostilidade, ou seja, quando se verifica o caso típico de ambivalência emocional” (2013b/1913, p.46). A hostilidade tem sua contrapartida por uma intensificação excessiva do carinho, pois somente assim cumpre a tarefa de manter sob repressão a corrente hostil.

Tal é o angustioso carinho excessivo entre mãe e filho e entre conjugues, que poderíamos então remeter a essa relação primitiva com os soberanos, observou Freud. Mas não só isso, também o “chamado delírio de perseguição”, que o paranoico reproduz, cujo “modelo” seria a “relação da criança com o pai”, está presente na forma como o selvagem se relaciona com seus reis, ao lhes atribuir poder e depois derrubá-los e assassiná-los (2013b/1913, p.47).

A analogia entre o selvagem e o neurótico permitiu a Freud postular que a “relação do selvagem com seu governante, vem da atitude infantil da criança para com o pai” (FREUD, 2013b/1913, p.47). Segundo Freud, o ponto mais forte da comparação da neurose e o tabu dos soberanos é encontrada nos cerimoniais tabu, cuja importância para a posição da realeza é fundamental. Tais cerimônias “revelam inequivocamente seu duplo significado e sua derivação de tendências ambivalentes”, pois não apenas distinguem os reis, mas tornam-lhes a vida um fardo (2013b/1913, p.47).

Com relação ao tabu dos mortos, Freud observou uma série de restrições, entre os maoris, no tratamento dos que guardam luto pelo morto. Além das restrições físicas, há aquelas em sentido figurado, pois é proibido o contato com o

morto através da pronúncia de seu nome. Nesse sentido, alguns povos adotaram o recurso de mudar o nome do falecido imediatamente após sua morte, de modo a evitar a vingança do espírito, pois pressupõem que ele não saberá o novo nome.

Freud observou ainda que, entre tais povos, o “nome é elemento essencial e patrimônio importante da personalidade”, sendo que o mesmo “fazem nossas crianças” (FREUD, 2013b/1913, p.53). Assim, ele assinalou “a importância dos nomes no pensamento inconsciente”, argumentando que a “atitude dos neuróticos obsessivos em relação aos nomes é idêntica à dos selvagens” (2013b/1913, p.54).

Não é incomum, diante da morte de um ente querido, que o sobrevivente seja acometido de “dolorosas apreensões - a que chamamos de recriminações obsessivas - imaginando se não teria sido responsável, devido a alguma imprevidência ou negligência, pela morte do ente querido” (FREUD, 2013b/1913, p. 58). Tais recriminações, observou Freud, são justificadas, não pelo fato de o enlutado ter contribuído para a morte do falecido, mas “nele havia mesmo algo, um desejo inconsciente para ele próprio, que não ficaria insatisfeito com a morte e que a teria provocado, se tivesse poder para isso” (2013b/1913, p.58).

Mas além disso, essa hostilidade possuiria um destino diferente no chamado primitivo, “ele defende-se dela, deslocando-a para o objeto da hostilidade, para o morto” (FREUD, 2013b/1913, p.59). Através do mecanismo da projeção o sobrevivente nega seus impulsos hostis, os transfere ao morto.

Em ambos os casos, neurose e tabu, Freud encontrou um grau elevado de ambivalência, raiz da crença em demônios e das prescrições tabu relacionadas ao morto, postulando uma herança do traço psíquico, de modo bastante claro:

[...] devemos conceder aos impulsos psíquicos dos homens primitivos um maior grau de ambivalência do que o encontrado no homem civilizado de hoje. Decaindo essa ambivalência, desapareceu lentamente o tabu, o sintoma de compromisso do conflito de ambivalência. Podemos dizer dos neuróticos, obrigados a reproduzir essa luta e o tabu dela resultante, que trouxeram consigo uma constituição arcaica como resíduo atávico, cuja compensação, por exigência da cultura, força-os a um enorme dispêndio psíquico. (FREUD, 2013b/1913, p.65)

Com esses argumentos, Freud também pretendeu explicar a origem da “consciência moral”, afirmando que a “consciência do tabu” é a mais antiga forma de consciência (2013b/1913, p.66). Por consciência Freud pareceu entender aquilo que se sabe com a maior certeza, a rejeição de certos desejos existentes em nós. A

ênfase da consciência moral é não precisar apelar para nenhuma outra coisa, “que está segura [gewiss] de si mesma” (2013b/1913, p.67). A fundamentação parece aí supérflua, a mesma característica se mostra no comportamento dos chamados selvagens ante o tabu, que tanto é evidente em si como se desconhece sua procedência.

Parece então que “também a consciência [Gewissen] provavelmente surge com base numa ambivalência emocional”, onde por via de regra se desconhece a corrente hostil e inconsciente por trás do imperativo moral (FREUD, 2013b/1913, p. 67). A consciência moral, obsessivamente dominante, tem sua contrapartida inconsciente. Segundo Freud, o caráter de angústia da consciência de culpa está ligado a esse “desconhecido”, isto é, remete à corrente oposta, da qual a consciência de culpa se defende sem saber de que. Na forma como o fenômeno da angústia é conhecido pela psicanálise, pode-se dizer que ela remete à fontes inconscientes, “quando desejos são reprimidos, sua libido é transformada em angústia” (2013b/1913, p.68).

Devemos concluir dessas considerações teóricas que, onde quer que tenha vigorado o tabu, a crença nos espíritos vingativos, existiria um forte pendor para infringi-lo, em profunda concordância com a vida psíquica dos neuróticos, como se propôs Freud a demonstrar.

7.2 NARCISISMO, ANIMISMO E FANTASIA

De um “ponto de vista genético”, assinalou Freud, a natureza associada da neurose “resulta de sua tendência original de escapar de uma realidade insatisfatória, rumo a um prazeroso mundo de fantasia” (FREUD, 2013b/1913, p. 73). Assim como o chamado primitivo, o neurótico não deixa de incorrer naquilo que poderíamos chamar superstição do tabu, deixando para trás a motivação real do seu comportamento.

Esse mundo da fantasia, essa tendência original, coincide com o narcisismo²³ da infância, com o animismo dos chamados primitivos, seu sistema de pensamento que atribui existência às almas. O termo animismo teria sido aplicado para se referir a alguns sistemas filosóficos, observou Freud. Seu significado mais estrito, como doutrina das almas e dos espíritos, foi introduzido por E. B. Tylor. Foi a observação da vida psíquica dos povos primitivos, sua concepção do mundo e da natureza, que levou à introdução do termo animismo para definir sua cosmovisão.

Os chamados primitivos concebem a natureza e o mundo como povoados por “inúmeros seres espirituais”, que lhe são benévolos ou malignos, veem nesses espíritos ou demônios as “causas dos processos naturais” (FREUD, 2013b/1913, p. 74). Em uma importante passagem, Freud destacou que o animismo continua bastante vivo até hoje, na verdade ele é o “fundamento de nossa linguagem”, nossa língua materna (FREUD, 2013b/1913, p.76).

O pensamento animista e a cosmologia dos chamados primitivos estão intimamente ligados ao controle da natureza, dos indivíduos e do destino. Produzem-se instruções práticas de como proceder para obter tais ganhos e efeitos, através de feitiços e magias. Dos diversos exemplos do emprego de meios mágicos para influenciar o curso da natureza, fornecidos ao longo da argumentação, Freud abstraiu alguns princípios associativos que guariam o pensamento mágico: a semelhança, a afinidade (que na verdade está contida no anterior) e a contiguidade.

Não há dúvida que a ação mágica não leva em conta a realidade externa, a distância, o ordenamento causal dos processos naturais dentro de uma realidade espaço-temporal. As ações que são guiadas pelo princípio de contiguidade indicam para isso, como quando, ao ser ferido por um inimigo em batalha, importar àquele que sofreu o dano e o paradeiro da arma que lhe causou o ferimento, como se houvesse alguma relação entre ela e o destino do próprio ferimento. Assim, também se guarda a arma que feriu um inimigo próximo ao fogo, com o intuito de que a ferida venha a inflamar e causar mais dor.

²³ Não é sem razões que no texto sobre o narcisismo, de 1914, Freud observou que o narcisismo secundário, mediante a retração dos investimentos e adoecimento do Eu, está fundado em um narcisismo primário, único na infância, e que tem seu lastro filogenético na crença em almas e no pensamento mágico dos primitivos.

Segundo a definição de E. B. Tylor, assinalou Freud, o pensar animista toma erradamente um vínculo ideal como um vínculo real das causas em questão. Quando isso ocorre no caso da semelhança, pode-se pensar na magia imitativa, como a dança da chuva, que decorre da semelhança entre o ato realizado e o evento esperado. Segundo o princípio da afinidade, se utilizam de objetos ou amostras de cabelo, faz-se alguma coisa hostil com tais objetos, esperando que assim suceda o mesmo com a pessoa em questão. Daí também as precauções e restrições com o uso dos nomes, os tabus relativos aos nomes próprios, que abordamos anteriormente.

Também o canibalismo, assinalou Freud, é explicado pelo princípio associativo de afinidade. Ao se apropriar das partes do corpo da pessoa, supõe-se que também serão adquiridos os seus poderes. Pode-se ver nessas formas com que o pensamento animista opera, então, o “predomínio da associação de ideias”, isto é, do pensamento que associa livremente causas e efeitos e, de tal modo, toma erradamente um vínculo ideal por um real (FREUD, 2013b/1913, p.82).

As crianças se encontram em condições psíquicas análogas, observou Freud, mas ainda não têm capacidade motora como o chamado primitivo. Assim, se a criança “satisfaz seus desejos de forma alucinatória, produzindo a situação satisfatória mediante as excitações centrífugas de seus órgãos sensoriais”, o homem primitivo vivencia a satisfação de seu desejo através de “alucinações motoras” (FREUD, 2013b/1913, p.83). Em ambos os casos é compreensível a consequência do preponderante valor do desejo, da vontade dele dependente e dos caminhos que tomou. As alucinações motoras, por sua vez, a representação do desejo satisfeito, é “comparável à brincadeira das crianças, que nelas toma o lugar da técnica puramente sensorial de satisfação” (2013b/1913, p.83).

Os meios mágicos tornam evidente, segundo assinalou Freud, a superestimação dos atos psíquicos, a onipotência do pensamento. As “coisas recuam para segundo plano ante as ideias das coisas”, o pensamento não conhece “distâncias, facilmente reunindo o mais afastado no espaço e o mais separado no tempo num só ato de consciência” (2013b/1913, p.84). Somente em um segundo momento, como expressão da repressão, é possível então o fenômeno psíquico da dúvida.

Neste sentido, o princípio diretor da magia, da “técnica do modo de pensar animista”, é a “onipotência dos pensamentos” (FREUD, 2013b/1913, p.85). Pode-se dizer que a superstição dos chamados primitivos, a assim chamada onipotência dos seus pensamentos, decorre da força do seu desejo e persiste até hoje, não só como linguagem primária, mas também no comportamento dos neuróticos. Todos os assim chamados “doentes obsessivos são supersticiosos dessa maneira”, concluiu Freud (2013b/1913, p.86). Por via de regra, em todas as formas de neurose, não apenas na neurose obsessiva, o determinante “é a realidade do pensar, não a do viver” (2013b/1913, p.86).

Aqui encontramos um importante argumento, que mostra a relação entre a filogênese, a teoria da sedução e a teoria da fantasia. Para o neurótico, observou Freud, a “realidade exterior é algo secundário”, o histérico repete em seus ataques, e fixa em seus sintomas, de vivências “que apenas na sua fantasia ocorreram daquela forma” (FREUD, 2013b/1913, p.86). Assim, também não se compreenderia a consciência de culpa dos neuróticos, “caso pretende-se relacioná-la a malfeitos reais” (2013b/1913, p.86).

Ainda que, em última análise, esses fenômenos “remontem a acontecimentos reais ou sejam construídos com base neles”, isto é, a um acontecimento na história filogenética, o que predominaria seria a fantasia²⁴ sobre os acontecimentos reais (FREUD, 2013b/1913, p.86). É devido a esse fator constitucional da fantasia, avatar do narcisismo e da atividade psíquica desenfreada, que se impõe certo impedimento à relação sexual e à vida em comum, já que a realidade é deixada em segundo plano pelo ser humano. Desse modo, Freud mostrou-nos como o neurótico está próximo do selvagem, conservando em sua vida emocional e inconsciente, e com irrestrita

²⁴ Quando tomamos essas observações a respeito do narcisismo, magia e onipotência dos pensamentos de *Totem e tabu*, parece-nos que tais ideias ecoaram, de algum modo, na psicanálise de Lacan, em sua noção de fantasia e de dimensão significante da linguagem. Segundo ele “A dimensão do significante não é outra coisa, se quiserem, senão aquilo em que se vê aprisionado um animal à procura de seu objeto, de tal modo que a busca desse objeto o conduz a um outro campo de rastros, no qual essa mesma busca perde seu valor introdutório e se transforma em seu próprio fim. A fantasia, o \$ em relação ao a, adquire aqui o valor significante da entrada do sujeito na dimensão do que o leva à cadeia infinita de significações a que se chama destino. Podemos escapar dela indefinidamente, mas o que se trataria de encontrar é justamente o começo - como é que o sujeito entrou nessa história de significante?” (2005, p.78-79). Por outro lado, se tomamos o que observam autores como Simanke (2010a; 2010b), a psicanálise lacaniana toma essas e outras ideias a partir de outros fundamentos, como a fenomenologia, distintos da psicanálise de Freud, onde faz-se presente a matriz biológico-evolucionária.

influência, a onipotência dos pensamentos.

Os atos obsessivos são de natureza mágica, são feitiços e contrafeitiços, que visam afastar a desgraça e a morte, embora sigam muito mais o princípio do “contraste” do que o da semelhança, pois nas condições da neurose eles são deformados, deslocados para algo insignificante em si (FREUD, 2013b/1913, p.87). É possível descrever o curso do desenvolvimento das ações obsessivas, “ênfatizando como, afastadas ao máximo do elemento sexual, elas principiam como feitiços contra maus desejos” (2013b/1913, p.87).

Mas é certo que o neurótico desconhece a origem inconsciente de seus atos obsessivos e rituais, justificando suas ações em motivos supersticiosos e sistemáticos. A experiência do sonho pode nos mostrar as principais características do que seria um “sistema”, no sentido de abarcar uma explicação total e completa do mundo, como pretende ser o animismo. O sonho se apresenta como um material confuso e desconexo, mas pode também imitar a ordem das impressões da vivência, sem com isso deixar de trazer certas irregularidades e absurdos. Para o trabalho de interpretação do sonho, o que importa são os “pensamentos oníricos”, mas sua ordem é bastante diversa daquilo que lembramos no conteúdo manifesto do sonho (FREUD, 2013b/1913, p.95).

A chamada “elaboração secundária” do trabalho do sonho, com toda a exigência de um sistema, visa “eliminar a falta de nexos e incompreensibilidade resultantes do trabalho do sonho, em favor de um novo sentido”, que por sua vez já não é mais o sentido dos pensamentos oníricos (FREUD, 2013b/1913, p.96). Uma função em nós, que requer nexos e unidade, não deixa de produzir um nexo incorreto, quando não se apreende o correto. Conhecemos os sistemas assim construídos, observou Freud, também através das fobias, do pensamento obsessivo e dos delírios. Em todos os casos é possível demonstrar que houve uma “reordenação do material psíquico para um novo objetivo, muitas vezes violenta, no fundo, embora pareça compreensível do ponto de vista do sistema” (2013b/1913, p.96).

Freud recorreu a um exemplo, segundo o qual uma paciente apresentava o tabu e a fobia com relação à menção da morte em geral. A neurose desta paciente estava ligada ao desejo inconsciente de que o seu marido morra, embora a motivação sistemática por ela apresentada seja completamente outra. A explicação

sistemática, as premissas do sistema, apresentada por essa paciente, relaciona o fato de que um dia ela teria escutado o marido dar instruções para afiar suas navalhas, que haviam ficado cegas, com um segundo fato, de que após levá-las à loja ela haveria se deparado no caminho com uma funerária, o que teria desencadeado a sua fobia.

Assim, segundo as exigências desse sistema, teria surgido a fobia com relação à morte, dado a superposição desses acontecimentos misteriosos e indicativos de algum mal e, então, a paciente solicitou ao marido que se livrasse para sempre das navalhas. No fundo, segundo Freud, a motivação real da fobia com a morte, no exemplo desta paciente, é bastante clara, seria a “repugnância ante um prazer ligado à ideia de que seu marido pudesse cortar a garganta com uma navalha afiada” (FREUD, 2013b/1913, p.97). A marca distintiva de um sistema vem a ser, então, que podemos nele sempre encontrar duas motivações, uma baseada nas premissas do sistema, eventualmente delirante e uma oculta, mas real.

Nos entremeios dessa argumentação sobre o sistema animista, não podemos deixar de mencionar que Freud retomou o registro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, sobre a organização da sexualidade, de sua configuração adulta até os primórdios da infância. Como apresentamos detalhadamente no item anterior deste capítulo, Freud trabalhava com a ideia de que o estágio do autoerotismo seria sucedido pelo da escolha do objeto, em termos da organização pré-genital infantil à organização genital adulta. O prosseguimento deste estudo tornou necessário incluir um estágio²⁵ entre os dois, chamado de narcisismo, onde os instintos antes separados do autoerotismo se juntam em uma unidade e encontram um objeto, o próprio Eu.

Freud já suspeitava sobre o que foi confirmado em 1914 no ensaio sobre o narcisismo, ou seja, de que “a organização narcísica jamais será abandonada inteiramente” (2013b/1913, p.89). Os investimentos de objeto são emanações da libido do Eu e podem ser novamente enviados a ele por retração dos investimentos objetivos, o que, como viemos mostrando anteriormente, seria a lei do adoecimento

²⁵ De tal modo que, na terceira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1915, Freud acrescentou a sessão sobre as fases da organização sexual infantil, como mostramos no item anterior deste capítulo.

neurótico. O narcisismo secundário que se edificou sobre aquele da infância, se apresenta como conduta narcísica, de modo que a pessoa se comporta como se estivesse enamorada em suas próprias fantasias, disse Freud.

Na sequência, segundo Freud, pode-se então ligar o narcisismo à onipotência dos pensamentos, à importância que os neuróticos e os primitivos atribuem aos seus atos psíquicos. O pensar do homem primitivo, assim como o da criança é, em grande medida, ainda sexualizado, enquanto nos neuróticos uma parte considerável dessa atitude primitiva “permaneceu constitucional”, embora reprimida (FREUD, 2013b/1913, p.89). Por outro lado, a repressão sexual dos neuróticos “produz uma nova sexualização dos processos de pensamento”, como lei do adoecimento (2013b/1913, p.89). Nos dois casos os resultados psíquicos são os mesmos, como viemos mostrando, seja quando a onipotência dos pensamentos é “original”, seja quando é “alcançado regressivamente: narcisismo intelectual e onipotência dos pensamentos” (2013b/1913, p.90).

De tal modo que, se a onipotência dos pensamentos entre os chamados primitivos é um indício de narcisismo, continuou Freud, “podemos arriscar uma comparação entre as etapas de desenvolvimento da concepção humana do universo e os estágios do desenvolvimento libidinal do indivíduo” (FREUD, 2013b/1913, p.90). Assim, parece que a “fase animista corresponde, tanto cronologicamente como em termos de conteúdo, ao narcisismo” original das crianças (2013b/1913, p.90). Aqui Freud se valeu de uma concepção de August Comte, embora não se refira explicitamente ao autor, de que a história humana teria se desenvolvido em três grandes concepções de mundo: a fase animista, religiosa e científica.

Por fim, seguindo a escrita freudiana, ainda seria de observar a anterioridade da magia sobre o feitiço e a doutrina dos espíritos em geral, como já destacamos antes. Os pressupostos da magia são mais antigos que a crença nos espíritos, que constitui o cerne do animismo. Deste modo, a magia ainda reserva toda a onipotência para os pensamentos, enquanto o animismo cede uma parte desta aos espíritos, “e assim toma o caminho que leva à criação de uma religião” (FREUD, 2013b/1913, p. 92). A existência dos espíritos obriga o chamado primitivo a ceder parte de sua onipotência, do seu livre-arbítrio, e assim seria “um primeiro reconhecimento da Ananke [Necessidade] que se opõe ao narcisismo humano” (2013b/1913, p.94).

7.3 TOTEMISMO, EXOGAMIA E COMPLEXO DE ÉDIPO

Se até aqui viemos mostrando como Freud buscou resolver o problema do tabu, o que segue de agora em diante é uma tentativa de abordar o problema da origem da instituição social dos chamados primitivos, isto é, o totemismo. Como observamos, os tabus foram explicados por dois motivos psíquicos: o pensamento mágico e a ambivalência dos sentimentos, o que permitiu uma série de analogias entre a vida psíquica da criança, do neurótico e do chamado selvagem, entre ontogênese e filogênese. Além disso, os tabus são praticamente o único “código de conduta” que guia a vida social desses povos.

Ao longo da argumentação precedente, Freud buscou demonstrar o seguinte: o totemismo tem como um traço essencial, na história evolutiva, a instituição da exogamia, o complexo de Édipo. A ele tudo indica que a solução para a questão de sua origem se resolverá na relação entre a “organização totêmica e a proibição do incesto” (FREUD, 2013b/1913, p.110).

A explicação para a origem do totemismo, segundo assinalou Freud, deve ser tanto psicológica quanto histórica, “deve informar em que condições desenvolveu-se essa instituição peculiar e a que necessidades psíquicas do ser humano ela dá expressão” (FREUD, 2013b/1913, p.110). Para tanto, primeiramente, Freud abordou três teorias que tentam explicar a relação entre totemismo e exogamia. Segundo ele, as teorias nominalistas, psicológicas e sociológicas, ou são “demasiadamente racionais e não atentam para o caráter emocional das coisas a serem explicadas”, ou então “baseiam-se em pressupostos que a observação não confirma”, ou ainda “recorrem a um material que seria melhor submeter a outra interpretação” (FREUD, 2013b/1913, p.111).

Em síntese, algumas dessas teorias “do totemismo dispensam qualquer nexos com a exogamia”, e, assim, duas concepções se defrontam: “uma mantém a visão original de que a exogamia é parte essencial do sistema totêmico, a outra nega esse

vínculo e crê na coexistência fortuita dos dois traços das mais antigas culturas” (2013b/1913, p.123). O próprio Frazer, citado por Freud inúmeras vezes ao longo do texto, defendeu a segunda concepção em *Totemism and exogamy*. Já outros autores, como Durkheim, viram na exogamia a consequência necessária das concepções totêmicas fundamentais.

McLennan assinalou o rapto de mulheres como uma prática constante entre esses povos, o que, segundo ele, teria levado à abolição do casamento entre membros do mesmo clã. Isso se apoiaria na falta de mulheres das tribos primitivas, resultante do costume de eliminar as crianças do sexo feminino, tornando excepcional o que já era desde antes. Torna-se inexplicável para essa teoria, indicou Freud, a razão pela qual os homens restringiriam as poucas mulheres do clã.

Uma segunda teoria considera as prescrições contra o incesto uma “intenção deliberada” e que objetivam o que realmente conseguiram. É muito improvável, observa Freud, que nossos mais distantes ancestrais já mostrassem preocupação em evitar danos futuros aos descendentes. Por outro lado, é provável que a noção de que a endogamia é prejudicial à espécie só teria se desenvolvido com a observação da reprodução dos animais domésticos. A criação de animais domésticos é, por sua vez, muito posterior à proibição da endogamia.

É claro que Freud adota a primeira concepção, considerando haver uma íntima relação entre a origem do totemismo e o tabu que proíbe o incesto. Sabemos que ele optou por investigar os povos aborígenes da Austrália, considerados pelos etnógrafos como os mais primitivos. Esses povos se organizam em pequenos grupos, são nômades, portanto, não cultivam a terra nem criam animais. Não há neles também qualquer indício de adoração de deuses, sendo o totemismo uma instituição ao mesmo tempo social e religiosa. Suas tribos se dividem em clãs, cada qual nomeado segundo seu totem, um animal, origem do sistema de leis e obrigações do indivíduo para com seu clã, uma força espiritual capaz de vigiar, cuidar e punir os membros do clã ao qual representa.

Uma das duas leis fundamentais do totemismo, observa Freud, é que os membros do clã não podem matar o totem, nem aqueles a quem o totem cede a sua proteção (membros do clã), a não ser em situações aonde todo o clã está de acordo, quando alguém insultou o próprio animal totêmico. Segundo ele, em quase toda

parte onde o totemismo vigorou, há também a instituição da exogamia, isto é, o tabu do incesto, a “lei de que membros do mesmo totem não podem ter relações sexuais entre si, ou seja, também não podem se casar” (FREUD, 2013b/1913, p.10).

Não só o totemismo possui uma relação essencial com a exogamia, mas o horror ao incesto entre os chamados selvagens, observou Freud, “constitui um traço peculiarmente infantil e uma notável concordância com a vida psíquica dos neuróticos” (2013b/1913, p.11). A psicanálise nos ensinou a ver, continuou ele, que a primeira escolha sexual infantil é incestuosa, já o neurótico apresenta um quê de “infantilismo psíquico”, em sua vida psíquica inconsciente as “fixações infantis incestuosas da libido têm ainda - ou novamente - um papel determinante” (FREUD, 2013b/1913, p.11). A relação com os pais, dominada por anseios incestuosos, forma o “complexo nuclear da neurose” (2013b/1913, p.11).

Westermarck, autor a quem Freud se refere, teria explicado o horror ao incesto tomando-o como uma aversão instintiva e inata. Tomando o que afirmou Havelock Ellis, a quem Freud também tomou de empréstimo o termo autoerotismo, e em suma a noção de sexualidade perversa dos *Três ensaios*, observou que é questionável o caráter “instintual [triebhaft]” dessa aversão ao incesto (FREUD, 2013b/1913, p.126). Freud tomou a crítica de Frazer, endereçada a Westermarck, para desenvolver seu próprio argumento. Segundo Frazer, não é fácil ver porque um instinto deveria ser reforçado por uma lei. A psicanálise, por sua vez, nos mostrou que “os primeiros impulsos sexuais dos jovens seres humanos são de caráter incestuoso”, e por isso parece “insustentável a suposição de uma inata aversão ao incesto” (2013b/1913, p.128).

A partir de então, Freud começa a apresentar a sua hipótese da passagem do estado natural ao totemismo, e, seguindo a estrutura do argumento, conseqüentemente à passagem das relações de endogamia à instituição da exogamia. Dentro das hordas²⁶, observou, “o ciúme do macho mais velho e mais forte impediu a promiscuidade” e a endogamia (2013b/1913, p.129). A força e a violência do pai ou chefe da horda primal impunha a exogamia aos filhos, cada qual expulso da horda para viver sozinho e criar sua própria família. É possível, como

²⁶ Essa hipótese é referida a Darwin, segundo o estudo dos hábitos de vida dos macacos superiores, onde, segundo Freud, ele teria deduzido que também o homem viveu originalmente em pequenas hordas.

indicou Freud, que esse episódio tivesse ocorrido diversas vezes, onde o confronto entre o bando de filhos e o pai seria repetido em cada nova horda assim formada.

Certo dia, os filhos resolveram se unir e derrubaram o pai, assassinando-o violentamente. Assim, pode muito bem ter sucedido que a situação tornou a se repetir, inúmeras vezes, pois cada um dos irmãos desejou para si todas as mulheres da horda, expulsando os mais fracos. Até o dia em que foi possível o fenômeno psíquico do arrependimento pelo crime, que tornou a consciência de culpa pelo assassinato um fardo para o ser humano.

É possível que tais episódios pré-históricos tenham ocorrido diversas vezes, até que estivesse estabelecida a condição psíquica necessária para o arrependimento, a ambivalência dos sentimentos dirigidos ao pai, ao líder da horda. Pois somente uma corrente afetuosa, crescendo escondida através do ódio, poderia mobilizar, a posteriori, a culpa e a angústia pelo crime cometido, assim como a obediência a posteriori aos preceitos do pai, o que teria levado a uma mudança nas organizações sociais, o controle da endogamia.

Se o pai primitivo impunha a exogamia, mediante seu vigor e sua força, é compreensível que em todos os lugares onde vigorou o tabu do incesto tenham designado o animal totêmico, que impõe essa mesma restrição, como seu “ancestral e pai primevo” (2013b/1913, p.136). Com isso, observou Freud, não temos nada de realmente novo, apenas “tomamos literalmente uma afirmação desses povos com a qual os etnólogos não sabiam exatamente o que fazer, e que por isso relegaram a segundo plano” (2013b/1913, p.136). É possível que deste primeiro mandamento, “nada de relações sexuais entre companheiros de horda”, tenha se originado aquele outro, “nada de relações sexuais no interior do totem” (2013b/1913, p.130).

A questão definitiva para demonstrar essa variação é a seguinte: como seria possível o pai primitivo ter se tornado o animal totêmico? Por quais meios psíquicos isso teria ocorrido? Há muita semelhança, observa Freud, “entre a relação das crianças com os animais e a dos primitivos” (FREUD, 2013b/1913, p.131). A criança ainda não mostra aquela distinção, realizada pelos adultos, entre a natureza humana e a animal, reconhecendo nos animais um semelhante.

A história clínica da neurose indica que o menino é ambivalente diante do seu pai, e também diante dos seus desejos incestuosos para com a mãe. Essa

configuração psíquica se conserva para a vida adulta, mantendo as forças que representam o desejo que é proibido e a proibição, e corresponde a fase de ambivalência na infância. Significa que o desejo (inconsciente) e a proibição se deslocam indefinidamente ao longo da vida do indivíduo, mas mudando de objeto.

Em detrimento do bom entendimento entre a criança e o animal, nos casos de zoofobia a criança passa a temer algum animal que até então não lhe representava perigo algum. Segundo Freud, em cada caso em que foi possível analisar, o resultado foi o mesmo: “quando as crianças examinadas eram meninos, o medo concernia ao pai, no fundo, tendo sido apenas deslocado para o animal” (2013b/1913, p.132). No caso do pequeno Hans, tratava-se do medo de cavalos, através dele foi possível perceber em quais condições psíquicas a criança “desloca, do pai para o animal, uma parte de seus sentimentos” (2013b/1913, p.133).

São os casos de zoofobia, portanto, que poderão mostrar algo de “valioso para o totemismo” (FREUD, 2013b/1913, p.133). Há de se supor então, que, por analogia, no início da civilização, a ambivalência se fez presente de duas formas: frente uma figura de autoridade, uma espécie de pai primitivo, e no que diz respeito ao livre curso das relações sexuais. A primeira situação de ambivalência foi deslocada para o animal totêmico, e a segunda para as mulheres do clã.

O menino enxerga no pai um rival, um “concorrente no favor da mãe”, encontra-se no “complexo de Édipo” (2013b/1913, p.133). Como o ódio dirigido ao pai encontra sua corrente oposta, o amor e a admiração, o alívio para esse conflito se dá através do deslocamento dos “sentimentos hostis e angustiados para um sucedâneo do pai” (2013b/1913, p.133). Ao lado do medo de cavalos, ele também demonstra respeito e interesse por eles, sendo inegável sua “atitude emocional ambivalente em relação a ele” (2013b/1913, p.136).

Se o objeto da zoofobia é estabelecido mediante o deslocamento dos impulsos ambivalentes, durante o complexo de Édipo, dirigidos originalmente ao pai e depois ao animal, Freud propõe que o animal totêmico é um sucedâneo do pai primitivo. O primeiro resultado dessa analogia é, portanto, o seguinte: “se o animal totêmico é o pai, o teor dos dois principais mandamentos do totemismo - os dois preceitos que constituem seu núcleo, não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem - coincide com os dois crimes de Édipo” (2013b/1913, p.136).

Assim, continuou Freud, os chamados primitivos eram dominados por sentimentos contraditórios com relação ao pai, como no “complexo paterno de nossas crianças e nossos neuróticos” (FREUD, 2013b/1913, p.149). A partir da “consciência de culpa do filho” surgiram os dois tabus fundamentais do totemismo, que “justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo” (2013b/1913, p.149). Assim, foi possível afirmar que o “sistema totêmico resultou das condições do complexo de Édipo” tal como a zoofobia do pequeno Hans, mediante o deslocamento da ambivalência a um sucedâneo do pai (2013b/1913, p.137).

O totemismo pode ser considerado o primeiro ensaio de uma religião, pois expressa a tentativa de mitigar o sentimento de culpa dos filhos, obter uma reconciliação com o pai, através de sua adoração e respeito, “mediante a obediência posteriori” (2013b/1913, p.151). Todas as religiões subsequentes, assinalou Freud, mostram-se como tentativas de lidar com o mesmo problema da ambivalência, mediante o deslocamento da figura do pai para aquela de Deus.

Os impulsos conflitantes, hostis e afetuosos, não se resolvem, o que resulta em uma fixação no complexo paterno, uma corrente de excessivo amor e adoração ocultando uma outra, onde no inconsciente se desejaria a morte do pai, do totem ou da divindade. A adoração faz esquecer o acontecimento do qual deriva sua gênese, isto é, os impulsos hostis em relação ao pai. Se é possível enfatizar a consciência de culpa e arrependimento que sucedem o crime cometido pelos irmãos, o polo altruísta dessa situação, a satisfação da corrente oposta, inconsciente e egoísta, é, sem dúvida, também garantida.

Ao contrário do que poderia se pensar, a “vitória está essencialmente com as tendências que impeliram o parricídio”, concluiu Freud (2013b/1913, p.152). O elemento de “revolta do filho” é uma constante nas formações religiosas, o que evidencia a ambivalência fundamental da vida psíquica nas mais variadas sociedades e períodos históricos, a corrente hostil por trás do altruísmo.

A cena originária foi a do assassinato do pai e do canibalismo, seguido da culpa e do arrependimento. O deslocamento dos impulsos ambivalentes de amor e ódio para o animal totêmico, que não se resolvem, afinal, se mostra não só nas religiões posteriores, mas na repetição da cena originária durante o chamado banquete totêmico. A refeição totêmica é uma situação especial, aonde o animal

totêmico é ingerido pelos indivíduos do clã, reafirmando a superioridade dos irmãos sobre o pai tirânico, considerado o embrião dos atos sacrificiais das religiões posteriores. Além de ser a primeira “festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse memorável e criminoso” (FREUD, 2013b/1913, p.147-148).

Outro ponto importante é o fenômeno da culpa, após o ato de assassinato do animal que será servido ao clã. Freud entende que isso é resultado da “postura afetiva ambivalente que ainda hoje caracteriza o complexo paterno em nossas crianças e frequentemente prossegue na vida adulta”, o que segundo ele “se estenderia também ao sucedâneo do pai, o animal totêmico” (2013b/1913, p.147).

Assim, o totem seria a primeira forma de sucedâneo do pai, sobre o qual surgiu também, posteriormente, a figura do Deus monoteísta. Como Freud observou, "todas as religiões subsequentes mostram-se como tentativas de solução do mesmo problema, que variam conforme o estágio cultural em que são empreendidas e os caminhos que tomam" (2013b/1913, p.151). O mesmo grande evento com que teve início a cultura "não permitiu que a humanidade sossegasse" (2013b/1913, p.151), concluiu Freud.

Na situação criada pelo assassinato do pai, então, houve um fator que gerou, no decorrer do tempo, “um extraordinário aumento da ânsia pelo pai”, quanto menos o crime era lembrado (2013b/1913, p.155). Um evento como "a eliminação do pai pelo bando de irmãos tinha que deixar traços indeléveis na história da humanidade e achar expressão em numerosos substitutos, tanto mais numerosos quanto menos ele mesmo era lembrado" (2013b/1913, p.162-163). Assim, de um ponto de vista da cultura e da história humana, nunca se deixou de lembrar (e esquecer) tal crime, sendo a aplicação do direito, as prescrições morais e de conduta, efeitos da ambivalência constitutiva do ser humano, pelo que se deslocam permanentemente as proibições e os desejos proibidos (mas inconscientes), em um conflito não resolvido, que decorre do complexo de Édipo.

A consciência de culpa, concluiu Freud, "persiste através de milênios e continua a influir em gerações que nada podiam saber desse ato" (2013b/1913, p.165). Tal consciência de culpa, alias, sendo justificada, já que permanece a ambivalência dos nossos afetos, o complexo de Édipo, como herança do adquirido. Na psicologia individual, a mesma consciência de culpa, "essa criativa consciência

de culpa não desapareceu entre nós. Nós a vemos atuando nos neuróticos, de forma associal, a fim de produzir novos preceitos morais, continuadas restrições" (2013b/1913, p.167).

Essa consciência de culpa persiste pela "herança de disposições psíquicas, que, porém, necessitam de determinados ensejos na vida individual para se tornarem efetivas" (2013b/1913, p.166). E com isso, finalmente, Freud conclui o texto afirmando que "nenhuma geração é capaz de esconder eventos psíquicos relevantes daquela que a sucede" (2013b/1913, p.167).

7.4 A UNIVERSALIDADE DO COMPLEXO DE ÉDIPPO

Todos os indivíduos vivenciam o complexo de Édipo e, conseqüentemente, a consciência de culpa do filho. Freud teria universalizado do complexo de Édipo, para o âmbito da psicologia dos povos, assim como para a "constituição psíquica de todos os homens" (FULGÊNCIO, 2008, p.220). Em uma nota acrescentada em 1920 aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud assinalou que o "complexo de Édipo", além de ser "o complexo nuclear da neurose", o reconhecimento dele se tornou o "xibolete"²⁷ que distingue os "adeptos da psicanálise de seus opositores" (1905/2016, p.148-149).

Parece que um dos primeiros momentos em que Freud tratou do mito de Édipo foi na carta de 1897 enviada a Fliess:

Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que

²⁷ Leopoldo Fulgêncio, em sua obra *O método especulativo em Freud*, esclarece que a palavra Xibolete é uma palavra de origem hebraica, que significa espiga, e tem o sentido figurado de uma prova de pertinência à um grupo que resulta numa questão de vida ou morte. Freud considera a "divisão do psiquismo em consciente e inconsciente como o primeiro xibolete da psicanálise, a teoria dos sonhos como um deles, e o Complexo de Édipo com o xibolete da sua ciência" (FULGÊNCIO, 2008, p.208). Fulgêncio (2008, p.208) ainda considera um outro xibolete da psicanálise, mesmo que Freud não o tenha nomeado assim: "a consideração da transferência e da resistência".

não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas. (Algo parecido com o que acontece com o romance da filiação na paranóia - heróis, fundadores de religiões.) Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino; e podemos entender por que os “dramas do destino” posteriores estavam fadados a fracassar lamentavelmente. Nossos sentimentos opõem-se a qualquer compulsão arbitrária e individual [do destino], tal como é pressuposto em *Die Ahnfrau* [de Grillparzer] etc. Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porquese sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (FREUD, 1997/1897, p.199-200)

Segundo observa Costa (2016, p.108), tal afirmação se insere em um momento em que Freud não mais acreditava em sua “hipótese da sedução real dos pais sobre os filhos, transferindo-a, com isso, para o cenário da fantasia inconsciente e infantil, criação psíquica comum a todos”. Tal pensamento culminou na “tese filogenética” de *Totem e tabu* e, neste sentido, a aproximação entre o Édipo individual e o social “trouxe a Freud a possibilidade de averiguar a existência de traços arcaicos” (COSTA, 2016, p.108).

Deste modo, pode-se falar do complexo de Édipo como um “esquema ou um modelo”, a partir do qual todos os fatos, clínicos ou culturais, são resolvidos mediante ele, já que o representam intimamente (FULGÊNCIO, 2008, p.220). Segundo Fulgêncio (2008), foi apenas em 1910²⁸ que, pela primeira vez, Freud enunciou o Complexo de Édipo, a partir da escolha amorosa de certos indivíduos, que recai sobre uma mulher comprometida, assim como as consequências psíquicas dessa escolha, o que analisou em função das relações edípicas na infância.

Assim, frente à situação edípica que é apresentada à criança pela família, ela tende a reagir conforme a um modelo filogenético, não se atendo de maneira estrita somente à realidade do que foi experienciado, mas forçando a experiência conforme a fantasia e a imaginação. Nesse sentido, os esquemas filogenéticos “atuariam na coordenação do conteúdo vivido ao fornecer-lhe um fio narrativo” (COSTA, 2016, p.109). A experiência edípica foi entendida por Freud como “necessária e inescapável”, uma vez que todo ser humano já foi uma criança carente de ajuda e

²⁸ No texto Sobre um tipo particular de escolha de objeto no homem.

segurança, havendo sentimentos ambivalentes em relação aos cuidadores, o que já seria suficiente para instauração do complexo e para a “ativação de tais esquemas filogeneticamente adquiridos” (COSTA, 2016, p.109).

Com isso, Costa (2016, p.110) busca entender também se determinada moral e os sentimentos que a acompanham, já que provenientes do Édipo, podem ser compreendidas como aspectos inevitáveis para os indivíduos da cultura, ganhando ares de “repetição necessária e, com isso, de imutabilidade social”. O indivíduo moral se constitui a partir de uma dívida genealógica, que transcende a ordem do empírico, em um pai situado fora do tempo. Contudo, em detrimento desse aparente determinismo, Costa (2016, p.111) defende que tal generalidade e necessidade do complexo de Édipo “só podem existir em sentido fraco”, uma vez que é encontrado em Freud, “mas de modo mais tímido”, uma teoria que sustenta “transformações individuais e modificações sociais”.

Qual a relação entre a repetição edípica, que tornam o indivíduo imobilizado sob o signo da culpa herdada filogeneticamente, e os aspectos mutáveis nas vivências humanas e da moral? Um exemplo desses aspectos mutáveis nas vivências humanas pode ser encontrado na seguinte citação:

A humanidade nunca vive inteiramente no presente; o passado, a tradição da raça e do povo prossegue vivendo nas ideologias do Super-eu, apenas muito lentamente cede às influências do presente, às novas mudanças, e, na medida em que atua através do Super-eu, desempenha um grande papel na vida humana. (FREUD, 1933/2010, p.205-6 apud COSTA, 2016, p.111)

Costa (2016, p.111) assinala que, em tal passagem, o passado atuando no presente não aparece como completamente determinante: as tradições do Supereu mudam, “mesmo que lentamente”, o que possibilitaria a existência de uma “atuação singular a partir dos determinantes herdados” (COSTA, 2016, p.111).

Pode-se falar em um esquema edípico coletivo, que todo indivíduo repetirá inevitavelmente em seu curso de vida, mas não de uma determinada moral, de conteúdos, tradições e valores do Supereu, os quais são sempre contingentes. A dívida genealógica é com o indivíduo moral, não com essa ou aquela moral, que também é transmitida de uma geração a outra, como Freud admite acima. De modo que, mesmo sob tal determinismo, se confirme certa singularidade e historicidade, já que a escolha de certos modelos coletivos em detrimento de outros, lideranças e

identificações coletivas, transmitidas pelo Supereu, dependerão das experiências particulares do indivíduo e de uma geração de indivíduos.

Se as repetições do esquema edípico são sustentadas pelo “aspecto fantasioso” presente na construção da alteridade e da autoridade, seria mediante a própria “percepção e desvio desta sustentação fantasiosa que tais materiais repetitivos”, isto é, os conteúdos, “podem ser enfraquecidos, o que permite transformações relativas a tais determinações” (COSTA, 2016, p.112)

8 EQUAÇÃO ETIOLÓGICA: IMPRESSÃO E CONSTITUIÇÃO

No capítulo 3 de *Totem e tabu*, Freud encontrou na técnica de pensar animista a superestimação dos pensamentos em detrimento da realidade, em profunda concordância com a elevada estimacão dos atos psíquicos dos neuróticos. O neurótico, assim como a criança e o chamado selvagem, não deixa de tomar como real aquilo que é apenas associado ao nível das ideias, o que se deve claramente a força do seu desejo. Como observou Freud, a “realidade exterior é algo secundário”, o neurótico recorda de vivências “que apenas na sua fantasia ocorreram daquela forma” (FREUD, 2013b/1913, p.86).

Assim, também não se compreenderia a consciência de culpa dos neuróticos, “caso pretende-se relacioná-la a malfeitos reais” (2013b/1913, p.86). Ainda que, em última análise, esses fenômenos “remontem a acontecimentos reais ou sejam construídos com base neles” (FREUD, 2013b/1913, p.86). Mas de onde se originaram essas fantasias, então? Quais eventos reais são esses? É que, como observa Monzani (1992), se o evento não aconteceu na vida do indivíduo, ele certamente tem lastro no real vivido pela espécie, que fornece a matriz para o desenvolvimento ontogenético.

Já observamos antes que o recurso filogenético se impõe como uma exigência própria da teoria psicanalítica, na medida em que Freud desacreditava na sua teoria da sedução, do real da vivência do indivíduo. Um dos motivos da descrença parece ter sido que, se tal hipótese procedesse, teria de se aumentar em muito o número de cuidadores culpados pela sedução das crianças. Tal número de pais sedutores parecia-lhe improvável, e cada vez mais Freud percebia se tratar das fantasias de seus pacientes, e não de eventos e mal-feitos reais. Casos como o do Homem dos Lobos, indicavam, segundo ele, a existência independente do esquema filogenético.

Assim, foi concebido que os pacientes representam (na fantasia) o complexo de Édipo, conforme uma disposição para tal. A hipótese da fantasia atribuía, então, maior peso aos fatores inatos, internos ao sujeito, que representa o complexo de Édipo, que lhe foi transmitido como herança da espécie. O modelo edípico vivenciado e fornecido pela família, seria preenchido pela imaginação, pelos

esquemas filogenéticos adquiridos e herdados, já que o complexo de Édipo seria da ordem do adquirido e transmitido entre as gerações (e também do inevitável).

O que é menos notado, é que o fantasiar tem respaldo na história evolutiva da espécie, no pensamento animista, enquanto esse fantasiar constitui o psiquismo na infância por que foi o sistema de pensamento dos nossos ancestrais.

A consideração etiológica sobre o que seria da ordem do ambiente, do externo, e do hereditário e interno, aparece aproximadamente em 1895, antes mesmo dos *Três ensaios*. Com a publicação deste texto em 1905, os fatores ambientais, a sedução, parecem receber o destaque nas considerações teóricas. Mas mesmo na primeira edição, mesmo que timidamente, encontramos também a consideração do fator hereditário. Em 1915, na terceira edição do texto, finalmente, o desenvolvimento da libido individual é postulado com todas as palavras como repetição do desenvolvimento filogenético.

Winograd (2007b) observa que foi em 1916, em uma conferência proferida nos Estados Unidos, que a noção de séries complementares foi pela primeira vez mencionada por Freud. Em todos os casos de neurose, observa a autora, a frustração da libido durante a vida adulta está presente, como uma “causa específica”, mas não suficiente, pois para que haja efeitos patógenos é preciso verificar a constituição de quem ela afeta (WINOGRAD, 2007b, p.308). Assim, de um lado, a frustração da libido é considerada o “fator externo acidental na causação das neuroses, de outro, a fixação da libido ocupa o lugar do que Freud chamava de fator constitucional predisponente” (WINOGRAD, 2007b, p.309).

A constituição, isto é, a fixação da libido, depende de fatores inatos aos quais se somam as experiências da mais tenra infância, formando a predisposição para neurose. A pré-disposição se junta aos fatores da vida adulta e, preenchendo as condições necessárias, resulta na neurose. No primeiro nível, para nós mais importante, “há a conjugação entre o que trazemos à vida e o que a vida nos traz”, ou seja “é preciso considerar, ao lado dos aspectos ontogenéticos individuais, a dimensão filogenética relativa à evolução da espécie humana e às propensões da espécie para a neurose e psicose” (WINOGRAD, 2007b, p.312).

As vivências edípicas familiares, por sua vez, despertam o esquema edípico que foi herdado, como uma resposta uniforme em todos os indivíduos. A fantasia e

a imaginação forçam a experiência ao esquema filogenético. Nas palavras de Freud, como deixou claro em um de seus textos técnicos chamado *Sobre a dinâmica da transferência*, de 1912:

Que fique claro para nós que, através da junção de predisposições inatas e influências durante os anos de infância, todas as pessoas adquiriram uma determinada idiosincrasia ao conduzirem a sua vida amorosa, ou seja, daí vêm as condições que a pessoa estipula para o amor, as pulsões a satisfazer e as metas almejadas. Isso resulta, digamos, em um clichê (ou em vários deles), que ao longo da vida é repetido regularmente, é reeditado, na medida em que condições externas e a natureza dos objetos amorosos acessíveis (FREUD, 2017a/1912, p.107-108).

9 CONCLUSÃO

A ênfase inicial nos aspectos contingentes vivenciados pelo indivíduo, como mostramos em diversas notas de rodapé em nossa análise dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, não pressupunha qualquer privilégio em detrimento dos fatores inatos e instintuais, já levados em conta como particularidades pessoais. Ler tal obra, colocando-a em termos de, ou singularidade, contingência, ou determinismo e instintualidade, parece-nos pouco esclarecedor de seu sentido dentro do *corpus teórico* da psicanálise freudiana.

É certo que, se tomamos por dado o que Freud nos diz, parece haver, por vezes, a intenção de abandonar o pensamento biológico. Ele afirma, entre outras, que até então tem se dado maior importância aos fatores hereditários que as causas mais próximas, que dizem respeito a infância e as vivências contingentes de cada indivíduo. Tentamos mostrar que existe, mesmo na primeira edição do texto, mas mais timidamente, a consideração do fator hereditário. Não haveria, assim, privilégio dos fatores acidentais, como se pode pensar em algo da ordem da singularidade, em detrimento dos constitucionais, que ligam o caso particular ao geral.

Tomando os *Três ensaios* em suas sucessivas edições, e em uma visão de conjunto com *Totem e tabu*, perceberemos o jogo entre hipóteses filogenéticas e ontogenéticas. Freud retorna ao primeiro texto, em 1915 na sua terceira edição, acrescentando notas e capítulos que estendem as ideias do segundo texto para o primeiro. Foi assim que, entre outras, ele postulou que a ontogênese é uma breve recapitulação da filogênese, e que teceu diversas analogias entre a vida psíquica da criança, do chamado primitivo e do neurótico, em um lastro de continuidade.

Parece-nos acertada uma visão de conjunto entre as hipóteses ontogenéticas e filogenéticas, que só percebemos, porém, se acompanhamos o movimento do pensamento freudiano ao longo dos textos por nós investigados. Freud nunca abandonou a biologia, em *Moisés e o monotismo* ele notou que sua teoria não poderia passar sem o fator da herança do adquirido, sem o lastro filogenético. Como viemos mostrando, e para quem pretende aprofundar essa discussão, a razão pela qual ele nunca a abandonou se encontra no problema entre a teoria da sedução e da fantasia.

Adentramos muito rapidamente nesse problema, que diz respeito a teoria da sedução e da fantasia, sem mapear toda a discussão e os textos relevantes para tal, pois exigiria outra dissertação para tanto. O fizemos apenas para mostrar como há uma matriz biológica que leva a constituição da filogênese em *Totem e tabu*, e como ela se justifica por certas razões internas à obra freudiana, o que Freud não explica nas duas principais obras que analisamos.

De tal modo, não chegamos a uma redução da sexualidade inconsciente ao mero instinto sexual pré-formado, tampouco a uma exclusão do pensamento biológico. Observamos que, alias, foi esse caminho, entre historicismo e biologismo, que se prestaram alguns leitores a explicar Freud, escolhendo um dos lados. Como se estivesse em questão a presença da biologia no discurso psicanalítico freudiano, tão marcante nos *Três ensaios* e em *Totem e tabu*, mas já um modelo explicativo ao menos desde a publicação pré-psicanalítica de *Sobre a concepção das afasias*, texto que nos serviu de apoio para introduzir nossa discussão.

Se é certo que o conceito de sexualidade inconsciente não se reduz ao instinto sexual dos animais, com suas metas e objetos determinados, também o é que Freud faz uma genealogia do inconsciente, lastreando o indivíduo na espécie, o que pretende ao menos desde *Interpretação dos sonhos*. O fenômeno da regressão nos sonhos e nas patologias revelam o modo de ser infantil, o funcionamento primário, que por sua vez esconde a infância da humanidade, uma vez que a infância seria uma breve repetição da evolução da espécie. Freud menciona Nietzsche, que para ele foi um dos primeiros a notar que os sonhos são uma revivescência de nossa infância filogenética, e observa que a psicanálise faz parte também daquelas ciências que pretendem realizar a reconstituição dos primórdios da raça humana.

Traçar minimamente o percurso genealógico da genealogia do inconsciente, que nos leva, afinal, até *Totem e tabu*, foi um ponto estratégico para apresentar nossa argumentação, em se tratando de uma leitura acadêmica e de exegese do texto freudiano, que pretende trazer ao leitor as fontes e explicar o pensamento do autor. Contudo, talvez tenhamos omitido considerações importantes, que nos fariam modificar alguns dos nossos resultados, pois nos faltou muito para ir além dos *Três ensaios* e de *Totem e tabu*, e investigar como Freud recorre a biologia em outros textos, se, por exemplo, ele modifica ou abandona suas ideias. Quando tomamos outros textos, eles ocuparam um lugar secundário em nossa análise, foram analisados menos em suas

diferenças que naquilo que contribuem para o entendimento de como se constitui a filogênese em *Totem e tabu*.

REFERENCIAS

ARMILIATO, V (2014). O sintoma histórico a partir da perspectiva causal da psicanálise freudiana. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Escola de Educação e Humanidades. Curitiba, PR.

BARBOSA, M. N. P. e SANTOS, M. A. (2005) Considerações sobre a dimensão biológica do conceito de pulsão em Freud. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18(2), pp.162-170. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27466.pdf>> Acesso em 22 dez 2017.

BLUM, V. L. (1998) **O estatuto das entidades metapsicológicas à luz da teoria kantiana das idéias**. Campinas, SP: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência.

CANDIDO, C. L. (2003) Freud: um monista mentalista? **Psicologia: teoria e pesquisa**. Vol.19, n.2, Mai-Ago, pp.127-133.

CAROPRESO, F. (2010) A influência de Hughlings Jackson sobre a teoria freudiana da memória e do aparelho psíquico. In: MURTA, C.,; BOCCA, F.V.; SIMANKE, R.T. (orgs.) **Psicanálise em perspectiva II**. Curitiba, PR: CRV, pp.21-35

CORRÊA, F. S. (2015) **Filogênese na metapsicologia freudiana**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

CORRÊA, F. S. (2005) O processo de hominização: Freud interpretando Nietzsche. **Revista de Filosofia**, Curitiba, v.17, n.20, pp.85-98, jan./jun. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/8531/8204>> Acesso em 22 dez 2017.

COSTA, V. H. F. (2016) Questionamentos sobre filogênese e história em Freud. **Ipseitas**, São Carlos, vol.2, n.1, pp.101-114, jan-jun. Disponível em <<http://www.revistaipseitas.ufscar.br/index.php/ipseitas/article/view/75>> Acesso em 12 nov 2018.

DELOUYA, D. (1992) O biológico em Freud: “corpo estranho ou heresia”? **Percursos: Revista de Psicanálise**, 4, pp.39-45. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000200003> Acesso em 12 out 2017.

FERRETTI, M. G. (2014) Ontogênese e filogênese em Freud: uma visão de

conjunto. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP.

FONSECA, E. R. (2008) *Psiquismo e vida: o conceito de impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, SP.

FREUD, S. (1997). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (Carta 71) In: FREUD, S. **Publicações psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1886-1889]) Disponível em <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-01-1886-1889.pdf>> Acesso em 7 set 2018

FREUD, S. (2001). **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

FREUD, S. (2010a) **Introdução ao narcisismo**. In: S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol.12, pp.13-50). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

FREUD, S. (2010b) **Além do princípio do prazer**. In: S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol.14, pp.161-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

FREUD, S. (2010c) **O mal-estar na civilização**. In: S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol.18, pp.13-122). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

FREUD, S. (2010d) **O inconsciente**. In: S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol.12, pp.99-150). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)

FREUD, S. (2010e) **Considerações atuais sobre a guerra e a morte**. In: S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol.12, pp.209-246). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)

FREUD, S. (2010f) **História de uma neurose infantil [“O Homem dos Lobos”]**. In: S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol.14, pp.13-160). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918)

FREUD, S. (2013a). **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. (E. B. Rossi, trad.) Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1891)

FREUD, S. (2013b) **Totem e tabu**. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)

FREUD, S. (2014). **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados**. (P. H. Tavares, trad.) Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1940)

FREUD, S. (2016). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol.6, pp.13-172). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

FREUD, S. (2017a) Sobre a dinâmica da transferência In: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. (C. Dornbusch, trad.) Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1912), pp.107-120.

FREUD, S. (2017b). **As pulsões e seus destinos**. (P. H. Tavares, trad.) Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)

FREUD, S. (2018). **Moisés e o monoteísmo**. In: S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol,19, pp.13-188). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939)

FULGÊNCIO, L. (2008) **O método especulativo em Freud**. São Paulo, SP: EDUC.

IANNINI, G. (2017) Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. (P. H. Tavares, trad.) Belo Horizonte, MG: Autêntica, pp.91-134.

LACAN, J. (2005) **O seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

LAZZARINI, E. R. e VIANA, T. C. (2006) O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol.22, n.2, mai-ago, pp.241-250. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722006000200014&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em 23 fev 2018.

MARIGUELA, M. A. (2001) Freud e Nietzsche: ontogênese e filogênese. **Impulso**, n25, pp.103-110. Disponível em <https://marciomariguela.com.br/wp-content/uploads/2010/04/frued_nietzsche_impulso28.pdf> Acesso em 15 set 2017.

MARTINS, E. C. (2010a) Freud e a biologia evolucionária. In: MURTA, C.; BOCCA, F.V.; SIMANKE, R.T. (orgs.) **Psicanálise em perspectiva II**. Curitiba, PR: CRV, pp.37-61.

MARTINS, E. C. (2010b) Ontogênese e filogênese em Freud. **Revista AdVerbum**, 5 (2): Ago- Dez, pp.69-89. Disponível em <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol5_2/05_02_04freudontofilogense.pdf> Acesso em 15 set 2017.

MONZANI, L. R. A (1991) “fantasia” freudiana. In: PRADO JR, B.; MONZANI, L. R. e GABBI JR, O. F. **Filosofia da psicanálise**. São Paulo, SP: Brasiliense, pp.73-109.

MURTA, C.; BOCCA, F. V. e SIMANKE, R. T. (orgs.) (2010) **Psicanálise em perspectiva II**. Curitiba, PR: CRV.

PRADO JR, B.; MONZANI, L. R. e GABBI JR, O. F. (1991) **Filosofia da psicanálise**. São Paulo, SP: Brasiliense.

RITVO, L. B. (1992) **A influência de Darwin sobre Freud**: um conto de duas ciências. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

SIMANKE, R. T. (2011) A construção da oposição entre Lamarck e Darwin e a vinculação de Nietzsche ao eugenismo. **Scientle studia**, v.9, n.4, pp.791-820.

SIMANKE, R. T. (2014a) O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. **Scientle studia**, v.12, n.1, pp.73-95.

SIMANKE, R. T. (2014b) O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. **Scientle studia**, v.12, n.3, pp.439-64.

TAVARES, P. H. (2013) O estudo sobre as afasias: o grande “apócrifo” de Freud. In: FREUD, S. **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. (E. B. Rossi, trad.) Belo Horizonte, MG: Autêntica, pp.7-13.

TAVARES, P. H. (2017) Sobre a tradução do vocábulo Trieb. In: FREUD, S. **As**

pulsões e seus destinos. (P. H. Tavares, trad.) Belo Horizonte, MG: Autêntica, pp.73-90.

WINOGRAD, M. (2007a) Freud e a filogenia anímica. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v19, n.1, p.69-82, Jan./Jun. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100006> Acesso em 10 jan 2018

WINOGRAD, M. (2007b) Disposição e acaso em Freud: uma introdução às noções de equação etiológica, séries complementares e intensidade pulsional no momento. **Natureza Humana**, 9(2), pp.299-318, jul-dez. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200004> Acesso em 15 jan 2018.

WINOGRAD, M. e MENDES, L. C. (2009) Qual corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud. **Psicologia: Teoria e Prática**, 11(2), pp.211-223. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000200015> Acesso em 15 jan 2018.